

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 4 DE ABRIL DE 1970 N.º 16 985 ANO 49.º PREÇO 1\$50

COMPRE JOGO
no
CAMPLÃO
LOTARIA — TOTOBOLA

ABOLIÇÃO DO ESTÁGIO



Aspecto da assistência à reunião dos futuros agrónomos

—propuseram os futuros agrónomos

«Num momento em que no panorama agrário português se continuam a adensar os tons negros, e em que, com cepticismo quanto ao futuro, se toma conhecimento do baixo numero dos licenciados anualmente nas Escolas Superiores de Agronomia e Veterinária é evidente o desperdício e contra-senso que representa o facto de depois de cinco anos de curso (que é já de si longo e criticável) se torçarem os alunos de Agronomia a um estágio com a duração média de cerca de dois anos e meio.»

Esta é uma das afirmações que se podem ler num memorando entregue por uma comissão eleita dos alunos estagiários do Instituto Su-

perior de Agronomia ao Conselho Escolar daquele estabelecimento de ensino no passado dia 16 de Fevereiro. Esse memorando acompanhava uma proposta de alteração do regime de estágio. Como não tivessem obtido resposta do Conselho Escolar, os estagiários dos cursos que completaram o quinto ano em 1968 e em 1969 promoveram anteontem no anfiteatro do I. S. A. uma segunda reunião para discutirem os passos a dar no sentido de verem resolvido o problema.

(Continua na 13.ª página)

O chanceler Brandt a caminho dos EUA

BONN, 4 — (F. P. e R.) — O chanceler Willy Brandt partiu esta manhã, às 9 horas T.M.G., do aeroporto militar de Bonn-Colônia, com destino aos Estados Unidos.

«As minhas conversações com o presidente Nixon destinam-se a melhorar, não já as relações germano-americanas, mas a cooperação entre a comunidade europeia e os Estados Unidos», declarou o chanceler antes de partir.

«Evidentemente que falaremos das relações Leste-

-Oeste, apreciando globalmente os vários esforços pelos países da N.A.T.O. e outros no sentido de promover o entendimento entre o Ocidente e o bloco socialista. A tal respeito, há profundo acordo entre os pontos de vista americano e alemão», acrescentou Brandt.

O chanceler viaja acompanhado por Egon Bahr, secretário de Estado da Informação. Durante a semana que passa nos Estados Unidos, terá reuniões de trabalho com o presidente

Nixon e com o secretário de Estado, William Rogers. Além disso, assiste em Cape Kennedy, com o vice-presidente, Spiro Agnew, ao lançamento da Apollo-13.

O chanceler que efectua a sua primeira visita aos Estados Unidos desde que assumiu o seu mandato em Outubro último, não é estranho quer para o presidente Nixon, quer para a cena americana.

Conhece o presidente há 16 anos e visitou frequentemente a capital norte-americana tanto como burgomestre de Berlim-Oeste como ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país.

Entre as muitas questões vitais a serem discutidas nas conversações oficiais de dois dias entre o chanceler e o presidente, que se iniciam na próxima terça-feira, Brandt projecta dar prioridade à da competição do Euromercado.

Sondará a ideia de criar uma repartição especial de ligação para tratar de pro-

(Continua na última página)

A população do País contaminada por DDT

«O D.D.T. contaminou todo o País», segundo afirmação proferida numa reunião que decorreu no Laboratório de Fitofarmacologia da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Análises feitas ao leite de vaca e a outros alimentos, principalmente vegetais, bem como a leite humano (recolhas feitas na Maternidade Alfredo da Costa) acusaram resíduos de D.D.T. No entanto, segundo a O. M. S., o fumo de cigarro é mais grave que aquele pesticida.

(LER NOTÍCIA NA PÁGINA 2)

PROFESSORES QUE, EMBORA NÃO EXERCENDO O MAGISTÉRIO, ESTEJAM EMPREGADOS EM ESTABELECIMENTOS PARTICULARES DE ENSINO PODERÃO VIR A SER ABRANGIDOS PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO (AINDA EM PROJECTO) QUE O SINDICATO NACIONAL DOS PROFESSORES DISCUTE EM ASSEMBLEIA GERAL, COM VISTAS A ELABORAÇÃO DE PROPOSTA A APRESENTAR AO GRÊMIO

(LER REPORTAGEM NA PÁGINA CENTRAL)



HOJE 48 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

ARTE NO BRASIL

O arq. Augusto Carlos da Silva Telles, professor da Universidade do Rio de Janeiro, foi ontem ao auditório da Fundação Calouste Gulbenkian falar da «Introdução ao Estudo da Arquitectura no Brasil — distribuição geográfica e sua tipologia; as grandes zonas de aculturação». O prof. Silva Telles iniciou a sua conferência, aludindo à extensão territorial do Brasil e às fases da sua colonização, referindo-se, obviamente, aos ciclos económicos, entre os quais o da cana do açúcar no Nordeste e no Recôncavo baiano. Mais adiante, o conferencista traçou alguns aspectos relacionados com o conhecimento do interior do Brasil, deu algumas notas sobre a área semi-árida do Nordeste e no vale de D. Francisco, para depois citar a ocupação holandesa da Baía e do Nordeste e suas consequências. Deu, a seguir, alguns apontamentos sobre o ciclo do ouro e das pedras preciosas, etc. Prosseguindo, o prof. Silva Telles aludiu então à demarcação do Tratado de Madrid e ao surto de colonização da Amazonia, para mostrar depois as características gerais dos núcleos urbanos e dos monumentos de arquitectura nas diferentes áreas — Nordeste, Baía, Rio de Janeiro — e existentes no Brasil, conforme os materiais empregados e igualmente existentes nas referidas áreas, assim como as principais características dos programas e das influências recebidas. Destacou sugestões de identidades e de divergências entre os monumentos de arquitectura existentes no Brasil e em Portugal e no final apresentou uma série de diapositivos dos monumentos do Brasil e de Portugal.

O MUNICIPIO DE AVEIRO

O presidente da Câmara Municipal de Aveiro, dr. Artur Alves Moreira, apresentou à Imprensa os projectos para o entroncamento das avenidas Eng.º Von Hafe e Dr. Lourenço Peixinho. Informou, particularmente, que para que as reuniões possam ter a presença de publico, passará a efectuar-se às segundas-feiras à noite. Isso permitirá aos munícipes tomar mais directo contacto com a administração camarária.

NOVO ADMINISTRADOR DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

No gabinete do ministro das Finanças, tomou ontem posse do cargo de administrador da Caixa Geral de Depósitos o eng.º Adelino Augusto Nogueira da Costa. Era até há pouco governador do Crédito Predial Português.

JUSTIÇA

No 2.º Juízo Criminal da Boa Hora respondeu Fernando do Nascimento, de 29 anos, que em 4 de Janeiro atingiu um enteado a pontapé, matando-o. A pobre criança tinha 22 meses. Chamava-se Agostinho Teixeira Paiva Cardoso e o caso ocorreu na Quinta do Narigão, à Avenida do Aeroporto. Foi condenado em 12 anos de prisão maior, 25 contos de indemnização à mãe da vítima e 2500 escudos de imposto de justiça.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros; José Vicente de Abreu, deputado pelo círculo de Portalegre; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar; eng.º José Rodrigues dos Santos, Luís C. Lupi e eng.º Armando Telo da Gama.

TODOS OS PORTUGUESES ESTÃO CONTAMINADOS POR DDT — dizem os fitofarmacologistas

«Toda a população do País está contaminada por DDT» — foi afirmado durante a reunião promovida pelo Laboratório de Fitofarmacologia da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e que decorre na Estação Agronómica de Oeiras.

Esta frase foi a conclusão a que técnicos chegaram depois de terem encontrado resíduos daquele produto em análises feitas a mais de 300 recolhas de leite de vaca em todo o País e a outros alimentos, principalmente vegetais. A confirmar esta frase, foi ainda tornado público que 20 recolhas de leite humano, provenientes da Maternidade Alfredo da Costa acusaram — todas elas — resíduos de DDT.

Saliente-se, no entanto, que ainda recentemente a Organização Mundial de

Saúde, considerou mais grave o fumo de cigarro do que os resíduos de DDT que o organismo humano absorve.

Foi posto ainda em relevo que os cuidados efectivos que por todo o Mundo

os países estão a tomar poderão por em perigo a exportação de concentrado de tomate português, logo que este ultrapasse no mínimo a percentagem de resíduos de pesticidas.

A sessão de ontem foi a última e foi dedicada à comercialização ilegal de produtos e à homologação e toxicologia dos pesticidas. A assistência pôs em causa que se tivesse gasto algumas centenas de contos em campanhas educativas em que poucos resultados alcançaram, de acordo com as informações recolhidas por todo o País, discutiu-se ainda se deveria (ou não) entregar campanhas deste tipo a especialistas públicos, mas também aqui não se chegou a nenhuma conclusão.

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS

O subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Nogueira de Brito, recebeu a direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas, com quem tratou de problemas de interesse para a classe.

AS PESTES DA INFORMAÇÃO

Quando o redactor do «Diário de Lisboa» entrou em contacto com um dos responsáveis pela reunião dos fitofarmacologistas sobre pesticidas, em Oeiras, pedindo-lhe informações muito simples que eram apenas: «Quem está na mesa, quem faz a exposição e quais os assuntos a serem debatidos?», foi-lhe dito, aliás simpaticamente, que essas informações seriam fornecidas por escrito «para evitar enganos lamentáveis e gralhas que deturpem os sentidos das coisas e firam a susceptibilidade das pessoas».

Embora cogitando a um canto que é triste ser-se jornalista onde se desconfia dos profissionais da Imprensa, o nosso redactor aguardou paciente-mente, depois de ter explicado a urgência com que necessitava de tais informações. Entretanto passou-se uma hora. Na primeira fila do anfiteatro duas pessoas debruçavam-se afanosamente sobre o papel, no fim de contas para apenas informar um repórter sobre quem estava na mesa, o nome de quem falava e os pontos da agenda. Transcorrido esse tempo, os papéis foram entregues aos responsáveis, na mesa da presidência. Foram lidos, relidos, voltados a ler, e emendados, rectificadados e corrigidos.

E quando ao longe o redactor sentiu a alegria de ver, certamente a reportagem da sua vida, a caminho da poltrona, que modestamente ocupou no anfiteatro, alguém responsável recomendou ao portador que «tirasse uma cópia».

Al, o redactor levantou-se, chamou o igualmente paciente repórter fotográfico e saíram os dois para escrever a notícia, depressa, porque há leitores e horários a respeitar.

Como esse redactor é estúpido!

Todo esse tempo para pensar que ninguém — nem os fitofarmacologistas, agrónomos, etc. — têm o direito de tratar um repórter como nem se deve tratar um contínuo que vai pedir um comunicado. Todo esse tempo para descobrir que cada vez mais se impõe a necessidade de eliminar das páginas dos jornais portugueses esse jornalismo social, esse jornalismo onomástico de que os congressistas, coluístas, assistentes de casamentos, etc., tanto gostam. Um jornal é um serviço de utilidade pública, feito com uma urgência que só os seus profissionais entendem. Não é uma coluna mundana nem um boletim de quaisquer comissões, repartições ou secções.

Assim, para evitar incómodos ao leitor nem ferir susceptibilidades, não damos nome algum da nossa notícia.

De facto, com tantas susceptibilidades, não o será tão depressa quanto o desejam que os portugueses com o nome de pesticidas nos alimentos.

JOAQUIM LETRIA

CEM MÉDICOS AMERICANOS EM LISBOA

Encontra-se em Lisboa, um grupo de cerca de 100 médicos norte-americanos, membros da Ohio Academy of General Practice.

Na segunda e terça-feira, das 9 às 12 horas, realiza-se no âmbito desta visita, no anfiteatro do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, uma série de conferências por médicos americanos e portugueses.

A LÃ É NOTÍCIA

NA VANGUARDA DA MODA

DESDE A ANTIGA GRÉCIA ATÉ AOS NOSSOS DIAS

A lã, matéria-prima de utilidade e prestígio milenários, tem-se conservado na vanguarda da moda desde sempre. Trata-se, por assim dizer, de um produto de classe milenária: eram de lã as túnicas dos filósofos gregos e dos senadores romanos; de lã os vastos mantos dos senhores medievais e das elegantes da Renascença; de lã, ainda, os

xaltes românticos das bebedas oitocentistas e, decerto, a sobrecasaca de Byron ou a capa de George Sand.

De Petrólio ao Beau Brummel, de Brummel ao «play-boy» a lã especializou-se: cada vez mais cuidada no fabrico, mais aperfeiçoada nas técnicas de acabamento.

São de lã, hoje, os «tailleurs» de Sophia Loren, al-

guns dos santos estampados de Begun, os pijamas de Farah Diba. De Pura Lã Virgem — leve, natural, inimitável, tal como o eterno «charmes» feminino, o que é como quem diz, tal como o eterno gosto da verdadeira elegância.

«Cherchez la femme» dizem os franceses de ontem; «cherchez la femme» dizem os grandes costureiros de hoje.

Cardin, Balmain, Givenchy, Saint-Laurent, vestem de Pura Lã Virgem as elegantes de todo o mundo. Espessa, discreta e quente no Inverno. Leve, confortável e alegre na Primavera.

«Diário da Manhã»

Entrou no 40.º ano de publicação o «Diário da Manhã», a cujos director e subdirector, respectivamente, srs. drs. Barradas de Oliveira e João Patrício e aos seus colaboradores apresentamos cumprimentos.

Música de Câmara na Póvoa de Varzim

PÓVOA DE VARZIM, 4 — No programa de concertos musicais organizado pela Sociedade de Empreendimentos Turísticos (Sopete) e com o patrocínio da Câmara Municipal, há hoje, às 21 e 30, no salão nobre do Monumental Casino, um recital pelo quarteto de cordas do Porto.

O programa inclui composições de Mozart, Luís Costa e Darius Milhaud.

PARA UMA VIDA FELIZ

NA CONTINUAÇÃO DA CAMPANHA DE DIFUSÃO DA MENSAGEM CRISTÃ, PROMOVIDA PELO MOVIMENTO DOS HOMENS CRISTÃOS DE NEGÓCIOS, A PRÓXIMA REUNIÃO TERÁ LUGAR NO TEATRO MONUMENTAL, NO DIA 6 DE ABRIL — SEGUNDA-FEIRA — PELAS 21 HORAS.

— ENTRADA LIVRE —

Os bilhetes poderão obter-se, gratuitamente, nas bilheteiras do teatro, a partir das 17 horas do próprio dia

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

A TAILÂNDIA, UM REINO SEM CONTESTAÇÃO

I—LONGE DO VIETNAM?

Os recentes acontecimentos na Indochina são fonte de inquietação para todos os governos da península. As autoridades de Phnom-Penh decidiram pôr fim, por todos os meios, à presença das tropas norte-vietnamitas ou à da Frente de Libertação Nacional em território cambojano. Contudo, pedem a reativação da comissão internacional de «controle» para obter uma regulamentação política deste caso. O Governo de Saigão preocupa-se com as migrações dos naturais do seu país, provenientes do país vizinho, e recusa, como declarou o general Ky, vice-presidente da República, que uma guerra civil venha a rebentar no Camboja.

A penetração das forças do Pathet Lao e das tropas norte-vietnamitas na Planície dos Jarros não exerce apenas a sua influência no interior das fronteiras ocidentais. A Tailândia sente-se ameaçada; como afirmou o general Prapas, vice-presidente do conselho, os êxitos conseguidos pelos comunistas no Laos encorajam os rebeldes antigovernamentais da Tailândia. Segundo o general, a guerrilha comunista das regiões setentrionais está a transformar-se numa verdadeira guerra convencional.

BANGUECOQUE — As dificuldades parecem acumular-se. Sobretudo de há dois anos para cá, as actividades de nucleos de insurrectos no Norte, Nordeste e Sul do reino começaram a chamar mais a atenção. O auxílio americano, substancial nestes últimos cinco anos, vai atenuando pouco a pouco, um nível mais modesto. A expansão económica, assaz notável durante o mesmo período, po-

de vir a ressentir-se por esse facto, numa altura em que os desequilíbrios de crescimento surgidos entretanto terão cada vez mais necessidade de ser corrigidos. A Tailândia tem que ocupar finalmente o seu lugar na Ásia do pós-guerra.

O espírito de um patriarca, falecido há vários anos, anunciou em Janeiro que sérias perturbações poderiam ocorrer no reino. Encarregado de

la indochinesa e na qual está envolvida a maior potência mundial? A Tailândia teria, pois, vivido durante cinco anos pela hora do Vietnam. Talvez também pela hora da América, mas um pouco à sua maneira.

Uma agência de colocação propunha ultimamente trabalho para professores primários (950 a 1000 bahts (ou seja cerca de 1097\$50 a 1445\$00) assim como para massagistas e entrainenses (800-1500 bahts, ou seja cerca de 1156\$00 a 2167\$50). A presença americana evoca fatalmente os «cabarets» de New Petchburi Road em Banguecoque, os hotéis de grande luxo para turistas ricos, e de semiluxo para soldados expatriados, os terrenos, imóveis, casas para arrendar, tantos serviços a prodigalizar, os dos cabeleireiros, do artesanato, dos massage-par-

patrados no dia 31 de Janeiro do corrente ano). Os tailandeses aderiram em 1954 à OTASE (Organização do Tratado do Sudeste Asiático), aprovaram a política vietnamita de Johnson, enviaram, não sem hesitações, doze mil homens para a frente de combate, acolheram os bombardeiros americanos no seu solo, assinaram vários acordos bilaterais com os E. U. A Terço ficado surpreendidos ou desamparados, quando o «slogan» lançado pelo presidente Nixon, em Julho passado, em Guam — «A Ásia para os asiáticos» — veio fechar o parêntesis aberto por John Foster Dulles, que, dezasseis anos antes, saudou no pacto de Manila «a doutrina de Monroe da Ásia». A Embaixada da U. R. S. S. em Banguecoque nunca se pôs de parte; por detrás dos seus altos muros, inergulha os olhos no Klong Sathorn. Os tailandeses não esperaram pela visita do chefe da Casa Branca para (como o primeiro-ministro marechal Thanom Kittikachorn tinha dito em Abril) «proceder a certos ajustamentos a fim de nos avistarmos com os representantes dos países comunistas». Os dirigentes tinham proposto trocas comerciais com a China, bem como com países como a Hungria, Bulgária e Polónia. Nas situações difíceis, é conveniente arranjar garantias de diversos lados...

Numa aldeia do Norte do reino — conta uma testemunha que gosta de alegorias — dois jovens implicados numa agressão foram condenados pelo tribunal a seis meses de prisão. No dia em que foram libertados, as duas famílias foram buscadas à prisão e levaram-nos imediatamente ao pagode da aldeia para a purificação do costume. Mas o grupo dirigiu-se em seguida a um outro pagode, não muito distante do primeiro, para recomençar a cerimónia. Os parentes não estavam muito convencidos de que a primeira visita fosse suficiente; ou talvez duvidassem, muito simplesmente, dos poderes do bonzo. Por isso tomaram o partido da prudência. Não quiseram «meter todos os ovos no mesmo cesto».

O bombú verga sob o vento

Falando dos siameses que visitou no século passado, já o abade Launay dizia que «a natureza e a religião fizeram dos siameses um dos povos mais cépticos do Extremo-Oriente, que em nada crê nem nada nega, com a convicção de uma firme consciência». Não devem ter ficado com ilusões nenhuma, quando Nixon, num momento de inspiração que o acometeu em território tailandês, lhes afirmou que os E. U. A. «se manteriam orgulhosamente ao lado da Tailândia contra todos os que a ameaçassem tanto do exterior como do interior». Cláusula de estilo?

Sem compensação, ficaram indignados com o processo de ubiquidade que os E. U. A. intentaram contra eles no ano passado. Afinal de contas, diziam eles, foi o presidente Johnson que quis, a todo o preço, que o mundo o acompanhasse no Vietnam e foi o seu representante em Banguecoque que, em 1967, qualificou o empenhamento americano na Tailândia de «total e irreversível». Isso significava, segundo a sua

loirs, dos motoristas, dos transportes climatizados das orquestras filipinas... tudo isso ao mesmo tempo, para cento e vinte cinco mil «turistas», setenta mil soldados vindos do Vietnam em R. & R. (Rest and Recreation, descanso e recreio) e cinquenta mil «residentes», os que vivem nas bases em U-Don, Nakhon-Phanom, Sakhon-Nakhon, Lopburi, Roi-Et, Korat, Sattahip, que querem praias aos domingos, que empregam ao seu serviço quarenta e quatro mil tailandeses e que distribuíram rendimentos por umas cinquenta mil famílias, em 1967-1968, no auge do «boom vietnamiano».

Esta presença americana representa igualmente um sério contributo à expansão



O rei Phumiphol (aqui com o traje de sacerdote budista) tem a sua capota a noventa minutos de Saigão

económica — divisas, estradas, projectos de desenvolvimento, em suma: recursos suplementares que se elevam a cem milhões de dólares (cerca de 289 000 contos) anuais — e a luta contra a insurreição: conselheiros, equipamento moderno, investigações sobre as minorias étnicas e os movimentos insurrectos...

«Certos ajustamentos»

Este auxílio e os gestos militares já diminuíram. O movimento iniciou-se em fins de 1968, com o acabamento da construção das bases e do porto de Sattahip e acelerou-se, no ano passado, com as primeiras retiradas de tropas americanas (4200 homens re-

Nota do dia

O REI VAI NUI

ESTES SEIS NÚMEROS sobre «O ensino em Portugal», que neste mesmo lugar foram cotigidos sob a designação geral de «Antologia», servem para mostrar que não se está neste momento a fazer qualquer descoberta quanto à essencialidade dos problemas do ensino. No meio do nevoeiro, houve sempre e quem conseguisse ver claro, como em cada momento passado houve sempre quem conseguisse ver no futuro. A homens tais é costume chamar «visionários», o que geralmente envolve um duplo e contraditório sentido de apreço e despreço. Visionários? Uma espécie de sonhadores, gente pouco realista. E não obstante...

Fez-se primeiro uma chamada histórica dos tempos recuados de Pombal. Apelou-se depois para D. António da Costa (de Sousa Macedo), pioneiro que teve ou tem o seu nome numa escola normal. Retomaram-se a seguir depoimentos de contemporâneos (Bernardino Machado, Celestino da Costa, Egas Moniz, Flávio Resende), todos eles professores universitários já desaparecidos do mundo dos vivos, que tiveram o talento, a sagacidade e a coragem de que er remar contra a maré e dizer sem papas na língua o que muita gente via mas não queria que se soubesse. Souberam eles ver com argúcia e não sofreram ficar calados.

Quantas vezes se ergueram pelos tempos fora clamando no deserto? Aqui mesmo neste lugar, nem se sabe por quanto tempo já, quantas vezes se atirou para a frente com os problemas da educação a que sempre classificamos de prioritários? Mas ninguém queria ouvir. Um professor universitário, em tempos empossado na chefia do departamento da Educação Nacional, teve a surpresa de ouvir que lhe dissessem ter ele muita sorte, pois ia tomar conta duma pasta «que não tinha problemas». Foram as pressões de tempo que fizeram vir à tona as realidades em que se teimava em não acreditar. E com que força então vieram!

Voto primeiro o argumento, provindo, parece, dos técnicos da O. C. D. E., de que o ensino havia de ser tido pelos governos como o investimento mais reprodutivo. É verdade, claro que é. Não é pedir emprestado, é emprestar ao futuro com a certeza de que se cobra com juros. Essa ideia, aliás simples, mas que ninguém via nesses termos, fez acordar muita gente numa espécie de sobresalto. Quem primeiro acordou foi a geração que sobe, ocorrendo em massa às escolas para se armar de ferramentas idóneas para a batalha da sua vida. Mas cautela: a ferramenta não é o diploma, é o saber.

O descontentamento dos estudantes é preciso entendê-lo nas suas origens, porque razão para descontentamento existia. Foram eles, naturalmente, os estudantes, portadores do sangue do tempo, quem mais vivamente sentiu a debilidade da estrutura universitária dentro da qual havia de preparar o seu futuro. O não há, não há, não há, repetido como um eco de resposta a todas as solicitações, conduz sempre a uma espécie de desespero. Quer isto dizer: havemos de ter a serenidade e a compostura mental bastante para entender que «os rapazes» (passe o substantivo que não envolve despreço) tinham a sua razão. Somente, «est modus in rebus».

te jovem ministro Veiga Simão, teve a coragem de o reconhecer e de se lançar desde logo em alguns passos que não são a solução de tudo mas aproximam. É preciso reconhecer que o ministro, o actual e actuações no sentido da necessária solução. Claro que não é a atamancar que se resolve problema tão grande. Mas que valor teria uma «reforma» global lançada de afogadilho? Falta tudo, escolas, professores, experiência, consciência das responsabilidades, faltam-nos até às vezes compreensão, espírito de generosidade e paciência. Não para desistir, mas para construir confiadamente o nosso amanhã.

DE CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA

Anglo-Continental School of English

Cursos em: BOURNEMOUTH • LONDRES • OXFORD Desde 8.650\$00 2 semanas - M. 16 anos

ORGANIZAÇÃO multitur

Soc. Com. GARLAND LAIDLEY S.A.R.L. Rua do Café da Seda, 24 - LISBOA Tel. 331915 - 328441/5

Agência de TURISMO MOÇAMBIQUE Av. António Augusto de Aguiar, 9 - LISBOA Tel. 47115/6 - 535813

Soc. Com. OREY ANTUNES & C. Lda Praça Duque da Terceira, 4 - LISBOA Tel. 322271 - 33255 - 369346

E. PINTO BASTO & C. Lda Praça Duque da Terceira, 20 - LISBOA Tel. 361581 - 368659

TAIT & C. Lda Rua Infante D. Henrique, 19 - PORTO Tel. 21007 - 27296

E.V.A. VIAGENS E TURISMO Rua Infante D. Henrique, 76 - FARO Tel. 23025

English Language Centre

Cursos em: BRIGHTON • WARWICK Desde 5.400\$00 2 semanas - M. 17 anos

British Centre

Cursos em: PENZANCE • SEAFORD Desde 7.100\$00 3 semanas - M. 17 anos

Credito Universitario

Continua na 11.ª página

Novo CASINO ESTORIL



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

EMBAIXADA FILIPINA DE CULTURA E BOA VONTADE

Filipinas
DANCE
COMPANY 1970



BALLET • FOLCLORE • HISTÓRIA • LENDA • TRADIÇÃO

com
RACHELLE GOQUINGCO
REYNALDO LIMCAGO



EMMANUEL BATULAN
JOSE JAVIER
FRANCISCO LUMEN
CONRADO PASCUAL
ARMANDO JAVIER
RAUL ROSALES
PEDRO ABRAHAM
ROLANDO DIONISIO
DOMINGO GARCIA
ROLANDO BALINGIT

Produção e Direcção de
LEONOR DROSA DE GOQUINGCO

MARIA DO ROSARIO BETTENCOURT
JIRINA'S COMBO
FORMA 5 COM VITOR E PAUL
FERRER TRINDADE e sua Orquestra
(M. 21 anos)
As 23 e 30 e à 1 e 30 no Wonder Bar
BIJOU DE VIENNE.
No CINEMA, às 17 e 21 e 30 (M. 17 anos)
A FLOR DO CACTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lega, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Carvalhos, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MARIA VITÓRIA ADULTOS

• HOJE, ÀS 20,45 e 23 HORAS • ENORME ÊXITO DA SENSACIONAL REVISTA
• O PRATO DO DIA!...

ESCRITA POR ANIBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
• O TRIUNFO DE UMA ESPLÉNDIDA COMPANHIA, COM:
• **JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO • DORA LEAL**
• VICTOR MENDES • MARIANO FRANCO • CARLOS MIGUEL
• DENA MARIA • CRIST. CASSOLA
E UM GENTIL FRISO DE JOVENS ACTRIZES
DE NOVO NESTE TEATRO
• **ANITA GUERREIRO**
NUM COLOSSAL «COMPÈRE»
• **OCTÁVIO DE MATOS**
E A GRANDE ATRACÇÃO FRANCESA
• **SABRINA**



AMANHÃ, 1.ª «MATINÉE», AS 16 HORAS

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET ADULTOS
HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
DOMINGO, também às 16 horas



VASCO DE LIMA COUTO é o Sr. Baguinha porque é casado com a Madame Baguinha e outras coisas pela mesma razão, na comédia

O VISON VOADOR
com
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BOR-SATTI, YOLA, GEORGINA COR-DEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

HOJE E DOMINGO
AS 16 HORAS E
AS 21.45 HORAS
Teatro Maria Matos TELER. 717017
8.ª SEMANA DE ÊXITO
DA
DIVERTIDÍSSIMA SATIRA
A RELÍQUIA
CAÇA DE QUEIROZ
POR UM VALIOSO ELENCO DE MAIS DE 30 FIGURAS (Maiores de 17 anos)
Hoje, à tarde e nos 2 espectáculos de Domingo, os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50% de desconto
Amãhã, às 11 h. da manhã
4.ª CONCERTO em DIALOGO J. M. P.
(Maiores de 6 anos)

Pensão Monumental
(Restauradores)
Magníficos aposentos
Serviço de bom hotel
Rua da Glória, 21
Telef. P.P.C. 36 98 97.

XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

Colendário das Bilheteiras (Abril)

• VENDA DE ASSINATURAS
Na Bilheteira da Fundação
Dias 13 e 14 — Antigos assinantes: Série A
Dias 15 e 16 — Antigos assinantes: Série B
Dias 17 e 18 — Novos assinantes: Séries A, C e D
Dias 20 e 21 — Novos assinantes: Séries C e D
Na Bilheteira do Coliseu
Dias 20, 21 e 22 — Novos assinantes: Série B

Programas em distribuição na bilheteira da Fundação Gulbenkian
Espectáculos à tarde, e dos sábados e vésperas de feriado à noite: maiores de 6 anos
Restantes espectáculos: maiores de 12 anos

Lisboa • 8 de Maio a 8 de Junho

• Maestros
Wilhelm Van Otterloo, Erich Leinsdorf, Eugene Ormandy, Antal Dorati, Gianfranco Rivoli, Stanislav Galonsky, Jerzy Katwicz, Michael Gielen, Silva Pereira, Bernhard Kiebel, Michel Lorboz, Mario Benzecri, David Zinman.

• Solistas
Wilhelm Kempff, Robert Casadesu, Sequeira Costa, Rudolf Buchbinder (piano), Zino Francescatti, Josef Suk, Henryk Szeryng (violino), Janos Starker (violoncelo), Régine Crespin, Sema Jurinac, Nicola Rossi-Lemeni (canto), entre muitos outros.

• Conjuetos
Orquestra Filarmónica de Filadélfia, Orquestra Residencial da Haia, Nederlands Dans Theater, Gagaku Imperial Dance Theater, Grupo de Pesquisas Musicais da Radiotelevisão Francesa, Grupo de Música Antiga de Viena, Coro de Cracóvia, Modern Jazz Quartet, Juilliard String Quartet, Quarteto do Porto, Orquestras Sinfónicas da E. N. e do Porto, Coro e Orquestra de Câmara Gulbenkian, Grupo Gulbenkian de Bailado.

• VENDA DE BILHETES AVULSO
Dia 23 — Assinantes das Séries A e B: para os concertos do Auditório Dois e Sé Catedral
A partir do dia 27 — Restante público: para todos os espectáculos
(Os bilhetes avulso vendem-se nas bilheteiras das casas onde se realizam os espectáculos, à excepção da Sé, cujos bilhetes estão à venda na Fundação Gulbenkian).

DISCRIMINAÇÃO DAS ASSINATURAS
Série A: 21 manifestações diversas/Série B: 9 espectáculos do Coliseu / Série C: audição integral das sonatas de Beethoven (10 recitais) / Série D: 4 concertos na Sé Catedral e 1 recital de órgão no Grande Auditório.

CARLOS GUEDES AMORIM é notícia



um novo disco que o afirmará como elemento de destaque na nova geração fadista

DISCO Columbia 8E016 40029M
À VENDA NOS REVENDIDORES HABITUAIS E EM
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL



Agora-Platina. Para enriquecer os gumes de um novo tipo de lâmina.

Mais suave... durante mais tempo

Hoje há um novo tipo de lâmina: Gillette Platina. Usámos Platina para lhe endurecer os gumes. Uma técnica especial inventada pela Gillette bombardeia eléctrica-mente a lâmina com áto-

mos que deixam uma fina cobertura metálica sobre os gumes. O processo é extremamente complicado: o resultado é maravilhosa-mente simples: barbas mais macias, durante mais tempo. Gillette Platina. A nova lâmina que põe as outras lâminas inoxidáveis normais fora de moda.



Gillette Platina
de gumes endurecidos com Platina

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO JORGE

TÍTULO — «O Cowboy da Meia-Noite» («Midnight Cowboy»)

REALIZAÇÃO — John Schlesinger, 1969, (E. U. A.)

INTERPRETES — Dustin Hoffman, Jon Voight, Sylvia Miles, John McGiver, Brenda Vaccaro, etc.

«O Cowboy da Meia-Noite» oferece múltiplos e curiosos aspectos para uma abordagem crítica. O filme começa por ser um olhar sobre a América de hoje, olhar esse que se reparte por dois personagens centrais que constituem como que as duas faces de uma mesma realidade: Joe Buck, texano que emigra para Nova York onde espera vir a viver desafogadamente, explorando o seu físico e a sua virilidade, da mesma maneira que julga ir ao encontro de todas as novas valorizações «equilibradas» de amor e de umas costas espaduadas de «cobridores» profissionais; e Ratso Rizzo, por torrençioso há muito na metrópole homem desgastado pelos rigores de uma cidade feroz, de uma sociedade inescrutável de vidas. De um lado o sonho americano que vem de Tom Mix passa por John Wayne e vai acabar nos Boinas Verdes; do outro, o reverso da medalha, o desalento de quem sabe nada poder esperar das longas avenidas dos arranha-céus e dos anúncios multicolores da noite americana. Dois olhares sobre a América, dois olhares que se encontram numa forma de amizade que é também uma tentativa de sobrevivência unida do sofrimento perante a adversidade.

Mas estes olhares surgem filtrados por um outro olhar. O olhar de um europeu olhando a América com algumas fraldas de preconceito, mas também com a curiosidade de quem vê a realidade de uma maneira diferente. É evidente que a interpretação de John Schlesinger em geral aponta em direção do que há de verdade também em muitas coisas de ser um estrangeiro num homem que vem da Europa. O filme revela assim como que um retrato feito à distância, atento, de um transe da realidade em que John Schlesinger está de antemão. Por isso a película apresenta uma particularidade aqui e ali inusitada, que a cinema documental exterior não poderia nem mesmo ter havido a dizer por exemplo, acerca do comportamento de Joe Buck um homem que na maior miséria vivenda de estradas e variedades que vão até à venda de produtos baratos não encontra nunca um amor, mas não pela «estratégia» nenhuma, mas pela «estratégia» nenhuma.

CAPITÓLIO

Telet. 320379
AS 16 E AS 21.45 H.
IM 1 ANOS

A CELESTINA

versão de A. CASONA

tróia de

David Mourão-Ferreira

com AMÉLIA REY COLAÇO

Sábado e Domingo

— Tarde às 16 horas

to, se serve de um argumento relativamente rico de implicações e de sugestões, extraído de uma novela de James Leo Herlihy por Waldo Salt, que o reescreveu para o cinema.

Mas, as limitações que se devem levantar perante a obra de Schlesinger põem-se também ao nível dos processos utilizados pelo seu autor na sua concepção cinematográfica. Leilouch e Resnais (entre outros) continuam a ser os exemplos mais citados pelo novo cinema americano que se pretende «moderno», «actual», «psicológico».

Assim não é de estranhar toda a artificialidade de desfoques, e zooms, breves regressos ao passado («flash-back», em gíria cinematográfica), visões psicológicas, etc. sempre o filme recusa a linearidade expositiva e se deixa embrenhar pelos caminhos do equívoco, toda a obra oscila perigosamente, mostrando até que ponto todo este arsenal pode ser gratuito, quando utilizado unicamente para ofuscar o espectador, enganando-o com uma falsa profundidade que nada tem a ver com o verdadeiro cinema.

Quando, porém, Schlesinger se limita a filmar uma cidade e os seus habitantes, quando pretende apenas retratar uma sociedade com os seus vícios e a sua depravação, quando deixa ele mesmo de fazer o «través» ao espectador procurando seduzi-lo com o balancear de uma câmara «subjectiva», então sim! então «O cowboy da Meia-Noite» mostra-nos o que poderia ter sido, caso estivesse atrás da câmara um homem como Hawks ou Huston, Brooks ou Fuller.

Evidentemente que, para além de tudo isto, «O cowboy da Meia-Noite» é um filme a não perder. Possui, apesar de tudo, um certo vigor crítico e documenta uma América do desespero que morre lentamente com os olhos no sol da Florida, última miragem de um sonho que dia-a-dia desaparece.

Entre os intérpretes, Dustin Hoffman compõe uma figura que se dirige basicamente para a conquista de um Oscar: um homem perdido na grande capital, coxo, à beira da morte. Dustin Hoffman usa de todos os seus recursos, mas também a sua figura, se bem que lo-grada, aparece-nos demasiado cabotina. Jon Voight, por seu turno é ele mesmo o herói americano que convence a liquidar o mérito não é tanto seu como de Schlesinger, mas também ele se encarregará de fazer, no futuro, carreira. Muito boa a música de John Barry.

LAURO ANTONIO

• NO ESTÚDIO 44

TÍTULO — «Com a cor da na garganta»

REALIZAÇÃO — Tinto Brass

INTERPRETES — Jean-Louis Trintignant e Ewa Aulin

«El casco nueces vacías, Colón de cien variedades, Vive de supercherias. Que vende como verdades»

ANTÓNIO MACHADO

Tinto Brass, o realizador, é um rapaz de la page, que, cansado das poeiras que se apanham nas filmagens dos westerns italianos, veio jogar a cartada do filme com capa «cultural», fabricando aquilo a que passo a chamar «cinema do que circula». A receita (lá vou eu fornecer ideias de boria aos produtores nacionais) é mais ou menos esta: dá-se, antes de tudo, uma vista de olhos pelos filmes de Jean-Luc Godard, tiram-se-lhes cuidadosamente os espelhos (agressividade, inteligência, e até o simples ta-

lento) e tempera-se o subproduto com bandas desenhadas, actualidades políticas, London by night e by the river, gestos de actores americanos do good old time (para dar o lado revivalista), um certo gesto do Belmondo de «À Bout de Souffles», Mao-Tsé-Tung (a boa consciência de esquerda do espectador da nossa direita), um recitativo do Tao, a sentida homenagem ao compatriota António e alguns acepipes eróticos, como reforço. Levase o todo, migadinho, ao lume, com teleobjectivas (que isto de ter os fundos desfocados, sobretudo a cores, dá sempre muito jeito por causa das manchas bonitinhas e da colocação de objectos no espaço fílmico) e uma montagem dinâmica (o produtor Malheiro diria «montagem-vassoura») para dar a ilusão de que a acção vai na mecha. Mas não vai. As cenas, mau grado a variedade e rapidez dos planos, arrastam-se penosamente, e nem o suporte musical desfaz um bocadinho a sua chateza. Porque a verdade é que quando uma cena não tem qualquer razão de ser, a sua existência física é inútil e excessiva, e se a sua duração for apenas um segundo, esse segundo, por ser um segundo a mais, é lá uma monotona eternidade.

Outras coisas haveria a dizer sobre a montagem deste filme, mas a mais flagrante, no que toca à falta de escrúpulos do realizador, parece-me a da cena em que alterna planos do par, no autocarro, com planos de pessoas, que, surpreendidas, aqui e ali, pela presença da câmara, olham muito naturalmente na sua direcção.

Posto isto, o pechi-boque está servido.

O seu mérito está em ser a demonstração cabal que o público (pelo menos ao nível europeu) está farto de um certo tipo de filmes. Esperemos que em breve se farte destes, porque mudar para ficar tudo na mesma, não vale francamente a pena. E ficar na mesma equivale, como é óbvio, à melhoria do costume. Assim sendo, zero para Tinto Brass e comentários do

JOÃO CESAR MONTEIRO

• NO S. LUIZ

E NO ALVALADE

TÍTULO — «As Noites Quentes de Lady Hamilton» («Lady Hamilton»)

REALIZAÇÃO — Christian Jaque

INTERPRETAÇÃO — Michele Mercier, John Mills, Richard Johnson, Nadja Tiller, etc.

A «ascensão social» (confessada e ilustradamente «de cama para cama») de uma camponesa que chega ao regaço da rainha de Nápoles e o braço unido do almirante Nelson, foi o pretexto para uns milhares de metros de película impressionada sob a rubrica Christian Jaque. Sem estrutura, sem medula, sem carácter, a croniqueta termina paralisada (plano fixo) e envolta em crepes (luto pela morte de Nelson). Sem ironia alguma; assim terminam de facto as malditores praticadas em nome do espectáculo cinematográfico. Porque a ausência da mais elementar dignidade do argumento (que nem argumento existe, para existir apenas a monotona sucessão de episódios grosseiros) soma-se o conseqüente descalabro da planificação, da montagem, da direcção de actores. Qualquer outra perspectiva crítica torna-se impossível para com um filme que já não deveria ser possível.

V. S. T.

O GRANDE ESPECTÁCULO DESTA NOITE

QUASE ESGOTADA A LOTAÇÃO DO PAVILHÃO DOS DESPORTOS PARA O FESTIVAL DA IMPRENSA

Encontra-se quase esgotada a lotação do Pavilhão dos Desportos onde, esta noite, às 21 e 45, decorre o festival para entrega dos «Prémios da Imprensa», referentes aos melhores nomes do campo radiofónico, desportivo, cinematográfico, fadista, musical, tauromáquico, teatral e televisivo.

A acrescentar aos muitos nomes, que gentilmente acederam a colaborar, na festa dos jornalistas, a revelação de que Amélia Rodrigues a maior figura dos palcos portugueses, estava também presente, não apenas para receber o seu honroso «Prémio de Prestígio» mas, igualmente para oferecer ao público algumas das suas melhores interpretações, fez aumentar o interesse em torno do «show do ano».

Mas, para além de Amélia, outras grandes vedetas vão desfilar esta noite no tablado do Pavilhão: os intérpretes Ada de Castro, Adriano Correia de Oliveira, Ana Hortense, Antónia Toninha, António Frazão, António Mourão, Carlos Azeias, Celeste Martins, Esmeralda Amado, Eugénia Lima, Fernanda Damasc, Fernanda Guerra, Fernando Maurício, Fernando Ribeiro, Fernando Tordo, Florência Rodrigues, Francisco Martinho, Francisco Nicholson, Gabriel Cardoso, Joaquim Condeiro, José Afonso, Júlia Babo, Lenita Gentil, Leonilda Mendes, Mafalda Sofia, Manuel de Almeida, Manuel Freire, Maria D'Amor, Maria da Glória, Maria José Valério, Maria Valejo, Natércia da Conceição, Paulo Jorge, Teresa Silva Carvalho, Tino Costa, Tonila e Valério Silva.

São convidados especiais: Artur Agostinho, Ary dos Santos, Augusto Cabrita, Carlos Paredes, David Mourão Ferreira, Fernando Curado Ribeiro, Florbela Queiroz, Igrejas Caeiro, Jo Apoloni, João Maria Tudela, Maria Leonor, Mário Castrom, Oiro Negro Paulo Renato, Pedro Montinho, Raul Solnado, Simone de Oliveira e Tony de Matos.

Estarão, ainda, presentes

atracções estrangeiras: Andréia, Gerard Sotio, Nadine Joel e Sabrina e os agrupamentos musicais «Os Chim-chilas», «Emotion» e Conjunto Zé Pedro (com António Rios). Acompanhamentos pelos guitarristas António Chalhó, Carlos Gonçalves, José Maria Nóbrega, Jaime Santos, Martinho da Assunção, Raul Nery, Fontes Rocha, Julio Gomes e Joel Pina.

No palco estarão os apresentadores Ângelo Granja, Carlos Cruz, Carlos Lacerda, Carvalho Ramos, Filipe Gouveia, Glória de Matos, Glória Ferreira, Isabel Wolmar, João Martins, João Paula Guerra, Jorge Dias, Laura Soveral, Luís Filipe Costa, Manuel Aragão, Maria Aurora, Maria José Baido, Marques Vidal Mendes Martins, Nuno Martins, Paulo Fernando, Raul Durão, Rui Pedro e Rui Romano. A orquestra será dirigida pelo maestro-compositor Tavares Belo.

Dois apontamentos, ainda: ao lado de Fernando Vaz, no momento em que lhe for entregue o «Prémio da Imprensa», como «treinador do ano», estará a equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal. E o «Prémio da

Imprensa», que cabe ao benfiquista Simões (como «melhor futebolista do ano»), é entregue pelo seu mais famoso companheiro de clube: Eusébio.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na Agência A. B. E. P. e. a partir das 15 horas, nas bilheteiras do Pavilhão dos Desportos.

O espectáculo é para maiores de 6 anos.

IMAGEM DO DIA

Começa esta noite no TIVOLI, a 2.ª SEMANA de «JUSTINE», um filme apaixonante, inspirado no célebre romance de Lawrence Durrell, «O Quarteto de Alexandria», cujo primeiro livro se chama justamente «Justine». Justine, a mulher misteriosa que atravessa todo o filme é assombrosamente interpretada por uma actriz que o público de Lisboa tanto ama pela sua beleza e talento: ANOUK AIMÉE. O filme é uma realização notabilíssima de Cukor.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PRETENDE ENGENHEIROS MECÂNICOS

QUE REUNAM DE PREFERENCIA OS SEGUINTE REQUISITOS

- Experiência aeronáutica
- Bons conhecimentos de inglês
- Estágios completados
- Nacionalidade portuguesa
- Serviço Militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos

OFERECE

- Vencimento compatível com as condições exigidas e responsabilidade inerente à função
- Benefícios sociais
- Salários diferidos
- Prestígio, estabilidade e progressão

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º — LISBOA

THORENS

O giro-discos dos melhores e profissionais.

Consulte os PROFissionais DO SON
VALENTIM DE CARVALHO
COMERCIO E INDUSTRIA S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 85-87 LISBOA
No norte: VADECA -
- R. de S.º António, 210 - PORTO

COLISEU

HOJE, às 21.30 h.

(Maiores de 12 anos)

O EMPOLGANTE FILME

CAPITÃO SINGRID

UMA AVENTURA

NA SELVA

PREÇOS POPULARES

AMANHÃ

A TARDE E A NOITE

BELA MONTRA

MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES

EM TODOS OS ESTILOS

RUA RODRIGO DA FONSECA, 12 e 16

TELEFONES: 534457/59

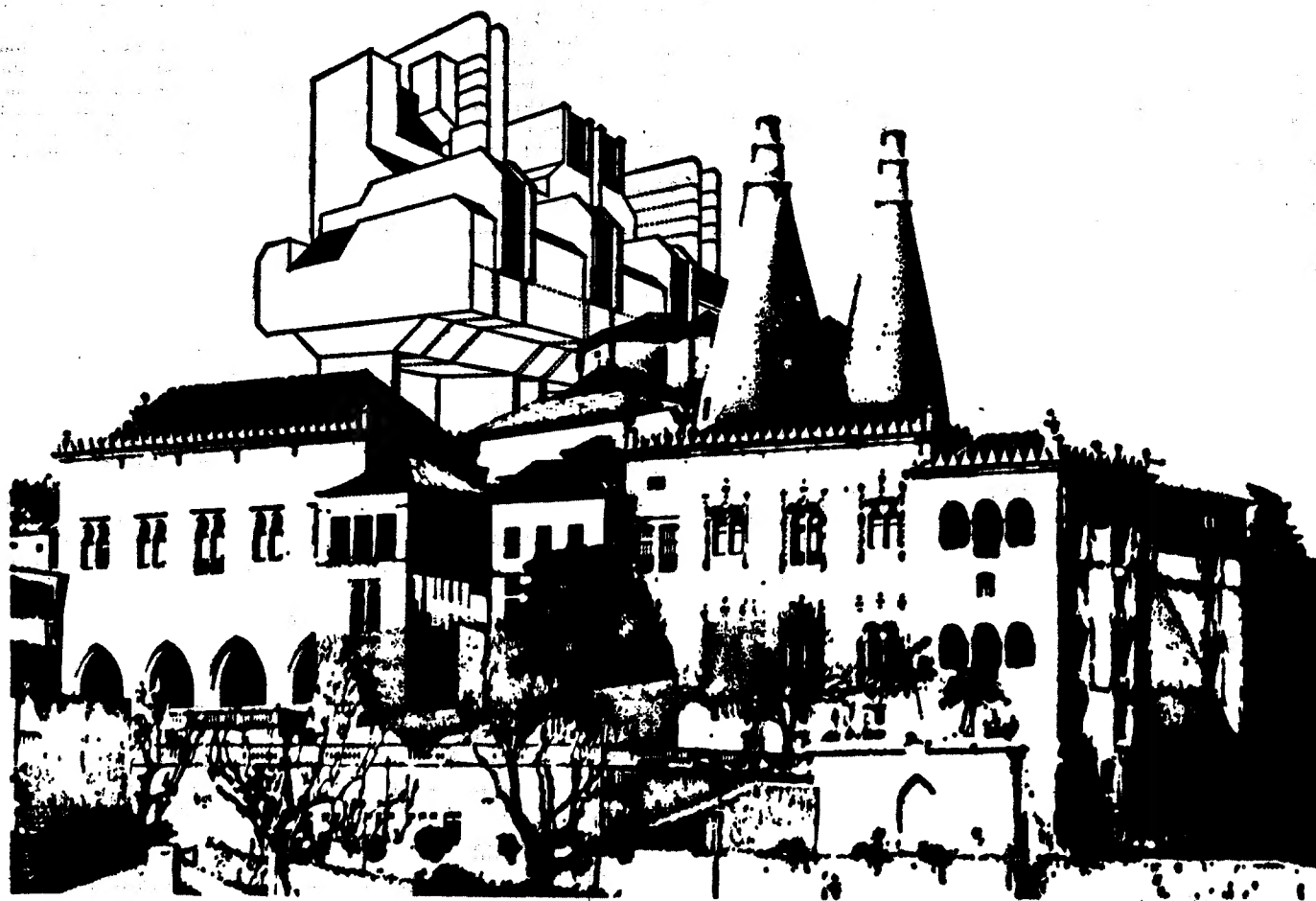
A INDÚSTRIA HOTELEIRA -INDÚSTRIA BASE DO TURISMO

A indústria hoteleira é indispensável em qualquer país que pretenda promover as suas potencialidades turísticas.

Incentivar os investimentos nesse sector é vitalizar a economia e provocar uma intervenção cultural, introduzindo uma nova visualização da paisagem urbana. Por isso, é compreensível a rápida expansão dos investimentos na indústria imobiliária turística e a situação óptima que ocupam no panorama económico nacional.

Tendo perfeita consciência desta problemática, TORRALTA consagrou-se à promoção do turismo em Portugal, não só visando os mercados estrangeiros mas tendo a preocupação fundamental de favorecer o turismo interno.

TORRALTA



4.

A primeira central nuclear destinar-se-á essencialmente a abastecer a região de Lisboa

O primeiro relatório da Companhia Portuguesa de Electricidade — que publicamos noutro lugar desta edição — assinala que a nova empresa concentra as actividades antes repartidas pelas cinco sociedades de produção e transporte de energia da rede eléctrica primária, fusão autorizada pelo Decreto-Lei n.º 49.211 de 27 de Agosto de 1969. No citado documento, pode ler-se: «É claro que planejar a escala da nova empresa será planejar a escala nacional agora que a actividade da Companhia abrange Portugal continental e a concessão da empresa terá o carácter de exclusividade que lhe foi legalmente conferido. Daí que as responsabilidades inerentes sejam de excepção envergadura nos domínios técnico, económico e financeiro e que neste último, de característica fortemente capital — intensiva, a gestão da empresa assuma aspectos relevantes: basta pensar que, ao ritmo de crescimento do mercado da energia, a duplicasse em cerca de sete anos, será necessário duplicar também no mesmo curto período a nossa capacidade produtora, lançando sucessivamente novas centrais em serviço. Na fase actual, está a Campanha em investir 1,4 milhões de contos por ano, o que representa cerca de 10 por cento do imobilizado actual (...) Optou-se por criar como que quatro Direcções industriais (da Produção Hidráulica do Norte, da Produção Hidráulica do Sul, da Produção Térmica e Nuclear e da Rede de Transporte) com larga autonomia administrativa e responsabilidades de gestão orçamental e que concentram em si, essencialmente, as actividades de projecto, construção e exploração das antigas empresas».

A produção total de energia eléctrica, em Portugal Continental, em 1969, foi de 8839 GWh, podendo-se considerar como o consumo interno total referido à produção 6862 GWh, incluindo o saldo importador das trocas internacionais (23 GWh). A contribuição da rede primária em 1969, no valor de 78,3 por cento da produção total do País e de 84,1 por cento da rede integrada, totalizou 5374 GWh, sendo a produção totalmente de origem hídrica (ano com regime hidrológico muito favorável).

Na rede das empresas interligadas (que abastece cerca de 93 por cento dos consumos do país) verificou-se, em relação ao ano de 1968, um acréscimo de 9,8 por cento na produção total — «valor que não é, no entanto, significativo da evolução dos consumos, pois em relação aos consumos

permanentes houve um aumento de 10,1 por cento».

Em conformidade com o III Plano de Fomento encontram-se em construção diversos empreendimentos, entre os quais as seguintes centrais hidroeléctricas: rio Tejo — barragem de Fratel, com 129 Mw de potência, 430 GWh de energia produtível em ano médio a entrar ao serviço em 1973, representando um investimento de 940 milhões de contos; Douro — barragens de Carrapatelo, Régua e Valeira, que importam, respectivamente, em 1950, 1620 e 1800 milhões de contos, a entrarem ao serviço em 1971, 1972 e 1975, com energias produtíveis em ano médio de 1000, 700 e 790 GWh, e potências de 180, 156 e 180 Mw; rio Homem — barragem de Vilarinho das Furnas, com 64 Mw de potência, 220 GWh de energia produtível em ano médio, e a entrar ao serviço em 1971 (investimento de 800 milhões de contos). A ampliação das bacias hidrográficas de Paradela (Cávado) — desvio do rio Toco (já em serviço) — e de Venda Nova (Rabagão) — desvio do rio Cabreira — cuja conclusão está prevista para o corrente ano, representam um investimento de 160 milhões de contos.

No campo das centrais térmicas, surge a 2.ª fase da do Carregado, com os grupos 3 e 4, previstos para 1971 e 1973 (investimentos de 560 e 490 milhões de contos), energia produtível em ano seco de 700 GWh cada, potências individuais de 125 Mw.

As redes de transporte, todas com datas de entrada ao serviço ainda no corrente ano representam um investimento global de 140 000 contos e abrangem as linhas Carregado-Alto de Mira e Carregado-Porto Alto, e as ampliações de potência nas subestações de Vermoim, Alto de Mira, Ferreira do Alentejo e Porto Alto.

Central nuclear

Com respeito à construção de uma central nuclear, o relatório refere que, em 1969, se desenvolveu uma sistemática de prospecção de sítios para centrais térmicas, tendo em vista, especialmente, a localização da primeira dessas centrais. Como a mesma se destinará, essencialmente, a satisfazer consumos da região de Lisboa, foram seleccionadas algumas localizações possíveis, das quais uma se considera mais favorável para a primeira realização.

Durante o exercício de 1969, a C. P. E. fez investimentos, em novas imobilizações, no total de 1 378 948 contos, havendo um aumento, em relação a 1968, de 173 312 contos. A cobertura do investimento feito em novas instalações e equipamentos, no exercício findo, foi obtida por emissões de acções, empréstimos no mercado interno (Banco de Fomento Nacional e Caixa Geral de Depósitos), e externo (Banco Mundial e Lazard Brothers & Co. Ltd.) e recursos próprios.

O investimento em curso em novas instalações de produção e transporte de energia é da ordem de 5 milhões de contos. Até final de 1969, já haviam sido investidos, nesse sector, 2 958 710 contos. O saldo final do exercício traduz-se na verba de 487,6 milhares de contos sendo o dividendo proposto de 8 por cento do capital em circulação. A participação do pessoal nos lucros ascende a 30 000 contos.



Meia centena de professores, com apreciável presença de senhoras, esteve na assembleia, do seu sindicato, suspensa

O SINDICATO DOS PROFESSORES A CONTRATAÇÃO POR TEMPO IN

Após a aprovação das primeiras cláusulas da proposta de alteração do contrato colectivo de trabalho, deu-se ontem à noite por encerrada a primeira sessão da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Professores, convocada a pedido da direcção, para apreciar o referido projecto de proposta de modificação e para se pronunciar sobre uma outra alteração, a dos estatutos do organismo.

A elaboração da ordem dos trabalhos provou ter sido ambiciosa. Na verdade, após uma longa discussão processual, apenas se conseguiu — tendo os trabalhos durado até à 1 e 30, de hoje —, aprovar as primeiras cláusulas do projecto, aquelas em que não chegou a haver discussão.

Com a presença de cerca de cinquenta pessoas (a assembleia geral é constituída por delegados), a sessão foi presidida pelo dr. Américo Fonseca, secretário pelos dres. Paulo Sotomaior e Maria Lúcia Nobre. Como não tivesse sido distribuído previamente o projecto de proposta de alteração do contrato, o presidente da direcção do Sindicato, dr. Luís Avellar Aguiar, leu e defendeu as alterações que, na opinião da direcção, eram as mais importantes. Antes, porém, de se entrar na discussão do projecto, um dos sócios presentes propôs que os trabalhos fossem adiados, reunindo-se a assembleia depois de a direcção ter distribuído, pelo menos às direcções das sete secções do sindicato, o projecto que tinha elaborado.

A proposta foi feita com o espírito de chamar à participação na vida sindical um número muito maior de associados e de «dinamizar» essa vida. Depois de longa discussão, acabou por ser aprovada uma outra proposta que pedia a continuação dos trabalhos de modo a que a direcção pudesse ir armada com algumas decisões para a reunião (marcada para a próxima terça-feira) com os

representantes do Grémio dos Proprietários dos Estabelecimentos de Ensino.

Uma das cláusulas aprovadas propõe o alargamento do âmbito do contrato, estendendo-o aos professores que, embora não exercendo o magistério, estejam empregados em estabelecimentos particulares de ensino sem a cobertura

de qualquer outro contrato colectivo. O período de vigência do contrato é também alterado, na proposta do sindicato, de quatro para dois anos. A este respeito salientou-se que o actual contrato é de 1961, vindo a sua revisão a ser tentada desde 1965.

Os trabalhos foram interrompidos e adiados para

data a marcar pela direcção quando se discutia uma cláusula que modificava radicalmente a forma de contratação dos professores do ensino particular. O actual contrato colectivo prevê a contratação a prazo. Isto é, antes das férias grandes a entidade patronal pode notificar o professor de que dispensa os

NÃO SE DEIXE

SE ESTÁ COMPRADOR DE TER

JOSÉ DE SOU

NÃO LHE FAZ PROMESSAS OFERECE-LHE REALIDADES.
NO SEU PRÓPRIO INTERESSE NÃO COMPRE NENHUMA PARCELA
TEMOS A CERTEZA DA SUA PREFERÊNCIA PORQUE :

- 1.º ESTES SÃO OS MAIS BARATOS DA ZONA CHARNECA DA
- 2.º TEM MAGNIFICA LOCALIZAÇÃO E BONS ACESSOS.
- 3.º SÃO COMPLETAMENTE ARBORIZADOS E JUNTO A AGU
- 4.º GARANTEM A MELHOR VALORIZAÇÃO DO SEU CAPITAL.

GRANDES FACILIDADES

CONSULTE JÁ ESTA ORGANIZAÇÃO
RUA LUCIANO CORDEIRO, 83, 2.º ESQ.
LISBOA

Telefones 562097/8

MERGULHÃO

As mais lindas pratas
R. de S. Paulo, 162 Tel. 30013

Barbosa, Esteves
& C., Lda.

Ouvides-Joalheiro

293-RUA DA PRATA-295
COMPRE E VENDA AS SUAS
JOIAS NESTA ACREDITADA
CASA DA ESPECIALIDADE

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CONCLUÍDAS AS ALEGAÇÕES DO JULGAMENTO DA SERVIÇAL QUE ENVENENOU A PATROA

SINTRA, 4 — Prosseguiu esta manhã, no tribunal da comarca de Sintra, sob a presidência do juiz corregedor dr. João Augusto Pacheco de Melo Franco, tendo como assessores os juizes drs. Moura do Vale e Lopes da Cunha, e como delegado do Ministério Público, dr. Nuno Ricardo, o julgamento de Maria do Patrocínio Meleiro, de 49 anos, casada, serviçal, acusada de ser a autora do envenenamento da sua patroa, D. Alda dos Santos Madeira, de 52 anos, casada com o sr. Alfredo Pinheiro Madeira, residentes no Largo Mouzinho de Albuquerque, em Queluz.

A Maria do Patrocínio, além desse é igualmente ré do de tentativa de envenenamento na pessoa do marido.

A audiência de hoje principiava às 9 e 30, com a sala repleta de público.

Na bancada dos causídicos os drs. Roque da Silveira, advogado da Maria do Patrocínio, e Sargo Junior, patrono do sr. Alfredo Pinheiro Madeira. A audiência principiava com os depoimentos das declarantes sr.^{as} D. Maria do Carmo Leora Vila e D. Ivone da Silva Bento, colegas do sr. Alfredo Madeira na Cozinha Velha.

Depois foram ouvidas várias testemunhas de acusa-

ção, entre as quais a sr.^a D. Leontina das Dores Ferreira, vizinha da vítima, que referiu ao tribunal um telefonema, que a ré lhe tinha feito, pedindo para deixar o sr. Alfredo Madeira uma vez que esse pretendia, por várias vezes, segundo a declarante seduzi-la.

Em seguida desfilaram sucessivamente perante o tribunal, as restantes testemunhas de acusação: Maria do Carmo dos Santos Cleto, Olímpia Ferreira de Andrade, António Joaquim Mateus Joaquina Soares Pinto Alda de Jesus Ferreira Mateus e Julia Ferreira de Sales Gomes.

Todas estas testemunhas foram inquiridas pelos dois advogados e de certo modo pouco esclareceram o tribunal, acerca dos factos confessos pela ré na Polícia Judiciária. Todavia, ficou esclarecido que as ligações íntimas havidas entre a Maria do Patrocínio e o Alfredo Madeira eram consentidas pelo marido da primeira, que através das mesmas usufruía benefícios monetários que

contribuíam para a manutenção da sua casa, visto o seu salário ser baixo.

Depuseram ainda três testemunhas de defesa da ré, o sr. António Augusto Oliveira Martins e as sr.^{as} D. Joaquina Soares Pinto e D. Virgínia da Graça Soares do Rego.

A audiência foi interrompida cerca das 11 horas, para reabrir 10 minutos depois. Foi, então, dada a palavra ao delegado do Ministério Público, dr. Nuno Ricardo, que, no uso da palavra, pronunciou por acusar a ré do duplo crime de envenenamento.

Foi depois dada a palavra ao sr. dr. Sargo Junior advogado do marido da vítima, que referiu todos os acontecimen-

tos que motivaram a instrução do processo, principiando por referir a doença do sr. Alfredo Madeira, que deu origem à sua instrução. Aludiu também à intenção da ré de procurar incriminar o sr. Madeira, fazendo crer que fora ele o responsável pela morte da mulher.

Por último falou o dr. Roque da Silveira, advogado da Maria do Patrocínio, que procurou justificar o acto praticado pela sua constituinte, afirmando que fora uma série de circunstâncias que a levaram ao banco dos réus e defendeu o princípio da sua culpabilidade.

A audiência foi suspensa por volta das 12 e 30, para deliberação do tribunal.



A suspensão a hora adiantada depois de longa discussão processual

RES PROPÕE INDETERMINADO

seus serviços no ano lectivo seguinte. Segundo o projecto apresentado pela direcção, os contratos passariam a ser por tempo indeterminado. Como se tratava de uma questão de primordial importância, foram pedidos alguns esclarecimentos e a assembleia foi adiada antes da votação.

A questão dos vencimentos não chegou a ser debatida. Durante a sua exposição inicial, no entanto, o presidente da direcção afirmou ser o órgão a que preside de opinião que se deve propor nova revisão dos vencimentos, apesar do despacho ministerial de Fevereiro de 1969 que procedeu a um ajustamento.

KE ILUDIR!...

TERRENOS A ORGANIZAÇÃO

USA CINTRA

PARCELA DE TERRENO SEM COMPARAR COM AS NOSSAS.

DA CAPARICA — SESIMBRA.

AGUA.

ITAL.

DES DE PAGAMENTO

Esta organização tem vários terrenos urbanizados para venda nos melhores locais do Algarve, junto a Lisboa e em zonas de grande Expansão Turística

Oferta de um barco pneumático Repimpa

A convite das Industrias Pereira & Brito, S. A. R. L., deslocaram-se ontem, à sua fábrica na Amadora, alguns dos clientes que, aproveitando os preços especiais da NAUTICAMP IV, adquiriram pneumáticos REPIMPA durante o período da feira.

Feita uma curta visita às instalações, foi em seguida oferecido ao sr. Frederico Pinto Bastos Lupi, um barco TÓZÉ, um dos pneumáticos da gama de produtos REPIMPA.

VIAGEM DE ESTUDO DOS EXTERNATOS

São Vicente Marquês de Pombal Álvares Cabral

LISBOA, 4 — Acompanhados pelos seus professores, os alunos dos Externatos São Vicente Marquês de Pombal e Álvares Cabral, de Lisboa, efectuarão amanhã uma visita de estudo a Coimbra e a Conímbriga. No percurso, serão feitas paragens em Batalha, Leiria, Tomar e Santarém.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES BARREIRO - LISBOA - QUELUZ

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

INSTITUTO DE ALTA CULTURA

BOLSAS DE ESTUDO FORA DO PAÍS

Para efeitos do disposto na alínea c) do n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 46 038, de 16 de Novembro de 1964, está aberto concurso, até 31 de Maio de 1970, para a concessão de bolsas de estudo fora do País, destinadas à preparação especializada de pessoal docente e investigador, no âmbito do ensino superior, em conformidade com o declarado nos números seguintes:

I. Poderão concorrer às referidas bolsas indivíduos de nacionalidade portuguesa, com diploma de estudos superiores, de comprovada idoneidade para seguir os estudos especializados que projectam, e que deem garantias de útil cooperação ulterior com o Estado e com estabelecimentos de ensino superior ou institutos de investigação científica.

II. Os concorrentes deverão escolher uma especialização dentro de matérias já professadas nas escolas superiores portuguesas ou de matérias ainda não professadas mas cuja inclusão seja de reconhecido interesse para o ensino e cultura superiores e para a investigação científica.

III. A admissão ao concurso far-se-á mediante requerimento dirigido ao Presidente do Instituto de Alta Cultura.

IV. O requerimento deverá ser acompanhado de impresso próprio do Instituto de Alta Cultura, devidamente preenchido pelo concorrente.

V. Os concorrentes poderão ser convidados a apresentar outros documentos julgados necessários à instrução do processo e a produzir prova de que conhecem suficientemente a língua do país onde pretendem estudar.

VI. Os concorrentes que pertencem ao corpo docente ou investigador de estabelecimentos dependentes do Ministério da Educação Nacional deverão enviar os requerimentos através da via hierárquica respectiva, devidamente abonados e com indicação explícita do supervisor científico no País.

VII. Serão condições de preferência na atribuição das bolsas:

- a) A escolha de especializações nos domínios em que se verifique maior carência de pessoal docente ou investigador e naqueles que forem considerados de maior interesse para a cultura superior do País;
- b) Ter-se o candidato já iniciado em trabalhos relacionados com a especialização que se propõe alcançar e ter publicado os respectivos resultados;
- c) Propor-se o candidato a prosseguir a carreira docente.

Todos os esclarecimentos serão prestados no Instituto de Alta Cultura, Praça do Príncipe Real, 14, Lisboa-2 (Telfs. 34508 e 33885), em cada dia útil (sábado até às 12 horas).

Actualidade internacional

Brejev reafirma a tese da «soberania limitada»

VIENA, 4. — (F. P.) — Apesar das aspirações ou das veleidades de certos países, a União Soviética quer continuar a ser o chefe incontestado do campo socialista europeu — tal é, pensam muitos observadores, a principal mensagem contida no discurso que pronunciou ontem Leonide Brejev no Parlamento de Budapeste, perante as delegações dos países «irmãos», reunidos para comemorar o 25.º aniversário da libertação da Hungria.

Dois pontos atraem particularmente a atenção:

1 — A insistência de Brejev na «integração e na repartição do trabalho no campo socialista».

2 — A prioridade atribuída pelo dirigente soviético ao internacionalismo ou às obrigações internacionais de preferência aos interesses nacionais.

Em ambos os casos, salienta-se, o ponto de vista do secretário-geral do Partido Comunista soviético surge como a antítese da política da Jugoslávia e da Roménia e, em particular, do plano de independência e de soberania exposto há uma semana por Nicolai Ceausescu no Parlamento de Bucareste.

A reafirmação indirecta da tese da «soberania limitada» feita por Brejev parece constituir, além disso, uma rejeição do ruidoso artigo publicado sábado passado na revista romena «Luta de Classe», em que era criticada, em termos inequívocos, a teoria do «centro dirigente» a que se deveriam submeter política, ideológica e economicamente os países membros da comunidade socialista.

«Aquário» e «Odisseia» separar-se-ão a 12 km da Lua

CAPE KENNEDY, 4. — (F. P.) — James Lovell, Thomas Mattingly e Fred Haise ensaiaram ontem, em simuladores de voo, as manobras que lhes permitirão fazer voar o «combotto espacial» apenas a 12 quilómetros da Lua, antes da sua separação.

Experimentada pela primeira vez, esta manobra será utilizada em 14 de Abril, três dias depois da largada da Terra da terceira missão lunar americana. Será o começo da segunda fase do voo, que deverá permitir o pouso do «Aquário», o módulo lunar, na região da formação de Fra Mauro, perto do Equador selenítico.

Além disso, esta manobra deverá permitir a James Lovell e a Fred Haise, aos comandos do «Aquário», passar uma primeira vez a pequena altitude sobre o ponto de descida, antes de se separarem da nave de comando «Odisseia», onde Thomas Mattingly ficará só, para mergulharem em direcção ao solo lunar. Economizar-se-ão, assim, 14 segundos de carburante, o que permitirá a Lovell e Haise bordejarem por mais tempo sobre a região montanhosa de Fra Mauro, á procura do sítio que lhes foi designado para se pousarem ou, se este se revelasse com demasiado declive, terem tempo de procurar outro.

Será a primeira vez que uma nave de comando voará tão perto da Lua, pois que, no momento da separação do «Aquário», o «combotto espacial» estará apenas a 12 quilómetros de altitude. Quando dos voos das Apollo-11 e 12, a separação fez-se a um cento de quilómetros acima da superfície do nosso satélite natural.

CEIRA missão lunar americana. Será o começo da segunda fase do voo, que deverá permitir o pouso do «Aquário», o módulo lunar, na região da formação de Fra Mauro, perto do Equador selenítico.

Além disso, esta manobra deverá permitir a James Lovell e a Fred Haise, aos comandos do «Aquário», passar uma primeira vez a pequena altitude sobre o ponto de descida, antes de se separarem da nave de comando «Odisseia», onde Thomas Mattingly ficará só, para mergulharem em direcção ao solo lunar. Economizar-se-ão, assim, 14 segundos de carburante, o que permitirá a Lovell e Haise bordejarem por mais tempo sobre a região montanhosa de Fra Mauro, á procura do sítio que lhes foi designado para se pousarem ou, se este se revelasse com demasiado declive, terem tempo de procurar outro.

Será a primeira vez que uma nave de comando voará tão perto da Lua, pois que, no momento da separação do «Aquário», o «combotto espacial» estará apenas a 12 quilómetros de altitude. Quando dos voos das Apollo-11 e 12, a separação fez-se a um cento de quilómetros acima da superfície do nosso satélite natural.



O GENERAL LON NOL, primeiro-ministro do Camboja, cuja posição saiu reforçada do golpe de Estado que depôs o príncipe Norodom Sihanouk

Os advogados de Minichiello contra a realização do filme sobre o assalto

ROMA, 4. — (R.) — Os advogados italianos que defendem o assaltante de um avião americano, Raffaele Minichiello, afirmaram a noite passada que lutarão para impedir que fosse realizado um filme acerca das aventuras do seu constituinte.

Dois produtores italianos anunciaram planos para realizar um filme acerca do assalto, dramático do fuzileiro naval, de 20 anos, em 31 de Outubro último, quando obrigou um «Boeing-727» da TWA a percorrer 11.000 quilómetros desde a Califórnia a Roma.

Os produtores são Carlo Lizzani e Carlo Ponti, marido da famosa estrela Sofia Loren. Contudo, anunciou-se que Ponti desistiu já do plano por causa da reacção indignada nos Estados Unidos.

O fuzileiro naval, antigo herói da guerra no Vietnam, encontra-se ainda na prisão «Rainha do Céu» em Roma aguardando julgamento por um tribunal italiano por várias acusações.

A Coreia do Norte entregará hoje o avião japonês

TÓQUIO, 4. — (R.) — A Coreia do Norte anunciou que devolveria, esta tarde, o avião japonês assaltado e quatro dos seus ocupantes.

O comunicado foi feito numa emissão em coreano pelo serviço noticioso da Coreia do Norte, captada em Tóquio.

Os nove assaltantes, que desviaram o avião da sua rota há quatro dias, não serão entregues, aguardando investigações feitas pelas autoridades norte-coreanas.

Os assaltantes, que chegaram a Pyongyang ontem à noite, pediram para ficar na Coreia do Norte.

Os quatro ocupantes são o vice-ministro dos Trans-

portes do Japão, Shinjiro Yamamura, que se ofereceu como refém em troca dos 99 passageiros e assistentes, e três membros da tripulação.

MINICARROS — nova tendência dos construtores americanos

NOVA YORK, 4. — (F. P.) — O salão do automóvel de Nova York, que abriu as suas portas ontem, foi colocado este ano sob o signo do automóvel de pequenas dimensões e da ofensiva desencadeada pelos construtores americanos para reconquistar uma parte do mercado conquistado pelos automóveis importados.

A principal novidade do salão é, com efeito, o «Grem-lin» da American Motors, o quarto construtor americano, que vem juntar-se ao «Maverick» da Ford, no grupo ainda limitado dos «minicars» americanos. O «Grem-lin» é um carro de quatro lugares, duas portas e com um motor de seis cilindros.

ARAFAT REGRESSOU AO CAIRO

CAIRO, 4. — (A. N. I.) — O dirigente da organização Al Fatah, Yasser Arafat, regressou ontem ao Cairo, depois de uma visita de dez dias à China continental e ao Vietnã do Norte.

LUTA NO SARAWAK

KUALA LUMPUR, 4. — (A. N. I.) — Tropas malaias mataram cinco guerrilheiros durante um confronto travado a 48 quilómetros a oeste de Kuching, capital do Estado de Sarawak, segundo anunciaram ontem à noite as autoridades.

GUERRA DE NARIZES

SALERNO, (Itália) 4. — (R.) — O novo «rei dos pencudos», de Itália de 1970, Alfredo Giovannardi de 59 anos, cujo nariz tem 5,6 centímetros de comprimento, foi desafiado pela sua «coroa» apenas quatro dias após a ganhar.

Angelo Romanello, de 65 anos, que vive perto desta cidade no Sul de Itália, afirma que o seu nariz tem sete centímetros de comprimento.

O título de «rei dos pencudos» «pertence-me por direito», declarou Angelo aos jornalistas, anunciando o seu desafio. «Provavelmente possui o nariz mais comprido da Europa e tenho orgulho nisso».

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Necessária: RADIOMONTADORES

Que reúnem os seguintes requisitos:

- Curso da Escola Industrial ou Especialista
- Nacionalidade Portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 35 anos de idade
- Conhecimentos de Inglês e circuitos lógicos
- Recém-formados
- Dinamismo

OFERECE

- Bom ambiente de trabalho
- Alta valorização profissional
- Contacto com novas técnicas
- Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
- Benefícios sociais
- Salários diferenciados

86 serão consideradas as candidaturas que respondam integralmente às exigências postas.

Inscrições no Serviço de Pessoal

Rua do Conde de Redondo, 79 — LISBOA

MAIS DE 40 MORTOS NO AMAZONAS

BELEM (Brasil), 4. — (A. N. I.) — A Força Aérea brasileira anunciou ontem que morreram mais de 40 pessoas e muitas ficaram feridas na explosão que se deu a bordo do petroleiro brasileiro «Sotomar-1», quando anteontem navegava no rio Perus, afluente do Amazonas, a 1120 quilómetros de Manaus.

EXPLOSÕES NA CAPITAL DA IRLANDA DO NORTE

BELFAST, 4. — (R.) — Uma violenta explosão abalou o centro da capital do Ulster, esta manhã, destruindo a fachada de um edifício na Royal Avenue e cobrindo a rua de destroços.

Policia e tropas cercaram imediatamente a área e técnicos em explosivos seguiram apressadamente para o local.

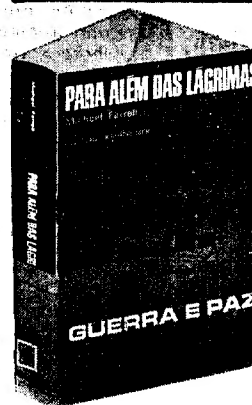
Julgou-se que uma bomba foi a causa da explosão que ocorreu no principal centro comercial da baixa da cidade, às 5 horas locais.

Poucas horas antes, verificara-se outra explosão num estabelecimento pertencente ao «Long mayor» de Belfast, na Shankill Road, predominantemente habitada por protestantes.

Entretanto o aviso de ontem de que tropas britânicas atirariam para matar se continuassem nas ruas os ataques, com bombas incendiárias, pareceu ter exercido efeito durante a noite.

20\$ POR MÊS

E PODERÁ ADQUIRIR UMA OBRA INSUPERÁVEL SOBRE A LUTA CLANDESTINA DA IRLANDA PELA INDEPENDÊNCIA



PARA ALÉM DAS LÁGRIMAS
Romance de
MICHAEL FARRELL

uma nova
Guerra e Paz

COLEÇÃO METAMORFOSES
730 PÁGINAS/120\$00

Os dramas de várias relações de amor ou amizade condicionados pelas divisões da luta clandestina da Irlanda para conquistar a independência (irlandeses contra britânicos, católicos contra anglicanos, o gaélico contra o inglês, os nacionalistas contra os unionistas) — tudo isso é de hoje, bastando traduzir Sina Fein por El-Fatah ou Vietcong, por exemplo. Traduzido em todas as línguas gultas, Para Além das Lágrimas é emparelhado pela crítica com o Leopardo de Lampedusa e o Doutor Jivago de Pasternak.

Requisição à EDITORIAL INOVA LIMITADA

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 38 / PORTO

Desejo receber o livro PARA ALÉM DAS LÁGRIMAS

☐ Contra-reembolso (Ese. 120\$00, sem mais encargos)

☐ Crédito Inova, a pagar (1) por mês (Ese. 120\$00

acrescido de portes e despesas de cobrança).

Assinalar com um X o quadrado correspondente à modalidade escolhida

Nome

Endereço

Profissão (3)

Local de trabalho (2)

(Nome da firma e endereço)

(1) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (o mínimo é de 20\$00)

(2) Estas indicações são necessárias somente para o sistema de

CRÉDITO INOVA

(A modalidade de Crédito Inova não é extensiva ao Ultramar — os serviços são efectuados contra-reembolso.)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

GUATEMALA: nova recusa do Governo em atender as exigências dos raptadores do embaixador

CIDADE DA GUATEMALA, 4 — (R.) — O Governo guatemalteco recusou-se a noite passada redondamente a pagar 700 mil dólares e a libertar 25 presos políticos exigidos pelas Forças Armadas Rebeldes (F.A.R.) como resgate do embaixador alemão ocidental raptado. Karl von Sprell.

Um boletim oficial do Ministério da Defesa dizia que o Governo revelara que a F.A.R. tinha aumentado as suas exigências de forma a incluir mais oito presos políticos e um resgate em dinheiro.

A organização exigira originalmente a libertação de 17 presos em troca do embaixador, raptado na terça-feira passada.

O boletim afirmava que a F.A.R. tinha dado ao Governo o prazo até às 15 horas (21 T.M.G.) de hoje para pagar o dinheiro em notas não marcadas de 100, 50, 10 e 5 quetzais. Um quetzal é equivalente a um dólar norte-americano.

A F.A.R. especificou que os 25 presos teriam de ser conduzidos para a Embaixada mexicana por «um alto funcionário eclesiástico» antes daquele prazo.

O boletim do Ministério da Defesa declarava que o Governo tinha sempre acolhido razoavelmente as condições impostas pelos raptadores, «mas recusamo-nos redondamente a fazer esta transacção ofensiva contra o institucionalismo do país e decretamos um estado de excepção em todo o território nacional, de forma a que possamos tomar medidas ditadas pelas circunstâncias».

Isso era uma referência às medidas de emergência impostas durante a noite, que entrego o Poder durante 30 dias às autoridades militares.

A decisão do Ministério da Defesa de rejeitar as exigências dos raptadores é o acontecimento mais sério em todos os casos semelhantes que têm ocorrido na Guatemala durante os últimos anos.

Nas ocasiões anteriores, as exigências de resgate foram sempre aceites.

Observadores políticos desta capital afirmaram que a vida do embaixador, de 62 anos, pendia agora da balança. Notaram que

o duro movimento rebelde executou no passado o embaixador americano John Gordon Mein e dois adidos da Embaixada.

Com o boletim, o Ministério da Defesa emitiu um decreto de emergência proibindo a imprensa nacional de publicar qualquer informação sobre o rapto ou de discutir as consequências da atitude do Governo.

Entretanto, funcionários alemães ocidentais, preocupados acerca da sorte do seu embaixador, reuniram-se no edifício da missão.

Um funcionário da Embaixada disse que fora recebida uma informação dos rebeldes dizendo que tinham um médico a cuidar do conde von Sprell, que é doente e sofre de deficiência cardíaca.

DIA MUNDIAL DA SAÚDE

GENEVA, 4. — (F. P.) — É a luta contra o cancro que a Organização Mundial de Saúde (O. M. S.) dedicou em 7 do corrente o «Dia Mundial de Saúde», cujo tema será «para salvar vidas, descobrir o cancro a tempo».

Na mensagem alocada a esta celebração, o director-geral da O. M. S., dr. Marcello Candau, declara: «Embora o conjunto dos meios de luta contra as diferentes espécies de cancro tenha registado acentuado desenvolvimento desde há alguns anos, os consideráveis meios de que dispomos nem sempre são plenamente aproveitados». E acrescenta: «Em consequência de concepções erróneas, por ignorância e ainda por recusa em ver o problema de frente, muitas pessoas que se julgam com cancro não vão consultar o médico logo que podem».

A mensagem conclui: «Se o Dia Mundial da Saúde contribui para melhor informar o público do que realmente é o cancro e dos meios de luta que estão actualmente à nossa disposição, muitos sofrimentos inúteis seriam evitados e numerosas vidas humanas poderiam ser salvas».

com chifOnet* PANOS PARA TUDO Johnson & Johnson "tem pano para mangas"

Pano para limpar o pó?
Flanela para polir?
Espanja para observar?
Para quê tanta coisa?!!
Agora tem Chif-O-Net... e Chif-O-Net beetle!
Os Chif-O-Net são feitos de tecido «não tecido» especialmente criado

pela Johnson & Johnson
São bonitos, práticos, económicos,
resistentes, laváveis
... e tão macios!
Pode utilizar os Chif-O-Net
nos mais diversos serviços



na lavagem de louça



na limpeza das casas de banho



para dar brilho aos vidros



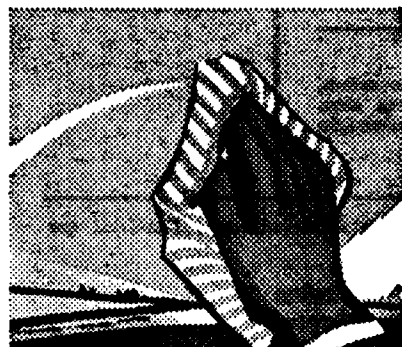
na limpeza de fogões



para limpar e polir pratas



na limpeza do pó



no automóvel



lavar com água limpa e espremer sem torcer

LAVÁVEIS

Depois de utilizados, basta uma rápida lavagem em água limpa

Mas se o Chif-O-Net estiver realmente muito sujo, deite-o fora e use um novo Chif-O-Net!

chifOnet
PANOS PARA TUDO
Johnson & Johnson

com mil e uma aplicações conhecidas
...e mais aquelas que v. irá descobrir

* MARCA DE FÁBRICA

© J&J (1970) AP-CH-2

ATLA

TAILÂNDIA—UM REINO SEM CONTESTAÇÃO

(Continuação da 3.ª página)

opinião, que haveria americanos «que dessem a sua vida, se necessário, para defender o actual Governo de Banqueoque» (1).

Continuaremos a ser «aquele parte do bambu que verga sob o vento», lembrava recentemente o príncipe Seni Pramoi, chefe do partido democrático. No século XIX, a diplomacia tailandesa teve que recomendar a toda a sua habilidade para jogar os franceses contra os ingleses, e arranjar bastantes amizades de ambos os lados, a fim de preservar a sua independência. Em 1945 com o mesmo êxito, conseguiu passar, sem demasiados sacrifícios, da aliança militar com o Japão para a entente com as potências aliadas vencedoras.

Houve quem visse, ou julgasse ver alianças onde havia apenas arranjos. Quando se manifestaram os primeiros desentendimentos com os E. U. A., no ano passado, certos observadores julgaram poder concluir pelo fim de uma «lua-de-mel» curiosamente subsequente a um «casamento por interesses». «Para eles — disse um dr. P. Schweisguth, autor de um estudo sobre a literatura tailandesa — o paraíso e o inferno situar-se-iam na terra e mais entre os homens que em qualquer outro ponto. A «élite» que se situa no topo desta sociedade conservadora, preferia tópicamente o espírito do pacto de Manila na Conferência de Bandoung.

De qualquer maneira, o espírito de Bandoung falhou, e, neste imediato que tanto conta, o vento mais forte sopra do Ocidente. Mais valha, então, como diz um provérbio local, as costas de um tigre conhecido que as de um crocodilo desconhecido. Porque falar de lua-de-mel entre uma potência mundial no auge do seu poder e um pequeno reino tradicionalista e cioso da sua independência?

Embora desejem vivamente o êxito americano no Vietnã eles não apostariam mais nesta hipótese que na sua contrária. Estava o Vietnã, afinal de contas, assim tão próximo do seu horizonte? Em compensação, querem evitar que o fim da aventura americana se traduza por uma retirada precipitada, sobretudo neste momento em que a guerra se endurece no Laos, em que a guerrilha local continua a mostrar-se activa e em que a economia precisa ainda de ser apoiada. Que o vento mude, pois! Mas, acrescenta o príncipe Seni Pramoi é de esperar para o seu país, que no futuro «nenhuma tempestade seja violenta a ponto de vencer a sua capacidade de vergar».

(1) Cit. por Louis Lomax, no seu livro: *Thailand: The war that is the war that will be*, Random House, 1967.

PRÓXIMO ARTIGO

«A REVOLUÇÃO, MAS PARA QUANDO?»

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

HOMENAGEADO EM ITÁLIA O DR. AZEREDO PERDIGÃO

ROMA, 4 — (E.) — O dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, que se encontra em Roma, em viagem para Veneza, a convite do presidente da Fundação Giorgio Cini, onde se realiza importante reunião do «Groupe Inter culturel d'Information et de Coordination pour les Spectacles et les Concerts», em que participará a dr.ª Maria Madalena de Azeredo Perdigão, foi homenageado com um jantar oferecido pelo embaixador secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália.

Assistiram altas individualidades do mundo oficial da diplomacia e das artes, a embaixatriz de Itália em Lisboa, o encarregado de Negócios da Embaixada de Portugal em Roma, etc.

Ontem, o conde Vittorio Cini, presidente da Fundação Giorgio Cini, ofereceu um almoço em honra do presidente da Fundação Gulbenkian e da senhora de Azeredo Perdigão, a que assistiram, entre outras individualidades, o director-geral dos Assuntos Culturais, os directores do Instituto de Investigação Científica e do Instituto Latino-Americano, a embaixatriz Ceruti-Irell, os duques de Caffarelli e outras altas individualidades.

A LEI DE PROTECÇÃO DA NATUREZA

SOMOS O ÚNICO PAÍS EUROPEU SEM UM PARQUE NACIONAL

— diz o parecer da Câmara Corporativa

Segundo se afirma no parecer da Câmara Corporativa, a proposta de lei enviada à Assembleia Nacional sob a designação de «Protecção da Natureza e dos seus recursos» corresponde a uma necessidade nacional, e, também, como no seu preâmbulo se acentua, a um apelo do Conselho da Europa, que ce-

lebra, em 1970, o ano europeu da conservação da Natureza. Pretende-se adoptar conceitos da União Internacional para a Conservação da Natureza, iniciando-se um conjunto de medidas de que os parques nacionais fazem parte, como acção prioritária.

A Câmara interpreta a pro-

posta de lei do Governo como justificada adesão a um movimento de alarme perante riscos de destruição dos recursos naturais, o que obriga a estabelecer a cooperação internacional indispensável para defesa dos territórios e dos mares. Este alarme representa uma tomada de consciência perante factos muitos antigos de relações entre o homem e a ecologia, factos que assumem agora maior intensidade e evidência, não só em resultado do acentuado crescimento demográfico, como também do efeito de novas técnicas que atribuem a toda a humanidade maior poder de transformação geográfica.

No parecer da Câmara, de que é relator o eng.º Castro Caldas, afirma-se mais adiante:

«No conjunto dos países europeus somos, no continente e ilhas, o único país que ainda não criou um parque nacional ou uma reserva amadora. E, no entanto, e como se referiu, quando o projecto de arborização do perímetro florestal do Gerês foi apresentado em 1939, os serviços florestais promoveram a criação de um parque nacional naquela região do Noroeste português. Decorreram trinta e um anos e a Câmara Corporativa entende que essa oportunidade não está perdida, embora nesse intervalo muitos valores se destruíssem nessa maravilha: a região Várzea, por exemplo, Vilariño das Fur-

nas, a preciosa «aldeia comunitária» monografada em 1948 por Jorge Dias, que breve ficará sepultada pelo regolho de uma barragem. É pena que não se tenha podido encontrar uma solução para preservar, sob a forma de monumento ou museu, um legado de séculos que nunca se reconstituirá.

Existem ainda algumas áreas onde será possível a salvaguarda de valores existentes, particularmente nas regiões de montanha submediterrâneas, agora a intenso êxodo rural. Contudo, nos casos em que haja necessidade de considerar desde já, noutros locais, a defesa contra a impenhável acção humana, podem estabelecer-se reservas naturais prevendo que no futuro possam ser o núcleo de novos parques nacionais.

Há possibilidades de constituir, de acordo com princípios civilizados e civilizados, toda uma gama de reservas específicas capazes de abrangerem diferentes ramos da ciência interessadas: reservas geológicas, botânicas e zoológicas, bem como reservas especiais para protecção de espécies raras ou em risco de extinção. Será possível ainda conceber diversos tipos de reservas denominadas «parques naturais» ou «parques regionais», visando todos eles uma mesma finalidade: a salvaguarda do meio natural e a melhor utilização dos tempos livres para nacionais e estrangeiros.»

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Avenida da Liberdade, 24—Lisboa 2—Portugal
Apartado N.º 2881



Telefone 361353 (P. P. C. — 7 linhas)
Endereço telegráfico — Águas — Lisboa

EMIÇÃO DE 60000 OBRIGAÇÕES

(2.ª Fase)

COM AVAL DO ESTADO

VALOR NOMINAL DE CADA OBRIGAÇÃO Esc. 1000\$00

PREÇO DE SUBSCRIÇÃO Esc. 1000\$00

VANTAGENS FISCAIS Redução de 50% do Imposto de Capitais e isenção total do Imposto Complementar.

TAXA DE JURO LÍQUIDO Cerca de 5 1/2 %

AMORTIZAÇÃO, AO PAR, POR SORTEIO Verificando-se a primeira amortização em 15 de Novembro de 1975 e a última em 15 de Maio de 1985.

DATA DE PAGAMENTO DOS JUROS Semestralmente, em 15 de Maio e em 15 de Novembro, sendo o valor do primeiro cupão acrescido dos juros correspondentes ao período que decorre entre a subscrição e o dia 15 de Novembro de 1970.

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta de 30 de Março a 4 de Abril, nos seguintes Estabelecimentos Bancários que tomarão firme a emissão:

- Caixa Geral de Depósitos
- Banco Agrícola e Industrial Visense
- Banco da Agricultura
- Banco do Alentejo
- Banco de Angola
- Banco Borges & Irmão
- Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
- Banco de Fomento Nacional
- Banco Fonsecas & Burnay
- Banco Nacional Ultramarino
- Banco Pinto & Sotto Mayor
- Banco Português do Atlântico
- Banco Totta & Açores
- Bank of London & South America
- e C. G. Crédito Predial Português
- Crédit Franco Português
- Almeida, Basto & Piombino & C.ª
- Augustine Reis & C.ª
- Pancada, Moraes & C.ª

TAXA
DE
JURO

6%

PROFESSORES E ESTAGIÁRIOS do Curso de Bibliotecários e Arquivistas visitaram Leiria

LEIRIA, 4 — Já está instalada parte da Biblioteca Brudista de Leiria em dependências do edifício da Câmara Municipal, aguardando instalações condignas e próprias, na falada, projectada e ambonada casa de cultura desta cidade.

O grosso do recheio, com vendas de preciosidades, foi assim transferido do anexo da Sé Catedral, onde há longos anos funcionava a biblioteca, embora sempre se considerassem aquelas condições sem condições para o efeito, para as antigas instalações do Centro de Mobilização e Comando Militar no rés-de-chão dos Paços do Concelho.

O interesse que a esta transferência tem dedicado os srs. governador civil, presidente da Câmara e o director da Biblioteca, de Gentil Ferreira e Sousa, tem sido

acompanhado por toda cidade, que muito preza e se orgulha do seu património literário, do qual a Biblioteca Brudista e a Biblioteca Municipal «Afonso Lopes Vieira» são depositárias.

De visita a estas dependências provisórias esteve aqui o inspector superior das Bibliotecas e Arquivos, sr. dr. Luís Silveira, acompanhado por professores estagiários do Curso de Bibliotecários e Arquivistas, que decorre em Lisboa Acompanhando esses visitantes, esteve também presente o sr. prof. dr. Hans Flasch director da Faculdade de Letras de Hamburgo e sua esposa.

Após a visita, houve no restaurante «Verde Pino», um beibereto de convívio oferecido pelo presidente da Câmara sr. Bernardo das Neves Pimenta um mentransen lis-res.

PIANOLA
AUTO-RÁDIO DE TÉCNICA AVANÇADA
REPRESENTANTE EXCLUSIVO
STAND ASLA — PORTO

Futuros agrónomos dizem não ao estágio e ao relatório

(Continuação da 1.ª página)

do estágio e relatório final do mesmo. Na primeira reunião havia sido decidido alterar a proposta anteriormente apresentada ao Conselho Escolar, a qual preconizava a delimitação precisa do período de estágio, licenciando-se o aluno após a entrega do relatório. A par disso fora também decidido iniciar contactos directos com o ministro da Educação Nacional. A nova proposta, antecorrida e ratificada pelos presentes — cerca de uma centena — pede a abolição pura e simples do estágio e, portanto, do seu relatório final.

Ficou decidido por unanimidade apresentar ao Conselho Escolar a nova proposta antes do dia 7 deste mês — data em que, segundo informação da comissão de estagiários, reunirá o Conselho. Paralelamente, será pedida uma audiência ao ministro da Educação. Nessa audiência os estagiários pretendem entregar o memorando e a sua proposta de abolição do estágio.

— Dantes os alunos apoiavam-se nos professores para fazerem as suas reivindicações junto do Ministério. Agora, verifica-se — comparan-

do o documento do Conselho Escolar quanto à reforma do Instituto enviado à Direcção-Geral do Ensino Superior e de Belas-Artes com o último discurso do prof. Veiga Simão — que as propostas do ministro são mais avançadas — afirmou um dos presentes em defesa das diligências a

quantil quanto à reforma global do ensino.

O último ponto da ordem dos trabalhos foi preenchido com a eleição de uma nova comissão de estagiários, integrando já os que terminaram o curso em 1969.

A reunião terminou com a aprovação unânime de uma

são dos trabalhos, o que teria levado — segundo informação prestada pela comissão de estagiários — o Conselho a finalmente reunir para apreciar a proposta.

O memorando apresentado ao Conselho Escolar e a apresentar ao ministro é um longo documento objectivo



A mesa que presidiu à reunião de anteontem no Instituto Superior de Agronomia

effectuar junto do ministro da Educação. Esse aluno sublinhou, no entanto, que «a Associação Académica é o organismo representativo dos estudantes e só a ela compete definir a política estu-

moção de apoio aos alunos dos primeiros e segundos anos «pela acção pedagógica que vêm desenvolvendo». Foi ainda aprovada outra moção de louvor à Imprensa pelo relato que fez da primeira ses-

que serve de fundamento à proposta de alteração do regime de estágio. As suas 13 conclusões são as seguintes:

1 — Que a legislação em vigor parecendo querer indicar que o estágio final dos cur-

sos de Agronomia e Silvicultura deveria ter a duração de 12 meses contém na letra o suficiente para o estágio não ter, na prática, tempo, limitado;

2 — Que a existência de um acto final, em que o trabalho escrito, elaborado pelo estagiário, é discutido e classificado tendo a nota assim obtida um valor semelhante ao de cada um dos 5 anos normais de frequência do curso, na formação da média final de licenciatura, contribuiu decisivamente para o facto de sucessivamente os estágios se tornarem mais longos e do trabalho neles feito se tornar mais complexo;

3 — Que não compete aos estagiários dos cursos de Agronomia e Silvicultura, porque para tal não lhes dá a escola preparação suficiente, o fazer trabalhos de investigação, e que o facto de actualmente se fazerem, além de lhes trazer inúmeras dificuldades pessoais, ilude doentamente alguns espíritos a falta existente em Portugal de uma investigação científica, com bases sólidas, à altura das necessidades futuras do País;

4 — Que o modo deficiente como os estagiários são forçados a fazer investigação os vicia em métodos já hoje reconhecidamente ultrapassados, e lhe tira produtividade ao seu esforço, em virtude dos e lhes tira produtividade conclusões que assim conseguem obter;

5 — Que a investigação científica é algo de valor incalculável, que no estado actual de desenvolvimento das ciências e das técnicas não pode ser confundida com trabalhos feitos contra-relógio; que quando feita por homens competentes e integrada nas necessidades do País, tem rentabilidade segura, não se justificando, portanto, que os estagiários sejam olhados como um meio economicamente barato de a fazer;

6 — Que dos estagiários

matriculados entre 1960 e 1967, 38 % ainda não apresentaram o respectivo relatório final;

7 — Que da duração dos relatórios finais entregues entre 1960 e 1968 (266) se conclui terem estes a duração média de 41 meses, sendo a respectiva mediana de 29 meses;

8 — Que 44 % dos técnicos que apresentaram o seu relatório final, entre 1960 e 1968, mudaram completamente de sector de actividade na vida profissional, com todo o desperdício de tempo e preparação que isso representa;

9 — Que o actual período de duração dos estágios traz ao estagiário, face à deficiente remuneração que recebe, compreensíveis dificuldades económicas;

10 — Que a Escola não garante ao estagiário um estágio remunerado no assunto em que este tenha interesse em trabalhar (ou mesmo em qualquer outro), sendo de inteira responsabilidade e risco do estagiário o trabalho de o procurar;

11 — Que a actual lei de recrutamento militar e o actual regime de estágios forçam os muitos dos recém-formados a fazerem o serviço militar antes do estágio, com todas as consequências de por vários anos interromperem a sequência dos seus estudos;

12 — Que a Escola não garante através do seu Corpo Docente o indispensável apoio e acompanhamento dos estagiários, durante o estágio, de molde a lhes evitar muitas das dificuldades com que actualmente deparam, não se cumprindo assim o estipulado no Regulamento dos Estágios (art.º 3.º e 4.º);

13 — Que o regime de estágios de licenciatura do Instituto Superior de Agronomia é distinto dos que vigoram em quase todas as escolas da Universidade Técnica, só sendo idêntico ao do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, e sendo, dentre todos o mais criticável.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa

A assembleia geral da Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa aprovou o relatório e contas da gerência do último ano, bem como o parecer do conselho fiscal. Na reunião foi ainda aprovada, por aclamação, a proposta da direcção de um voto de louvor à Imprensa pelas facilidades que sempre concedeu àquela Associação e pelo interesse que sempre manifestou pela sua causa.

Da Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa

A assembleia geral da Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa, reunida extraordinariamente, aprovou o relatório e contas da gerência no exercício de 1969.

Numeros constantes dos mapas anexos ao relatório

dão ideia da actividade desenvolvida no ano findo pela instituição a favor dos associados e familiares; internados, 1344; partos, 611; operações na sala própria, 235; nos dispensários, 514; consultas na Policlínica, 14 827 434\$50 e a despesas 8365.

Da Casa de Moçambique

Sob a presidência do sr. Simão Joaquim Xavier Valente, secretariado pelos srs. dr. Raimundo Brites Moita e professor Ludgero Alves, reuniu-se a assembleia geral ordinária da Casa de Moçambique que aprovou, por unanimidade o relatório e contas da direcção respeitantes ao ano de 1969.

Da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses

Realizou-se sob a presidência do sr. Acursio Pereira a assembleia geral extraordinária da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, convocada para dis-

cussão e votação do projecto de reforma dos seus estatutos.

Ao abrir a sessão, usou da palavra, em nome da comissão que elaborou o projecto, o dr. Luís de Oliveira Guimarães, que expôs as razões das alterações introduzidas nos estatutos em vigor, determinadas em grande parte, por transformações profundas que se produziram, nos últimos tempos, nos domínios afectos àquela colectividade e aos interesses e direitos dos seus sócios. E deu esclarecimentos acerca das principais alterações propostas.

Depois de vários oradores terem usado da palavra, o projecto de reforma dos estatutos foi aprovado na generalidade.

Entrou-se, depois, na discussão na especialidade em que intervieram, entre outros oradores, os srs. dr. Luís Francisco Rebelo, João Nobre, César de Oliveira, Frederico de Brito, Miguel Franco, Cristiano Lima e Joly Braga Santos. Foram aprovados vários artigos, alguns deles com alterações.

Devido ao adiantado da hora, o presidente suspendeu os trabalhos, que prosseguirão no dia 6, às 21 horas.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Está interessada em admitir para o seu Centro Computorizado de Comunicações:

ENGENHEIROS ELECTROTÉCNICOS

que reúnem os seguintes requisitos:

- especialidade correntes fracas
- bons conhecimentos de inglês
- conhecimentos básicos de programação
- recém-formado
- nacionalidade portuguesa
- serviço militar cumprido ou dele isento
- menos de 36 anos de idade

preferência

oferece:

- bom ambiente de trabalho
- valorização profissional
- contacto com novas técnicas
- vencimento inicial compatível com as condições exigidas
- benefícios sociais
- salários diferenciados

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal, até ao dia 15 do corrente — Rua do Conde de Redondo, 19, LISBOA.

se val viajar
leve o seu automóvel !!!

Normandy Ferries

Próximas viagens do «LEOPARD»

Para SOUTHAMPTON e HAVRE:

15 e 26 de Abril e 7 de Maio

Para CASABLANCA:

12 e 23 de Abril e 4 de Maio

MINI-VIAGENS A CASABLANCA

Preços desde 1.615\$00



Consulte o seu Agente de Viagens ou:

E. PINTO BASTO & C. Lda
Praça Duque de Terceira, 50 Telêmaco 300-01 - LISBOA

DINERS CLUB PORTUGUÊS
em colaboração com o
BANCO DO ALENTEJO
Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas

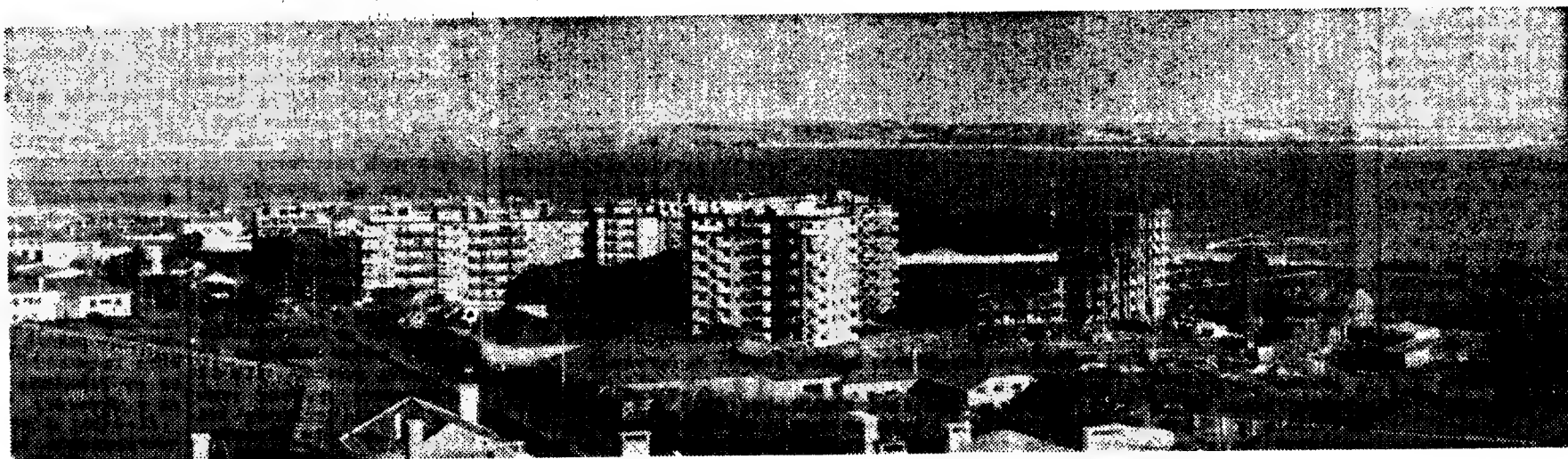
INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — A L G É S
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS

Em Paço de Arcos encontra a sua solução



2000
PARA

PROPRIEDADES
VENDA EM CONSTRUÇÃO

Apenas a 100 metros da praia
e próximo da estação de
caminho de ferro

J. Pimenta, S.A.R.L., oferece-lhe a possibilidade de multiplicar as suas economias ou a felicidade de viver num ambiente confortável

NOTA: As propriedades que vendemos são inteiramente construídas pela nossa organização com materiais de primeira qualidade por pessoal especializado ao nosso serviço. Os caixilhos das janelas são de alumínio anodizado, de grande duração, e as paredes interiores revestidas de papel lavável.



NA NOSSA DELEGAÇÃO EM LISBOA Pr. Marquês de Pombal, 15

- Apartamentos Mobilados em exposição, para habitação própria ou para rendimento

- Artesanato e Mobiliário em venda directa, com grande variedade, bem como utensílios para o lar.

- Materiais de Construção do mais pequeno parafuso à maior banheira passando por tintas, ferragens, ferramentas, conjuntos de loiças sanitárias, artigos de decoração, etc.

- Azulejos nacionais e estrangeiros, destacando-se lindos padrões de azulejos japoneses de invulgar qualidade e os da nossa fábrica Nova Cerâmica da Madalena, Lda.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Praça Marquês de Pombal, n. 15-1 — Telefones 45843 e 47843 * QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021-22 * AMADORA-REBOLEIRA — Telefone 933670 * PAÇO DE ARCOS (Espargal) — Telefone 2433511

Diário DO PORTO

Decorrerá no Porto a VIII Reunião Luso-Espanhola de Endocrinologia

PORTO, 4 — Organizada pela Sociedade Portuguesa de Endocrinologia começa depois de amanhã, com a sessão inaugural, às 9 e 30, no Hospital de São João, a VIII Reunião Luso-Espanhola de Endocrinologia, que se prolongará até quarta-feira.

Nesse dia, haverá uma sessão no Hospital de Santo An-

tónio e o banquete de encerramento no Casino da Póvoa de Varzim.

Durante esses três dias, a par das actividades científicas — apreciação de comunicações e reuniões de mesa-redonda —, haverá actividades sociais, incluídas no programa de visitas turísticas e a estâncias de arte e cidade e a província do Minho.

Cineclubismo

Promovida pelo Cineclube do Porto, haverá amanhã, às 10 e 45, no Cinema Batalha, uma sessão de cinema com o filme «Que bom é viver!», de René Clement.

O «Dia Internacional do Livro Infantil»

Incluída nas comemorações do «Dia Internacional do Livro Infantil», haverá amanhã, às 18 horas, no Cineclube do Porto, uma sessão de leitura de contos por Vera Costa Santos, que se acompanha à viola. Ilustrações pelo pintor Joaquim Vieira. A entrada é livre para crianças até 10 anos.

VIDA SOCIAL

DR. ALFREDO FRANCO

Partiu hoje para os Estados Unidos da América do Norte, com demora de poucos dias, o sr. dr. Alfredo Franco, médico dos Hospitais Cívicos e presidente do Instituto de Cardiologia Social.

PRESO POR BURLA O GERENTE DA EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO, 4 — Preso, nesta cidade, está agora, na cadeia civil o sr. Álvaro de Almeida Melo, de 53 anos, gerente da Empresa Predial Nortenha, Lda, com sede na Praça de D. João I. É acusado de burla.

Foi preso pelo oficial de diligências do 4.º juízo correcional, pois, ocasionado por aquele tribunal, em cem contos, que não depositou e foi motivada pelo facto de, em 12 de Fevereiro último,

haver passado, em nome daquela empresa, um cheque, sem cobertura, no montante de 62 652\$80, ao sr. Custódio Pereira da Costa, de Vila, Meixedo (Viana do Castelo).

Entretanto, também o processo de negociações, transações e escrituração feita da mesma empresa corre os seus trâmites legais. Esse processo foi noticiado por via de nota de entidades oficiais.

Espectáculos para hoje

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Peço a palavra» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «O Auto da Alma» (12 anos).

CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «A grande competição» (12 anos).
COL SEU — As 21 e 30: «Meia Jovis» (12 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «O anormal» (17 anos).
FRONDADE — As 21 e 30: «A grande competição» (12 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Os ratoneiros» (12 anos).
ESTUDIO — As 21 e 30: «Três quartos em Nova York» (17 anos).

OLIMPA — As 21 e 30: «A Re-sonância» (12 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Sigo o meu caminho» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «A terra amansada» e «Flechas de fogo» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «O anormal» (17 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30: «Os Condições de San Sebastião» (17 anos).

ODEON — As 21 e 30: «Só se vive duas vezes» (17 anos).
CINE-VITÓRIA — As 21 e 30: «A maior aventura» (12 anos).
CINE-ERMESINDE — As 21 e 30: «Istambul, missão secreta» (17 anos).
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Como matar Rasputin» (12 anos).

Amanhã

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 16: «Peço a palavra» (17 anos).

CINEMAS
SAO JOAO — As 5 e 30: «A grande competição» (12 anos).
COL SEU — As 5 e 30: «Meia Jovis» (12 anos).
RIVOLI — As 5 e 30: «O anormal» (17 anos).
FRONDADE — As 5 e 30: «A grande competição» (12 anos).
BATALHA — As 5 e 30: «Os ratoneiros» (12 anos).
ESTUDIO — As 5 e 30: «Três quartos em Nova York» (17 anos).

OLIMPA — As 5 e 30: «A Re-sonância» (12 anos).
AGUIA D'OURO — As 5 e 30: «Sigo o meu caminho» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 5: «Uma leoa, chamada Elas» e «Alvarez Kelly» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 5 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos).
JULIO DINIS — As 5 e 30: «O anormal» (17 anos).
NUN'ALVARES — As 5 e 30: «Os Condições de San Sebastião» (17 anos).
ODEON — As 5 e 30: «Só se vive duas vezes» (17 anos).
CINE-VITÓRIA — As 5 e 30: «A maior aventura» (12 anos).
CINE-ERMESINDE — As 5 e 30: «Istambul, missão secreta» (17 anos).
CINE-GAIA — As 5 e 30: «Como matar Rasputin» (12 anos).

CINE-VITÓRIA — As 5 e 30: «Revolta na Bounty» (12 anos).

SUPREMO TRIBUNAL

O sr. desembargador Manuel José de Carvalho Fernandes Costa, servindo na Relação de Coimbra, foi nomeado conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Aumento de preços nas barbearias do Porto (a partir de segunda-feira)

PORTO, 4. — A partir de depois de amanhã, as barbearias do Porto e das sedes dos concelhos de Gaia e de Matosinhos, passam a cumprir o determinado em novas tabelas de preços.

Assim o corte de cabelo e barba será de 24\$00 e 21\$00, respectivamente, nas barbearias de 1.ª e 2.ª classe; só cabelo, 17\$50 e 15\$00; barba, 6\$50 e 6\$00; Barba e tesoura, 17\$50 e 15\$00; corte à nava, 40\$00 e 35\$00; lavagem de cabeça, 10\$00; penteado

O T. E. U. C. NA PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM, 4. — O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra vem hoje a esta vila e dará, no Teatro Garrett, um espectáculo com a peça «O Imperador Jones», de Eugene O'Neill, em estreia em Portugal.

A encenação é de Julio Castonovo, que dirige, também, a secção infantil do T. E. U. C. que, durante a tarde, no ginásio da Escola Industrial e Comercial, apresentará a pantomima infantil, «Mel, pastel e um boneco de papel».

Atropelou um javali

ANCORA, 4. — Quando seguia desta localidade para Viana do Castelo, ontem, cerca das 11 horas, conduzindo o seu automóvel, o nosso correspondente em Ancora, sr. João Freitas, entre Afife e Carreço, apercebeu-se de que dois javalis atravessavam a estrada. Um deles foi apanhado pelo veículo, mas, na altura, conseguiu fugir.

Só esta manhã, o sr. João Freitas deu com o javali, morto, num campo de milho, próximo da berm da estrada. Trata-se de uma fêmea e pesa cerca de 60 quilos.

Um telhado de alumínio desviava os aviões para a estrada

BEIRA (Moçambique), 4. — (R.) — Pilotos que faziam a aproximação do aeroporto desta cidade, admiravam-se com as indicações para aterragem que lhes eram transmitidas pela torre de «controle». Se as seguissem rigorosamente, teriam aterrado na estrada principal e não na pista.

Investigações posteriores realizadas por técnicos do aeroporto revelaram que a cobertura de alumínio de um edifício próximo causava um desvio de 12 graus nos sinais. Em consequência disso, os proprietários do edifício concordaram em substituir o alumínio por outro metal.

DE COIMBRA ENCARA-SE A AMPLIAÇÃO DO BAIRRO DA MISERICÓRDIA RECENTEMENTE INAUGURADO

Na reunião da mesa da Misericórdia, sob a presidência do sr. prof. dr. Bissam Barreto, foram tratados assuntos referentes à venda, recente de terrenos para construções no Cerco e prestados esclarecimentos quanto a novas construções na Quinta da Conchada, resultantes de uma troca de impressões com o presidente da Câmara Municipal, quanto a uma possível ampliação do bairro recentemente inaugurado.

A mesa pronunciou-se, a seguir sobre as obras na capela e da sua reabertura ao culto, e tomou conhecimento de uma carta do capelão sobre a reabertura, sugerindo a data de 12 do corrente. Todavia, dado o atraso de alguns pormenores de arranjos, os mesários foram concordantes em que a reabertura se faça no primeiro domingo de Maio, dia 3 e de Santa Cruz. O sr. dr. Santos Madeira sugeriu que seja convidado o prelado da diocese e se façam convites

às entidades oficiais para o acto.

O sr. dr. Santos Madeira deu, ainda, conhecimento de que se reunira com o director dos Monumentos Nacionais, sr. arquitecto Amoroso Lopes, a quem apresentou os planos de ocupação do edifício da Misericórdia para efeito de recuperação do mesmo dentro da orientação da terminada pelo sr. ministro das Obras Públicas. Informou, ainda, que foram tomadas algumas anotações referentes ao assunto, que será, agora estudado em Lisboa pelo arquitecto já contratado expressamente para o efeito.

Foi, depois, tomado conhecimento de que se vai tentar reparar o maquinário do relogio, pelo artista que reparou recentemente, o da Universidade. Deve estar a funcionar em Maio, voltando, nessa altura, a ouvir-se os senos do Colégio Novo.

Exames de frequência de alunos voluntários da Faculdade de Letras

Consoante o despacho do sr. subsecretário de Estado da Administração Escolar, de 4 de Março findo, que torna facultativas as frequências dos alunos voluntários da Faculdade de Letras, os referidos estudantes que pretendam fazer exame de frequência, embora a título facultativo, das cadeiras nas quais estão inscritos, devem, para isso, inscrever-se na secretaria daquela Faculdade, até o dia 18, inclusive.

Corpo docente universitário

Na segunda-feira e nos dias 8 e 10 na Sala dos Capelos da Universidade e na Faculdade de Direito, decorrerão as provas para professor extraordinário daquela Faculdade, prestadas pelos srs. drs. Francisco Manuel Pereira Coelho e Rogério Guilherme Ehrhardt Soares.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
GIL VICENTE — As 21 e 30: «A sangue frio» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Santinhos conjugais» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Um golpe em Itália» (17 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Deserto Vermelho» (17 anos).

Farmácias de serviço

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges (tel. 22605).
FIGUEIREDO — Rua de Sofia (tel. 22837).
ESTADIO — Rua do Brasil (tel. 24410).
MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida (tel. 23904).

Pela Universidade

Regressaram de Espanha, os srs. prof. dr. Cruz Pontes e revs. drs. Manuel Augusto Rodrigues e José Geraudes Freire, que, em representação da Faculdade de Letras, tomaram parte no II Congresso Internacional das Ciências Teológicas, promovido pelo Instituto de História da Teologia Espanhola e reunido em Salamanca.

— Na segunda-feira, às 18 e 30, na capela da Universidade, será celebrada missa pelo prelado da diocese. É uma das cerimónias religiosas instituídas pelo Infante D. Henrique em honra de Nossa Senhora da Anunciação.

Interesses concelhios

Trabalharam com o chefe do distrito, o eng.º sr. Horácio de Moura, os presidentes das Camaras Municipais de Arganil, Montemor-o-Velho, Soure, Penacova, Coimbra e outras, de fundadores da futura Liga Regional Chelense, acompanhada pelo presidente da Camara Municipal de Penacova; e os presidentes de Juntas de Freguesia de Condeixa-Nova.

Exames na Aliança Francesa

Na secretaria da Aliança Francesa estão abertas, até sexta-feira, as inscrições para os exames de Paris (Diplomas de Langue Française, d'Etudes Françaises Modernes e de Hautes Etudes Françaises).

Estes exames decorrerão em Maio, em dias e horas a designar.

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	25/3/70	3/4/70	Desvio %
GERAL	163,5	158,4	-3,1
METROPOLITANAS	152,8	148,5	-2,8
Bancarias	274,1	264,7	-3,4
Elétricas	180,7	182,2	+0,8
Industriais	134,6	132,8	-1,3
Diversas	162,5	154,7	-4,8
ULTRAMARINAS	242,0	231,3	-4,4
Angolanas	251,2	248,6	-1,0
Moçambicanas	136,8	124,2	-9,2

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



APARECEU O PEQUENO CADÁVER

(JUNTO DE UM MOINHO ABANDONADO)

DA CRIANÇA DESENTERRADA NO CEMITÉRIO DE SOBRADO

PORTO, 4. — Esta manhã, pouco depois das 10 horas, um pequenito que brincava próximo de um moinho abandonado, junto ao rio Ferreira, a uns 500 metros do cemitério do lugar de Sobrado (Valongo), encontrou o cadáver da pequenina de onze meses, Maria José Moreira Dias, que, como largamente noticiámos, desaparecera da sepultura e, desde então,

tem sido procurado pelas autoridades policiais. O garoto correu a dar conhecimento do facto a uns vizinhos, os quais, prontamente, avisaram a G. N. R. local. E avisada a Polícia Judiciária, logo para ali seguiram os investigadores. A hipótese que surge como mais viável e que poderá ser confirmada pela P. J. relaciona-se com a pista sobre um caso de bruxedo.

Sabe-se, efectivamente, que, na região, muitas mulheres são dadas a tais práticas ou as consultam-nas, especialmente duas, uma de São Pedro da Cova e outra da Maia, as quais, para progresso do seu negócio, têm eu Sobrado um «agente» que marca as «consultas» e em casa de quem as bruxas, pelo menos aquelas, vão, em dias certos da semana atender, as clientes. Esse «agente», Manuel

Pinto Lopes, o «Tum», já foi ouvido pelos investigadores. Voltando ao caso do desaparecimento do pequeno cadáver, parece ser «fé» das bruxas que, para salvar uma menina em outros casos semelhantes, é preciso levar-lhes a presença uma «Maria virgem». Ora, a malograda criança cujo corpo desapareceu chamava-se Maria, tinha 11 meses, e seria essa, talvez, a razão pela qual alguma mulher, necessitando dos serviços de uma das bruxas, tenha cometido o roubo do pequeno cadáver, que, depois, tentara escondê-lo.

Investigadores da mesma corporação esforçam-se, igualmente, para localizar o paradeiro da mulher que, conforme também noticiámos, abandonou, no domingo, uma recém-nascida, embrulhada num saco de plástico, á porta de um prédio na Rua 5 de Outubro. Pouco antes, essa mulher pedira, numa casa próxima daquele prédio, que a deixassem ir ao quarto de banho, onde deixou vestígios de sangue.

A Polícia Judiciária parece que já entrou em contacto com a família da referida mulher, a qual, entretanto, desconhece para onde ela teria ido.

Os casos das crianças abandonadas

A Polícia Judiciária prossegue, activamente, nas diligências, através de diversas pistas, na cidade e noutras terras, para identificar a mu-

Vai ao Algarve o ministro do Interior

FARO, 4. — É aqui aguardado, dentro de dias, o ministro do Interior. O sr. dr. Gonçalves Rapaço vem em viagem de trabalho.

Assembleia Magna da Academia de Coimbra

COIMBRA, 4. — A comissão instaladora e a resolução acerca da diligência a fazer junto do sr. Presidente da República foram os assuntos mais importantes que se discutiram na assembleia da Academia de Coimbra, que ontem se realizou.

A reunião, que decorreu sob a presidência do «dux veteranorum» João Urbano, esteve presente o reitor, sr. prof. Gouveia Monteiro, que esclareceu que a finalidade da sua presença era apenas prestar esclarecimentos.

A reunião decorreu com grande normalidade. A finalização dos trabalhos, foi nomeada uma nova comissão instaladora constituída por elementos representantes de todas as Faculdades.

BRANDT NOS E. U. A.

(Continuação da 1.ª página)

blemas afectando o fluxo livre de comércio transatlântico entre os Estados Unidos e o Mercado Comum de seis países.

Contudo, o chanceler trocará, também, opiniões com o presidente sobre a sua «ostpolitik» — a campanha alemã ocidental para conseguir melhores relações com a Europa Oriental Comunista, que está agora a ser feita em Moscovo, Varsóvia e outras capitais.

Fornecerá também um relatório em primeira mão sobre as suas conversações cimeiras com o primeiro-ministro alemão oriental, Willy Stoph, que se iniciaram em Erfurt, na Alemanha Oriental, no mês passado e que devem prosseguir em 31 de Maio em Cassel, na República Federal Alemã.

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

BRAGANÇA, 4. — O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos presidiu, hoje, aqui, á abertura da Residência de Estudantes «Calouste Gulbenkian» e da cantina do liceu, que funcionará naquele edifício.

A residência servirá 60 estudantes e a cantina distribuirá diariamente, 100 almoços, 20 dos quais gratuitos.

Prémios literários do sindicato dos jornalistas franceses

PARIS, 4. — (F. P.) — O sindicato dos jornalistas e escritores atribuiu ontem os seus prémios literários para 1970. O prémio da reportagem coube a Jean Ferniot, fundista do «France Soir» e Rádio Luxemburgo pelo conjunto das suas crónicas. O prémio da poesia coroou «La prière Dansée» de Raul Parme, o prémio «Montcalm», destinado a um escritor cuja obra contribua para a aproximação franco-canadense, foi atribuído ao professor quebequense Marcel Rioux pelo seu livro «La Question du Québec». O «Prix de L'Europe», destinado a um autor que tenha favorecido, pela sua obra, a unificação da Europa, só será atribuído em 18 de Abril, data em que os prémios serão entregues aos laureados.

O elevador do Lavra pára na quarta-feira

A fim de ser submetido a reparações pára, na próxima semana, o elevador do Lavra. Como o há necessidade de mudar o cabo de tracção porceder-se-á áquela operação na próxima quarta-feira, durante a manhã.

CLOROFORMIZADA E AMARRADA A DONA DA CASA A QUEM ROUBARAM AS ECONOMIAS

FARO, 4. — Desconfia-se de que tenham sido dois ciganos os autores do assalto á sr.ª D. Maria Margarida Ferraz Guerreiro, casada, de 23 anos, que, em sua casa, foi manetada por dois desconhecidos, fazendo-se passar por fiscais dos Serviços Municipalizados de

Águas. Um deles cloroformizou a senhora que, depois, amarraram a uma cadeira, assim a encontrando o marido, ao regressar a casa.

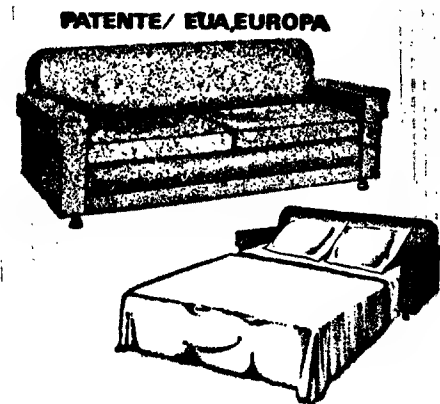
Os ladrões levaram 10 000\$00, produto das economias do casal.



AMANHÃ
«MATINEE»
— AS 17 H. —
NO WONDER BAR
FILIPINESCAS
● MARIA DO ROSÁRIO BETTEN-COURT

Música para dançar:
● «FORMA 5» COM VÍTOR E PAUL
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
Maiores 17 anos
PREÇOS
Cha completo — 40\$00
(taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, às 17 h.
Matinée infantil
(Maiores 6 anos)
e às 21 e 30 h.
«A FLOR DO CACTO»
(M/ 17 anos)
Amanhã, às 17 e 21 e 30 h.
«A FLOR DO CACTO»
(M/ 17 anos)
—Ambiente climatizado—



EXCLUSIVO VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31B/C
LISBOA

AGORA,
NO CAMPO OU NA PRAIA
mesmo SEM ELECTRICIDADE
PODE TER O SEU FRIGORÍFICO SIBIR
A GÁS BUTANO A PREÇO ACESSÍVEL
CASA JUNIOR
Rua do Alecrim, 21-A (ao Cais de Sodré)
Rua de S. Paulo, 29-1.º — Tels. 328663-35430

Gostaria de viver em sossego?
Vá morar em Mercês — Sintra
ANDARES COM ACABAMENTOS MARAVILHOSOS
DE 200 A 245 C. 4/ASSOALHADAS
Rua João Barros — Lotes 8, 17 e 18

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo, com excepção do Algarve, onde se apresentava muito nublado. O vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS EX TREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 19°; mínima: Penhas da Saúde, —7°8.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, Lisboa e Portalegre, 11°; Penhas Douradas, 4°; Coimbra, 10°; Faro e Funchal, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°; na água do mar: 18°; 2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente limpo, com excepção do Algarve, onde poderão ocorrer períodos de céu muito nublado. Vento fraco de Leste.

Amanhã
Nascer às 7 e 17
Ocorrer às 20 e 3



Dia 6 Dia 13 Dia 21 Dia 28

MARES

PREIA-MAR: Hoje — 2 e 42 (4,1 m); 15 e 14 (4,1 m); Dia 5 — 3 e 30 (4,3 m); 15 e 57 (4,2 m); Dia 6 — 4 e 10 (4,4 m); 16 e 34 (4,3 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 8 e 44 (0,8 m); 21 (0,8 m); Dia 5 — 9 e 28 (0,6 m); 21 e 43 (0,6 m); Dia 6 — 10 e 7 (0,6 m); 22 e 22 (0,6 m).

Foi nomeado um novo presidente do Grupo Internacional Atlas Copco e preenchidos outros altos cargos directivos

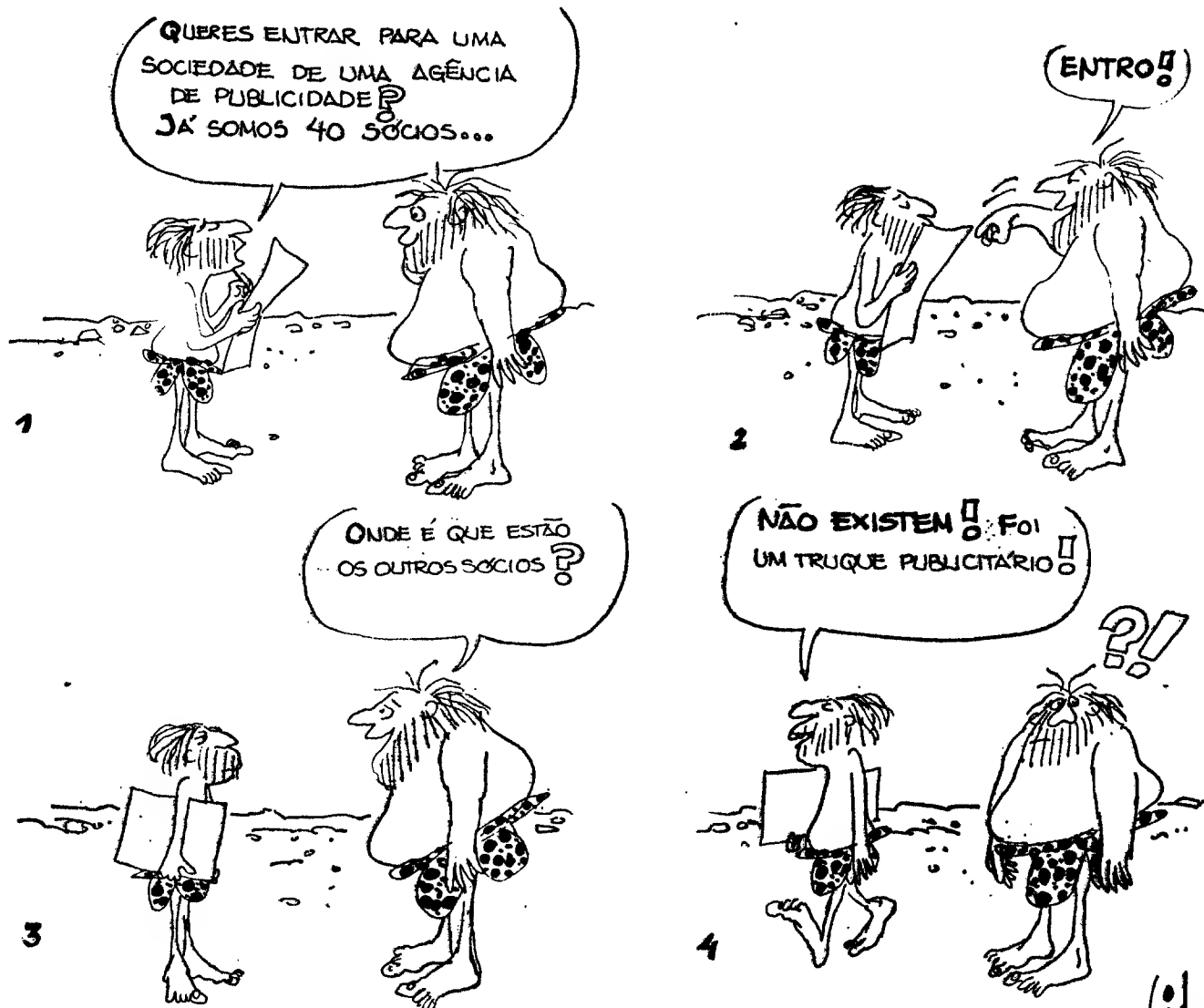
Segundo foi anunciado, o sr. Kurt Allan, Belfrage, até agora desempenhando as funções de presidente da direcção do Grupo de Companhias Atlas Copco, foi nomeado para a vice-presidência do conselho de administração, passando o cargo de presidente da direcção a ser exercido pelo sr. Erik Johansson.

O novo presidente, que ingressou na Companhia em 1930, tendo feito uma ascendente e brilhante carreira profissional, exercia anteriormente a vice-presidência da direcção do Grupo, a situação que acumulava com a de director de Marketing. Para o exercício destes cargos foi designado o sr. Peter Wallenberg, conhecida personalidade ligada aos meios da alta finança internacional.

O cargo de vice-presidente e director técnico do grupo, que era ocupado pelo sr. S. ure Ekfeldt, passa a ser exercido pelo sr. Jan Holm, que preenchia anteriormente idênticas funções num dos complexos fabris da Atlas Copco. O sr. S. ure Ekfeldt continuará como membro do conselho de administração e consultor técnico do Grupo.

Esta remodelação dos altos cargos no Grupo Atlas Copco vem substituir a linha de continuidade seguida por esta grande Companhia, que mantém, assim, a sua política de fazer ascender a postos superiores os elementos que dentro dela tiveram uma comprovada brilhante carreira profissional, assegurando, assim, a manutenção da sólida directiva do importante grupo internacional.

koko



2.º
caderno

CRiado EM VOUZELA O MUSEU MUNICIPAL

VOUZELA, 4 — Por despacho do sr. ministro da Educação de 3 de Março findo, aprovando o respectivo parecer da Junta Nacional de Educação, foi criado o «Museu Municipal de Vouzela», que ficará instalado no edifício da antiga escola «Conde de Ferreira», sob a orientação técnica da direcção do Museu Grão-Vasco.

O Museu de Vouzela, que dá origem ao Museu Municipal, foi fundado pelos vouzelenses Luís de Moraes Carbalho, pintor, coadjuvado por António Teixeira, que depois de obras de adaptação na sua «Casa dos Távoras», cedeu as dependências necessárias para o museu que se inaugurou no Verão de 1963, com carácter particular, e muita satisfação do público.

O número de visitantes, sempre crescente, principalmente turistas, animaram os fundadores a oferecerem o museu à Câmara Municipal desta vila, o que se efectivou em 1966, mas, por falta de edifício próprio, só agora se concretizou, oficialmente, o facto.

Vai, pois, Vouzela ser dotada de um museu municipal, que dentro do seu âmbito de atracção cultural e turística, continuará a ter o seu maior interesse público, valorizando também o património municipal.

A ELECTRICIDADE VAI CHEGAR COM A AJUDA DA POPULAÇÃO

ALENQUER, 4 — A convite do presidente da Câmara Municipal e com a presença dos vice-presidente, vereadores, vogais do Conselho Municipal, componentes da comissão concelhia da Acção Nacional Popular, presidentes e vogais das Juntas de Freguesia, reuniram-se, no edifício municipal, os representantes (três por cada lugar) de trinta povoações deste concelho, com mais de cento e cinquenta habitantes e ainda não electrificadas, para tomarem conhecimento do plano, já elaborado, para a electrificação, até final de 1971 dessas povoações.

Expôs o presidente da edilidade esse plano e disse que, nesta Primavera, será inaugurada a electrificação das três sedes de freguesia — Cabanas de Torres, Pereiro de Palhacana e Vila Verde dos Francos —, que ainda não gozam desse benefício. Pediu, no final, a colaboração e a contribuição das populações, ajudando, assim, o Município a concretizar uma obra que constitui, afinal, o

legítimo anseio de todos. A Câmara Municipal — explicou — suportará a sua quota-parte na despesa, avultada, a fazer, mas precisa, mesmo assim, do auxílio dos habitantes dos lugares a electrificar, de modo que todos prontamente possam usufruir dessa regalia.

Alguns dos presentes pronunciaram-se sobre o assunto, pedindo e dando esclarecimentos de modo que se estabeleceu proveitoso diálogo.

BÊNÇÃO DOS BACALHOEIROS

Como já é tradicional, realizam-se amanhã, primeiro domingo de Abril, as solenes cerimónias da bênção dos navios bacalhoeiros, que vão para mais uma campanha nos mares da Terra Nova e d Gronelândia.

A cerimónia, da iniciativa do Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau, será presidida pelo bispo de Tígilava, D. António Ribeiro, que será rodeado pelos capelães dos pescadores e da Marinha Mercante.

ora diga-nos...

— Qual o mês do ano de que mais gosta?

O ano tem 12 meses, e muitas podem ser as razões que nos levam a ter preferências entre estas 12 fatias do tempo. E a análise das razões de preferência poderiam dar um tratado de «filosofia da vida»...



● Abordámos, em primeiro lugar, o sr. Albino Melo, de 20 anos, agente comercial. A nossa questão, «qual o mês do ano de que mais gosta», respondeu:

— O mês de Maio, que é o mês das rosas!

● Em seguida respondeu-nos o sr. António Saraiva, guarda da pes-

ca do Porto de Lisboa, de 48 anos, que nos disse:

— O mês de que mais gosto? Deixe ver! É o mês de Abril.

— Razões? Ora bem, é que foi nesse mês que eu nasci. E eu gosto da vida, gosto de viver e por isso gosto do mês em que nasci para a vida.



● Por último, abordámos a sra. D. Ester Ferreira, dona de casa, que também trabalha de modista.

— O mês de que mais gosto é o mês das férias, Agosto. Geralmente faço férias em Julho, mas este ano, por causa das férias da minha filha, terei férias em Agosto. ...Recentemente é de Agosto que eu gosto. Agosto é que é o mês das férias.

NÃO ESCOLHA AS SUAS FÉRIAS... ..SEM CONSULTAR A «ATLÂNTICA»!

VIAGENS DE AVIÃO COM ESTADIAS DE 15 DIAS NAS
ESTÂNCIAS DA BULGÁRIA, HUNGRIA, JUGOSLÁVIA,
ROMÉNIA, ETC.

— VIAGENS À RUSSIA —
DESDE ESCUDOS 6900\$00
TUDO INCLUIDO

PEÇA-NOS O PROGRAMA COMPLETO
COM MAIS DE 250 SUGESTÕES DIFERENTES
CASA ATLÂNTICA DE VIAGENS, LDA.
RUA CAPELO, 4-A LISBOA

Telefs.: 36 94 10 - 36 94 65 - 36 94 84 - 36 94 97
36 90 84 - 36 90 85 - 36 99 31 - 3 51 51

DESPORTO

O «Nacional» da I Divisão A GRANDE BATALHA DOS ÚLTIMOS

Três jornadas mais — e o pano correrá sobre o grande espectáculo do futebol-campeonato. Motivos de interesse? Muitos. Variados. Começam pelos jogos em si mesmos; onze de cada lado para ver o que dá. Continua por essa incógnita chamada segundo lugar (e o 4.º, não?). Termina na batalha dos últimos, dramática, de sobrevivência entre os maiores.

Começamos por estes. O Tomar vai a Guimarães, numa deslocação que se antevê difícil... para ambos. Em Coimbra, os bracarenses descerão ao relvado com um pensamento único: pontuar (e, com Meirim de permissão...). Dos três últimos, a Boavista é a única equipa a

receber — e não se afigura provável que o Leixões consiga na Bessa mais que uma presença digna.

Nos restantes encontros, hipótese remota duma desforra portista na Póvoa; um bom encontro em perspectiva para o Estádio Nacional, entre o Barcelonense e o Benfica; o Belenenses a tentar reafirmar-se perante os sadinos, no Restelo; e o Sporting com uma viagem cheia de obstáculos, até ao campo da Cuf.

De previsão, apenas uma susceptível de certeza: a afluência aos estádios será grande, pois nenhum entusiasta quer perder a emoção resultante da última arrancada.

URTAÍN

Campeão da Europa
MADRID, 4 — (F. P.) — Com 27 anos, o espanhol José Manuel Ibar «Urtain» tornou-se campeão da Europa dos pesos pesados ao vencer, ontem à noite, o alemão Peter Welfand, por K.O. ao 7.º assalto.

Foi a 25.ª vitória antes do limite obtida pelo popular Urtain num total de 25 combates profissionais. Logo de entrada, o alemão foi atirado ao chão com um golpe da direita. A sua reacção violenta não logrou abalar o espanhol, que se foi mostrando cada vez mais eficaz. No terceiro assalto, Welfand esteve oito segundos por terra, mas pôde continuar a aguentar a fúria do seu adversário. No sétimo assalto, porém, atirado às cordas, não foi capaz de prosseguir.

Automobilismo

O «VI RALLYE ÀS ANTAS»

(QUE HOJE SE INICIA)

PODERÁ NÃO SER COMPETITIVO POR INTERVENÇÃO DO A. C. P....

Prossegue, hoje e amanhã, o Campeonato Nacional de «Rallyes», com a realização do 6.º «Rallye» às Antas, organizado pela Secção de Automobilismo do F. C. Porto.

Consta de uma prova de estrada, com cerca de 536,9 quilómetros, e uma prova complementar obrigatória para todos os concorrentes,

mas tendo apenas funções de desempate. Pelo menos o que se supunha...

Com efeito, a Comissão Desportiva do A. C. P. decidiu rectificar as distâncias nos troços decisivos de Moimenta da Beira-Tabuaço, Armamar e Cabreira (isto é, acertou os «quilómetros roubados») pelo que o «rallye» poderá deixar de ser competitivo.

O que se passa é que os nossos «rallyes» são disputados sem «provas qualificativas» (os chamados «troços cronometrados»). Assim, para se decidirem as diferenças de andamento dos concorrentes e, conseqüentemente, a classificação, há que arranjar troços de estrada muito difíceis para que as médias (habitualmente, 50 km/h, de dia, e 60 km/h, de noite) não sejam cumpridas e das diferenças se possa apurar o escalonamento. Nas estradas mais «partem» os carros... Assim, os organizadores escolhem vias secundárias, municipais, florestais, etc., para aí tentarem «definir» o «rallye». Acontece, porém, que para o nível dos nossos pilotos e das máquinas que possuem — por incrível que possa parecer, à vista dessas estradas — eles não penalizam, que o mesmo é dizer, que cumpram a média!

A solução é, então, «roubar quilómetros», isto é dar troços com quilómetros superiores aos que se poderiam fazer, à média estabelecida, nos intervalos de tempo correspondentes. É, em suma, elevar o valor das médias até níveis não atingíveis...

Ora, sem este «artifício», os nossos «rallyes», dificilmente são competitivos!

«As Antas» condenadas?

O motivo que levou o A. C. P. a tomar esta decisão foi um protesto apresentado, colectivamente, por cinco concorrentes do S. C. do Porto («Onimrif», «Xanatos», Eduardo Cid, eng.º Adérito Moreira, Rui Souto e o individual David Fernandes), contra a dureza da prova.

Com os troços, atrás indicados, competitivamente «neutralizados», o «VI Rallye às Antas» arrisca-se a vir a ser discutido, muito simplesmente, na complementação do Estádio das Antas já que os restantes troços competitivos — Parada do Bispo, Cavalinho e Florestal de S. Gens — poderão não chegar para «definir» coisas. Em princípio, só o mau tempo, poderá salvar a prova, «à priori» bem estruturada, do F. C. Porto...

Como e quem

Apela prova complementar terá início às 16 horas, no Estádio das Antas, consistindo de cinco voltas ao anel de velocidade. As 19 horas será dada a partida ao concorrente n.º 1.

O percurso de estrada, que inclui algumas das mais difíceis estradas de montanha do Norte do País, tem passagens pelas seguintes localidades: Porto, parva (19 horas), Santo Tirso (19 e 33), Vila Nova de Famalicão (19 e 45), Braga (20 e 10), Guimarães (20 e 35), Felgueiras (20 e 57), Lixa (21 e 06), Amarante (21 e 18), Baião (21 e 45), Régua (22 e 14), Tabuaço (22 e 50), Moimenta da Beira (23 e 09), Armamar (23 e 33), Régua (23 e 47), Amarante (0 e 30, do dia 5), Celorico de Basto (1 hora), Cabecinhas de Basto (1 e 25), Venda Nova (2 e 10), Vieira do Minho (2 e 57), Póvoa de Lanhoso (3 e 13), Caldas das Taipas (3 e 34), Vila Nova de Famalicão (3 e 51), Trofa (4 horas) e Porto, chegada (4 e 52).

Estão inscritos 29 concorrentes, cujos números são os seguintes:

1 — Américo Nunes (Porsche 911-S); 2 — Heitor Moraes (Morris Cooper S); 3 — Carpinteiro Albino (Saab); 4 — Luís Neto (Austin Cooper S); 5 — César Torres (Austin Cooper S); 6 — Francisco Santos (Escort TC); 7 — Miguel Correia (Lancia HF); 8 — Rui Souto (Austin Cooper S); 9 — David Cabral (Datsun 1600 SSS); 10 — Couto Fragoso (BMW 2002); 11 — Giovanni Salvi (NSU-TT); 12 — Moura Pinheiro (Fiat 125 S); 13 — Artur Santos (BMW 2002); 14 — Jorge Nascimento (BMW 2002); 15 — Fernando Baptista (Austin Cooper S); 16 — Rogério Barreiros (NSU-TT); 17 — Sarmiento Rebelo (NSU-TT); 18 — Adérito Moreira (Morris Cooper S); 19 — «Onimrif» (BMW 2002); 20 — «Xanatos» (Austin Cooper S); 21 — Eduardo Cid (Ford); 22 — Belmiro Correia (Toyota); 23 — Martins Teixeira (Austin); 24 — Osvaldo Oliveira (Vauxhall); 25 — Electropinto (Saab V4); 26 — António Teixeira (Renault); 27 — Alexandre Ferraz (Toyota); 28 — David Fernandes (Toyota); 29 — Silva Carvalho (Morris).

Ciclismo

AGOSTINHO EM BOM PLANO

PALMA DE MAIORCA, 4 — Ao classificar-se em 2.º lugar na segunda etapa da Volta à Maiorca em bicicleta, ganha pelo espanhol Mascaro, Joaquim Agostinho ascendeu à 6.ª posição na tabela classificativa, comandada por Ponton (Espanha), do qual se encontra a 1 minuto e 3 segundos.

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!

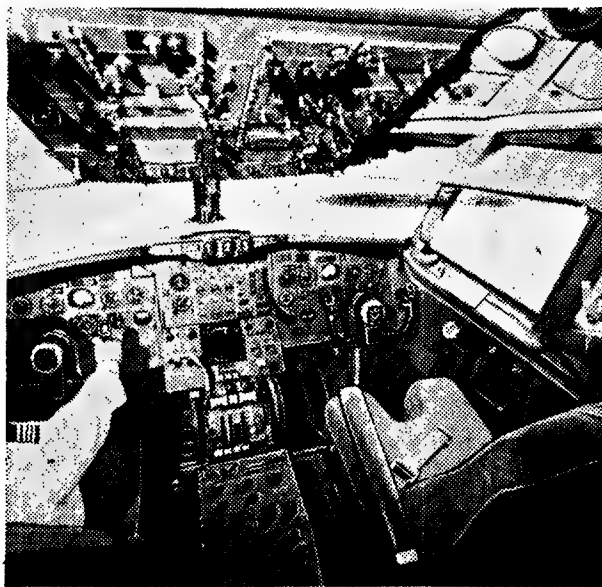
Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio
para ter a sua certeza
e a certeza de encontrar
uma profissão moderna,
cheia de dinamismo,
responsável
e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável
e prestigiada
e asseguramos-lhe uma formação
e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia
em pleno crescimento e
permanentemente actualizada:
ampliamos e aperfeiçoamos
os nossos serviços,
aumentamos o número das nossas escalas
e a nossa frota.

PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!

Estes terão menos de 32 anos
(até 15 de Abril),
frequência de um curso superior
(ou equivalente)
e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ:
responda a este anúncio,
dirigindo-se com urgência
à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,
Edifício n.º 25 - 2.º andar
Aeroporto de Lisboa



MARCA-Tp1-70



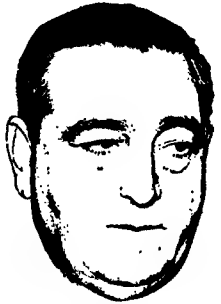
Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ANDEBOL

RESCALDO DA TAÇA LATINA



Terminou em apoteose, para a equipa da Roménia, o Torneio Latino, desta feita organizado em Portugal.

Efectivamente, a equipa romena desbobinou, ao longo do torneio, um andebol de grande nível. Simplicidade de processos e objectividade foram o seu lema, servidos por uma óptima condição física aliada a uma excelente condição técnica, muito companheirismo e uma ausência total de egoísmo e vedetismo.

Bloco defensivo que varia com uma facilidade incrível do 5-1 para o 6-0 ou para a defesa mista. Os seus jogadores estão sempre na linha da bola, procurando cobrir os ângulos numa sincronização perfeita com o seu guarda-redes. Quando ao ataque, a equipa não tem necessidade de nos mostrar a excelência do contra-ataque de primeira linha, havendo como que uma preparação de contra-ataque para a segunda linha finalizar. Quando atacam em massa, as simulações estão na sua bagagem, tudo feito em velocidade diabólica, andando a bola de um para outro jogador com rapidez estonteante. Este género de andebol tem mais de seis anos e é perseguido pelas grandes equipas mundiais, mas não se coaduna com a mentalidade retrógrada da grande maioria dos nossos treinadores... Talvez esta permanência dos romenos (que só foi possível devido à gentileza dos nossos amigos espanhóis) obrigue os "intelectuais do nosso andebol" a descer às realidades e a aceitar com humildade a lição dada pelo andebol romeno. Assim esperamos!

A segunda classificação foi para a França. Esta equipa desludiu-nos francamente como, aliás, já havia acontecido no ano passado em Pontevedra. O seu bloco defensivo é demasiado vulnerável, muito especialmente na zona dos 6 metros, onde os pontos gozam de certa liberdade. Nos 9 metros defendem regularmente, ainda que à base de faltas nem sempre punidas. Os seus guarda-redes não têm um mínimo de valor. A equipa

muito feliz no jogo contra a Espanha em que não merecia a vitória e que só uma arbitragem altamente "afrancada" a possibilitou. Continuam, no entanto, os gaulises, possuídos de uma boa técnica individual.

Em terceiro lugar ficou a Espanha, com uma maior disciplina tática, que tirou aos seus jogadores aquele sentido de improvisação característico nos espanhóis. O sistema defensivo actuou bastante bem. Foram, a seguir aos romenos, os melhores a defender. Contudo, achou esta equipa do país vizinho a mais frágil das que apresentou nas três edições da Taça Latina.

Em quarto lugar ficou a equipa portuguesa. Muito háveria a dizer da equipa nacional. Muitos pedidos recebemos de verdadeiros amigos da modalidade para desmascarmos pessoas e insuficiências. Mas, para quê?... Na próxima vez, continua a nossa equipa a ser dirigida de fora para dentro; continuam os anões a querer ser gigantes; continuam os

arrivistas a interferir na nossa selecção; continua-se a dizer que ninguém tem culpa e que só a mentira do

por
MATOS MOURA

andebol nacional é culpada; continua a enaltecer-se feitos de duvidosa utilidade e a olvidar alguns bens meritórios.

Mas vamos à selecção nacional. Dissemos, em artigos anteriores, que acreditávamos nos nossos briosos rapazes. Continuamos a acreditar. Tivemos este ano uma quantidade e qualidade de jogadores "promessas" como nunca até aqui havia acontecido. Acreditávamos que eles nos dariam uma grande alegria, mas, se tal não aconteceu, eles foram os mesmos culpados.

Aceitaria sem a mínima relutância a derrota com os romenos, mas perder com a

Espanha e a França em "esperanças" no nosso ambiente, isso não. Estavam duas seleções que estavam ao nosso alcance. O nosso sistema defensivo abriu brechas por todo o lado, os nossos guarda-redes jogaram desprotegidos.

Sofremos mais de 20 golos por jogo, em média; vi jogadores dentro do campo a discutirem com os colegas; observei um "pivot" inteligente desmarcar-se para receber a bola e quase nunca lhe passaram; uma ausência quase total de contra-ataque; e, sobretudo, falta de

mentalização para a vitória. Foi uma equipa descrente, que não acreditava em si própria.

Em quinta posição colocou-se Marrocos. Quanto a nós, foi a equipa que acusou maiores progressos em força física e em técnica e disciplina.

O sexto lugar foi para o Brasil, que deu indicações promissoras e mereceu, sem dúvida, a viagem. Conjunto inexperiente, para já, quando estiver bem integrado com os processos europeus irá dar muito que falar.

Por fim, no último lugar

quedou-se a Itália. Equipa sem nada que a aconselhe, a não ser o seu desportivismo.

Restam-nos a arbitragem. Vieram árabes, alemães ocidentais, iugoslavos, nomeadamente da Comissão Técnica Internacional.

Francamente não gostamos das arbitragens, a não ser no aspecto disciplinar. Os árbitros revelaram insuficiências e não tinham o menor respeito pela lei da vantagem; ora, essa lei é fundamental para a beleza e agrado do andebol moderno. Talvez o único que ainda tenha graveira internacional seja o jugoslavo Pupic.

Penso que a Taça Latina merece, já, que a C. T. I., de que faz parte o francês René Ricard, nomeie árbitros de boa craveira.

O «RALLYE CHAMA VIVA»

Organizado pela Casa do Pessoal da Cidada, a contornar o Campeonato de Automobilismo da FNAT realiza-se hoje e amanhã o I Rallye «Chama Viva», que consta de uma prova de estrada com 167,9 km e uma prova complementar de Aceleração e Travagem a realizar na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica.

O percurso inicia-se e termina na Colónia de Férias da FNAT e passa pelo Casal do Marco, Arrábida, Venda de Azeitão, Palmela, Olho de Água, Mouta, Chão Duro, Sarilhos Grandes, Pinhal Novo, Setúbal, Casais da Serra, Santana, Zambujal, Alfarrim, Fernão Ferro, Corroios e Costa da Caparica.

O concorrente n.º 1 partirá às 21 horas, estando prevista

a sua chegada para as 0.30 de domingo. As 9 horas inicia-se a prova complementar.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Regional de Juvenís: Belenenses-Boa-Hora (19 e 15) e Passos Manuel-Benfica (18 e 15), na Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (Metropolitano): Académico-G. Figueirense (Académico, 21); B. P. M.-Académica (Académico, 22 e 30), Barreirense-C. U. F. (Ginásio do primeiro, 21 e 30), Marinhense-Porto (Embro, 21 e 30), Belenenses-Vasco da Gama (Ajuda, 21) e Sporting-Benfica (Ajuda, 22 e 30).

—Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Montijo-Atlético, Ateneu-Luso (no Técnico), Farense-C. I. F., Olhanense-Lisgás, Seixal-Os Olhanenses e Técnico-Casa dos Pescadores. Nos campos dos primeiros, às 21 e 30.

—Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Gailtos-Ilhabelum (Pov. Aveiro, 22 e 30). Es-

gueira-Sanjoanense (Pov. Aveiro, 21), Naval-Olivais (Naval, 21 e 30), C. D. U. P.-Fluvial (Pov. Galões Teles, 21 e 30), Comimbricense-Flugueirense (Pov. Sport, 21 e 30) e Guifões-Gaia (Guifões, 21 e 30).

—Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Combatenfes-Oriental, Vilanovense-Círculo Católico e Maria Pia-Liberdade, nos campos dos primeiros, às 21 e 30.

AUTOMOBILISMO — «Rallye» às Antas, partida às 19 e 30, no Porto.

CICLISMO — Congresso da Federação, às 21 horas.

GINASTICA — Campeonatos Nacionais de Seniores «A», Juniores «A» e Juniores-Principiantes, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 19 horas.

PATINAGEM — Festival para distribuição de prémios, na Associação de Patinagem do Sul, às 21 horas

Voleibol

O NACIONAL VENCEU (3-1) O C. D. U. L.

Proseguiu ontem no Liceu de Oeiras, o campeonato regional de voleibol, tendo o Nacional derrotado o C. D. U. L. por -1 (16/14; 15/10; 9/15; 15/9).

Sob a arbitragem de João Veiga e Carlos Almeida, as equipas formaram:

NACIONAL — Vilar Moreira, Artur Sequeira, Manuel Pires, José Pimpão, Manuel Andrade, António Resende, João Silveira, Aguiar Buisel, Alfredo Castanheira e José Esteves.

C. D. U. L. — Mena Reis, Moniz Pereira, Rui Andrade, Pedro Rolz, Valério Capaz, Nuno Pinto, Carlos Pereira e Hugo Cunha.

Triunfo certo e justo do Nacional perante excelente réplica dos universitários que não puderam com a maior força e poder de ataque dos vencedores.

O encontro teve algumas fases de equilíbrio e os universitários que voltaram a não contar com Barão Pinto, melhoraram consideravelmente em relação à partida que defrontaram contra o Benfica.



A selecção romena que venceu a Taça Latina

ZENITH
DEFY

Em aço, automático
Calendário
Ponteiros luminosos
Estanquicidade absoluta a 300 metros de profundidade
Pulseira original ZENITH

Peça num agente ZENITH para lhe mostrar o novo DEFY

DESPORTO

RÁGUEBI-TAÇA DAS NAÇÕES

HOLANDA-PORTUGAL AMANHÃ, EM HILVERSUN

A selecção nacional de rãguebi defronta amanhã, em Hilversun, a da Holanda, em jogo a contar para o Torneio das Nações (seniores). O nosso grupo eliminatório é formado pela Holanda e por Marrocos, sendo os jogos disputados um «fora» e outro em «casa». Segundo o regulamento o empate fora vale, em caso de igualdade pontual, como meio de apuramento. Já há dois anos beneficiámos de tal disposição regulamentar quando empatámos 6-6 em Itália.

A comitiva nacional é constituída pelo dirigente federativo Luís Caldas, pelo seleccionador eng.º Pinto de Magalhães e pelos seguintes jogadores: Correia Pereira, Salgado, Mayer, Quim Pereira, Ponte, F. Lucena, Luís Penha e Costa, António Penha e Costa, Barros Costa e Mayer, todos do C.D.U.L.; Silvestre, Gaspar Ramos, Nobre e Mário Silva, do Benfica; Toni e Baeta, da Académica de Coimbra; Tavares e Branco, do Belenenses; Diogo de Aguiar, de Medicina; Pedro Lince, de Agronomia; e Andrade, do C.D.U.P. Casaram-nos surpresa as ausências de Raul, o poderoso terceira-linha do Técnico e de Luís Lince, mas certamente houve ponderosos motivos para que não fossem chamados. De lamentar que a tradicional penúria das representações desportivas nacionais não permita que uma

selecção de um desporto, tão ruda como é o rãguebi, vá acompanhada de um enfermeiro-massagista. Uma lesão mal tratada, pode, no rãguebi, ocasionar uma deformação permanente. Mas enfim quem manda sabe mais do que nós e determinou desde há muito que as representações nacionais não precisem de massagistas.

As possibilidades do nosso «quinze» não nos parecem grandes, mau grado a fraca categoria da oposição. A equipa que serviu de base à selecção é, na verdade, a que melhores jogadores possui mas a sua forma física e técnica tem sido deplorável na presente época. Sabemos, todavia, que têm trabalhado com afinco com vista à representação nacional e a prova, disso está na espectacular subida do C.D.U.L. na segunda volta do campeonato. Francisco Lucena é o nosso melhor «formação» mas esta época só fez três jogos. Porém os seus brio e técnica poderão compensar a sua falta de fundo e resistência. Aliás poderá ser substituído por António Penha e Costa, a quem vimos fazer um dos mais brilhantes jogos que temos visto a um médio de formação num cé-

lebre Portugal-Espanha, disputado nas Salésias.

As suas técnicas, valentia e brio são garantia de uma boa presença tanto a «formação» como a três-quartos. Salgado, que normalmente tem jogado na reserva é, sem dúvida, o melhor talonador do grupo de seleccionados. Mas tanto ele como Correia Pereira desempenharão o lugar a contento. De saudar o regresso do categorizado Tomás Mayer. É um jogador evoluído, coriáceo, persistente e lutador. Não será por aí que a selecção oscilará. Aliás, ele, Ponte Gaspar Ramos, Silvestre, Toni e Andrade, constituem o bloco de força, inteligência e destemor que alicerça a selecção. Quanto a nós o «escalcanhar de Aquiles» da nossa representação reside nas linhas atrasadas e nos médios. São capazes do melhor e do pior, primando pela irregularidade. Mário Silva é o único que garante um trabalho uniforme dadas as suas condições de velocidade, poder e decisão. No lugar de defesa a incontestável classe de Pedro Lince é uma segura garantia e Baeta também não criará «dores de cabeça».

P. A.

ATLETISMO

Encontrado o caminho certo

Na sequência do movimento expansionista em boa hora lançado pelos actuais dirigentes do atletismo português, está em curso um Torneio Nacio-

nal de Captação, que, pelos moldes e dimensão em que foi traçado, promete constituir um magnífico passo em frente no sentido de um tão desejado como necessário fomento.

tos abrangidos por esta autêntica prova-gigante, cuja final nacional se encontra marcada para Lisboa, em 14 de Junho próximo.

Por tudo quanto última-

mente se tem feito e, também, pelo muito que se intenta fazer um promissor plano de actividade, parece não haver dúvidas de que o atletismo português encontrou, finalmente, o caminho certo.

ANDEBOL -- Benfica-equipa alemã, no Estádio da Luz, às 11 e 30.

— Campeonato Regional de Juvenis: Amadora-C. D. U. L., no campo dos primeiros, às 9 horas.

ATLETISMO -- Campeonato Nacional de Fundo (maratona 42.195 km), com partida (8 horas) e chegada ao Estádio do Restelo.

— Torneio de Abertura (Juvenis e rs) (8P rhaio 16adit miores e Seniores), triatlo de iniciados e triatlo de juvenis-femininos no Restelo, às 9 e 30.

BASQUETEBOL -- Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (metropolitano): B. P. M.-Ginásio Figueirense (Par. Académico, 16), Académico-Académica (Par. Académico, 17 e 30), Belenenses-Porto (Ajuda, 17 e 30), Marinhense-Vasco da Gama (Embo, 17 e 30), C. U. F.-Sporting (Setúbal, 18) e Barneirense-Benfica (Barreiro, 16).

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Olhanense-C. I. F., Farense-Lisgás, Técnico-«Os Olhanenses» (Ajuda) e Seixal-Os Campos dos primeiros, às 16 horas. Zona Norte: Efacec-Figueirense, Ilhabelum-Esgueira, Olivais-Comimbricense e Villanovense-Física do Norte, nos campos dos primeiros, às 11 horas.

— Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Oliveira do Douro-Nuno Álvares, Física Norte-Coimbrões e Vale Formoso-Leixões, nos campos dos primeiros, às 10 e 30.

— Grande Torneio de Junio-

res: Carnide-Liberdade, Pedrouços-Nacional, Ateneu-Sporting, Atlético-Casa Pia, C. I. F.-Nacional, C. D. U. L.-Sporting, Combatentes-Física, C. Quebradense-Benfica e Belenenses-Ateneu, nos campos dos primeiros, às 9 e 30.

— Grande Torneio de Juvenis: Atlético-Casa Pia (10 e 45), C. I. F.-Nacional (9 e 30), C. D. U. L.-Sporting (10 e 45), Combatentes-Física (9 e 30), C. Quebradense-Benfica (10 e 45) e Belenenses-Ateneu (Tapadinha, 9 e 30), nos campos dos primeiros.

CICLISMO -- Campeonato Nacional de Clubes. Partida do Campo Grande, às 8 e 30 horas.

— Campeonato Regional de Fundo (juvenis).

GINÁSTICA -- Campeonatos Nacionais de Seniores A, Juniores A e Juniores-Principiantes, no pavilhão de Campo de Ourique, às 14 e 30 horas.

HIPISMO -- Corta-mato, em Santo Estêvão.

KARTING -- «Grande Pré-

mio de Lisboa» em Camarate, às 15 horas.

MOTONAUTICA -- «Grande Prémio da Páscoa», no rio Caia, às 15 horas.

NAUTICA -- Festival da Associação Desportiva da Brigada Naval, às 11 horas, em Belém.

RAGUEBI -- Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Regentes Coimbra-Agronomia, em Coimbra às 10 e 15.

— Torneio Nacional de Reservas: Académica-Agronomia, em Coimbra, às 11 e 45.

— Campeonato Nacional de Juniores: Técnico-Académica, no Estádio Universitário, às 16 horas.

— Torneio de Juvenis: Liceu Padre Vieira-C. D. U. L., no Estádio Nacional, às 11 horas.

TÊNIS DE MESA -- I Grande Torneio Aberto da Amadora, no Pavilhão da Reboteira, às 10 e às 14 horas.

TIRO A CHUMBO -- Campeonato do C. P. T. P., em Monsanto, a partir das 11 horas.

A actividade de Produções Lança Moreira

Produções Lança Moreira programaram para amanhã a realização directa e integral dos seguintes encontros do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão:

Belenenses-V. de Setúbal — pelo emissor de Lisboa de Rádio Clube Português.

Boavista-Leixões — através do emissor do Porto de Rádio Clube Português.

Varzim-F. C. do Porto — no horário dos Emissores do Norte Reunidos.

Para Angola e por intermédio de uma rede de oito emissores — o que permite uma cobertura total da província, P. L. M. transmitirão,

também directa e integralmente, o relato do encontro Benfica-Barreirense.

Durante todos estes relatos, P. L. M. estarão em permanente contacto com a redacção do «Diário de Lisboa», de onde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, incluindo resultados em cima da hora dos jogos que se efectuam nos outros campos e, ainda, a chave do Totobola.

No intervalo, e como todos os domingos, será transmitida mais uma edição da rubrica «O caso da semana».

Karting

O 1.º CIRCUITO DE LISBOA QUE SE REALIZA AMANHÃ INICIA O CAMPEONATO NACIONAL

Na pista de Karting de Camarate realiza-se amanhã, a partir das 15 horas, o «1.º Circuito de Lisboa», em «karts», prova organizada pelo Kart Clube de Lisboa, a contar para o respectivo campeonato nacional.

Da parte da manhã realizam-se os treinos para todas as categorias.

Estão inscritos no Campeonato Nacional de Karting os seguintes concorrentes:

Kart Clube de Lisboa — Vítor José Azevedo Névoa, Eduardo Perez de Castro, Fernando Ribeiro Fernandes, Armando Januário Valentim, Mário Nascimento Jacquet, José Manuel de Goulon d'Ávila, Petrólio Barbosa Pinto, Herlander dos Santos Garcia, Marina Castelo Branco, eng.º Santago Torrens Ropet, José Alexandre Sanches Florindo, dr. Rui Nelson Castro

Santos, José Manuel Catariño dos Santos, Abílio Bertrand Baldaque Romão, António Oraveiro, eng.º Rui Pinheiro Farinas de Almeida, Vasco Manuel Carvalhal Silva Gonçalves e Tonho.

Kart Clube de Setúbal — Diogo Pinto Soromenho, J. Carlos Marteira, Mário Correia G. Pacheco, Adelino Alves Abranches, Rui Gomes Pinto Soromenho e Carlos Manuel Silva Santos.

Targa Clube — Di. Lara, G. Heise, Humberto Leite Tavares Pinho, José Augusto B. Moreira Pinho e Kym Gonçalves.

Individuais — José Eduardo Jesus Marques, Luís Carvalhal Roque Pinho, Barry, António João Sousa Almeida e Heitor Borges de Sá.

Ne intuito de divulgar a modalidade os organizadores decidiram franquear ao público a entrada na pista de Camarate.

NOVA SEDE

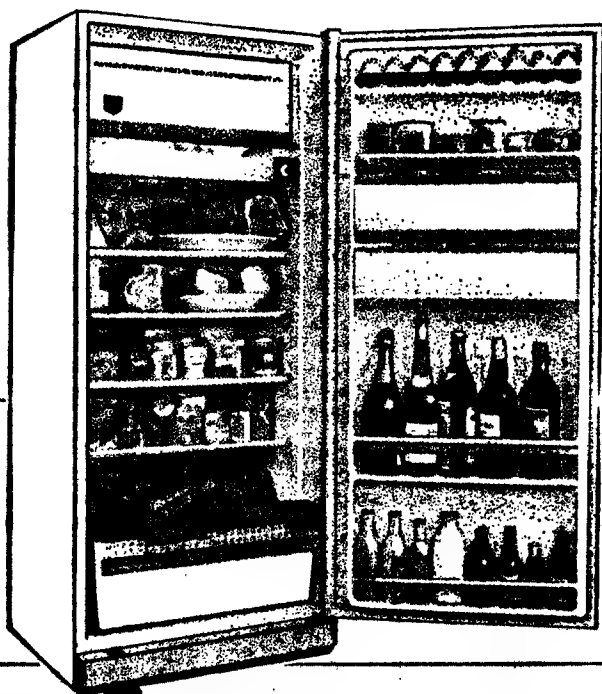
DO GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

Na quarta-feira, às 19 e 30, realiza-se no Ginásio Clube Português o acto de posse das comissões para a construção da nova sede.

FRIGORÍFICOS
KING

FAGOR

com o
mais moderno
sistema técnico
de frio



Compre ALTA capacidade por BAIXO preço!

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

PRIMEIRO EXERCÍCIO DE 1969

SENHORES ACCIONISTAS:

Ao apresentar-vos, como nos cumpre, o balanço e as contas do último exercício, que é também o primeiro desta vossa Companhia, por certo terá cabimento dizer que é este um momento singular na vida da entidade que ora concentra as vastas actividades antes repartidas pelas cinco sociedades de produção e transporte de energia da rede eléctrica primária.

Na verdade, o decreto-lei n.º 49 211 de 27 de Agosto de 1969, ao autorizar a fusão das referidas sociedades, lançou as bases para que, no quadro do sector da electricidade, se estruturasse nova orientação no domínio da produção e do transporte. Vai assim empreender-se uma gestão de exploração com mais potencialidades e um planeamento de mais fácil optimização para o conjunto da rede primária.

É claro que planejar a escala da nova empresa será planejar a escala nacional, agora que a actividade da Companhia abrange Portugal continental e a concessão da empresa terá o carácter de exclusividade que lhe foi legalmente conferido. Daí que as responsabilidades inerentes sejam de excepção envergadura nos domínios técnico, económico e financeiro e que neste último, de características fortemente capital-intensiva, a gestão da empresa assuma aspectos relevantes; basta pensar que ao ritmo de crescimento do mercado da energia, a duplicar em cerca de sete anos, será necessário duplicar também no mesmo curto período a nossa capacidade produtora, lançando sucessivamente novas centrais em serviço. Na fase actual, está a Companhia a investir cerca de 1.4 milhões de contos por ano, o que representa cerca de 10 % do imobilizado actual.

Neste dealbar da vida da vossa Companhia, uma preocupação fundamental tem a ver com as atenções do Conselho de Gerência: a organização de arranque da empresa. Com efeito, constituída a sociedade, logo se impunha organizar a sua estrutura e definir organograma, funções e quadros. A solução a adoptar, nesta fase de arranque, convinha que não afectasse profundamente a organização anterior à fusão, de forma a não paralisar a actividade então em curso, quer no domínio da exploração, quer no domínio da construção. Por isso se optou por criar como que quatro Direcções industriais (da Produção Hidráulica do Norte, da Produção Hidráulica do Sul, da Produção Térmica e Nuclear e da Rede de Transporte) com larga autonomia administrativa e responsabilidades de gestão orçamental e que concentram em si, essencialmente, as actividades de projecto, construção e exploração das antigas empresas.

Oniraram-se também, para coadjuvar o Conselho de Gerência na coordenação das referidas Direcções industriais e na preparação das grandes decisões, Direcções Centrais para os seguintes domínios: planeamento e coordenação económica; assuntos financeiros; pessoal, acção social e organização; investigação; e um Serviço Central para os assuntos jurídicos.

Procurou-se, em suma, encontrar um equilíbrio entre a concentração das grandes decisões e a descentralização na acção, de forma a evitar a burocracia e a angustiosa que podem tender a ocorrer em entidades de grande dimensão. É evidente, porém, que, como todas as orgânicas empresariais, também a nossa deverá evoluir e modifi-

car-se de forma a adaptar-se convenientemente à evolução e, portanto, à dinâmica da empresa. Pensamos, aliás, lançar em breve uma campanha de estudo e análise da organização e das funções e recorrer à informática e à automação na medida do necessário, para melhorar a gestão da empresa. Esperamos assim confiadamente atingir os melhores índices de rentabilidade e de estrutura, dentro de um desejável clima de interesse e de harmonioso equilíbrio social do binómio capital-trabalho.

Outra preocupação imediata da Companhia tem sido o estudo do caderno de encargos da concessão, o qual, nos termos do decreto-lei n.º 49 211, deverá ser elaborado no prazo de quatro meses após a constituição da sociedade. Trata-se, como é sabido, de uma concessão de serviço público de produção e de transporte de energia eléctrica, para Portugal Continental, em regime de exclusivo no que se refere a novos centros produtores, a incluir na rede primária, e à ampliação da respectiva rede de transporte, e sem limite no tempo, ressalvando o Estado, obviamente, o direito de rescisão, nos termos da Lei. Englobará, portanto, as concessões das anteriores cinco empresas que se fundiram na Companhia e todas as futuras centrais hidráulicas e térmicas, clássicas ou nucleares, ou de qualquer outra forma de energia, e a rede de transporte e interligação.

Os estudos oficiais para a elaboração do caderno de encargos encontram-se actualmente em curso, estando a Companhia a prestar a sua mais dedicada e atenta colaboração.

Apresentamos seguidamente um relatório sucinto das actividades da rede primária e da Companhia, no exercício de 1969. Necessariamente não é viável uma pormenorização semelhante à que era corrente nos relatórios das empresas fusionadas, em face da multiplicação dos dados, nem tal teria em rigor, agora interesse, antes sendo de realçar as perspectivas do conjunto. (Ver mapa)

O referido sistema produtor hidroeléctrico da rede primária, actualmente em exploração, tem uma produtividade em «ano médio» de 5640 GWh, valor muito próximo da produção requerida para satisfação das necessidades no ano transacto (5351 GWh). Justifica-se, assim, que, nas circunstâncias actuais e em caso de regime médio ou húmido, a produção térmica seja modesta.

Em ano seco (com 95% de probabilidade de ser excedido), a capacidade de produção do conjunto dos mesmos aproveitamentos reduz-se, porém, para cerca de 4000 GWh — fenómeno acompanhado, ainda, por uma sensível redução da produção própria das empresas distribuidoras e, em consequência, de um aumento correspondente da energia pedida à rede primária — o que implica, para garantia dos consumos em tal hipótese, o recurso a elevada produção térmica (a produção anual que se considera possível obter do equipamento térmico actual, em tais circunstâncias, ascende a 2300 GWh).

É, aliás, à luz deste critério que se deve aferir a capacidade de garantir o abastecimento dos consumos e se lançam novos empreendimentos hidráulicos e térmicos programados de acordo com o crescimento do mercado.

1.2 — Reflexões sobre a produção

Em 1969, a produção total de energia eléctrica em Portugal Continental foi de 6839 GWh; se a este valor acrescentarmos o modesto saldo importador das trocas internacionais (23 GWh), obtemos o que podemos considerar como o consumo interno total, referido à produção: 6862 GWh.

A contribuição da rede primária em 1969 — no valor de 78,3 % da referida produção total do País e de 84,1 % da rede interligada — repartiu-se como segue:

Produção: Sistema Douro	2 686 GWh
Sistema Cávado-Rabagão	1 446 GWh
Sistema Zêzere	1 071 GWh
Total hidráulico	5 203 GWh
Centrais térmicas	148 GWh
Total	5 351 GWh
Trocas internacionais: Saldo de importação	23 GWh
Total	5 374 GWh

Verifica-se, portanto, que a produção da rede primária foi quase totalmente de origem hídrica — o que, para além da preponderância hidroeléctrica existente no nosso sistema produtor, reflecte sobretudo um regime hidrológico muito favorável no ano findo.

Foi, na realidade, muito húmido o ano de 1969: o correspondente coeficiente de produtividade hidroeléctrica foi de 1,22, valor que, referido ao ano hidrológico, sobe, ainda, para 1,34 — traduzindo um regime com a probabilidade de ser excedido de 11 % apenas.

Em termos breves, podemos descrever o regime hidrológico dizendo que a uma estação húmida extremamente favorável se seguiu, no período correspondente à estiagem normal, um regime de afluências também sensivelmente superior à média. Deste panorama apenas veio a destoar o último bimestre do ano civil.

Em correspondência com o regime que acabámos de descrever, o conjunto das albufeiras da rede primária, que já iniciara o reenchimento em fins de Outubro do ano anterior, veio a atingir uma situação de, praticamente, pleno enchimento a partir de meados de Janeiro.

A situação de pleno enchimento generalizado manteve-se até à última semana de Junho, altura em que se iniciou o desarmazenamento estival.

As perspectivas então havidas quanto à condução da exploração na estiagem eram, como seria de esperar, excelentes.

O carácter também muito favorável do período correspondente à estiagem normal veio a permitir dispensar o recurso a quaisquer medidas de apoio térmico (por razões puramente energéticas), o qual, em sequência do carácter menos favorável dos dois meses finais do ano, só veio a revelar-se necessário a partir de meados de Dezembro, por motivo de ter sido atingida a curva-guia das albufeiras do sistema Zêzere.

Tal circunstância, aliada à forte redução dos caudais do Douro, impôs que o grupo da central do Carregado, que já se encontrava em serviço, por razões de sustentação da tensão na zona sul, passasse a regime de apoio em energia, e que entrassem em idêntico regime, sucessivamente, o outro grupo da mesma central e um grupo da Tapada do Outeiro, situação que se prolongou até aos primeiros dias de Janeiro do corrente ano. Na data em que se redige este relatório, mantêm-se ainda em funcionamento um grupo da central do Carregado, com potência reduzida, não por razões de apoio em energia, mas sim pelas já referidas razões de sustentação dos níveis de tensão na zona sul da rede.

A produção térmica em 1969 foi, como vimos, de 148 GWh, dos quais 140 GWh foram produzidos na central do Carregado e 8 GWh na central da Tapada do Outeiro.

(Continua na pág. seguinte)

1 — EXPLORAÇÃO

1.1 — Empreendimentos em exploração

Considerando que é este o primeiro relatório das actividades da Companhia, parece-nos útil informar os Senhores Accionistas de que são os seguintes os actuais empreendimentos em exploração:

Sistema	Empreendimento	Ano de entrada em serviço	Potência MW	Custo (milhões de contos)
Douro	Picote	1958	180	705
	Miranda	1960	155	886
	Bemposta	1964	210	1096
	Távora	1965	64	965
Cávado-Rabagão	Venda Nova	1951	81	452
	Salamonde	1953	42	216
	Canicada	1955	60	395
	Paradeia	1956	54	963
	Alto-Rabagão	1964	72	1573
Zêzere	C. do Bode	1951	139	674
	Cabril	1954	97	512
	Bouça	1956	50	202
Total hídrico			1204	8339
Termoeléctrico	T. do Outeiro			
	Grupo 1	1960	50	819
	Grupo 2	1964	50	
	Grupo 3	1967	50	
	Carregado	1969	125	1237
Total térmico			400	2056
Rede de transporte	Linhas: a 220 kV: 1450 km (*)			
	a 150 kV: 1340 km (*)			1067
	a 60 kV: 372 km			
Outras instalações	Subestações: Ermesinde	250 MVA		
	Vermoin	360		
	Estarreja	120		
	Pereiros	360		
	Vila Chã	120		
	Zêzere	120		
	Sacavém	305		
	Alto de Mira	360		
	Setúbal	180		
	Porto Alto	—		
	Ferreira do Alentejo	50		
	Laboratório e telecomunicações			107
TOTALS				12 343

(*) Incluídas as Linhas Carrapateiro-Pereiros e Ferreira do Alentejo-Tunes, respectivamente a 220 kV e 150 kV, entradas em serviço em 1969.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

A modesta produção da central da Tapada do Outeiro não realça o serviço de apoio à rede por ela prestado, dado que, na realidade, se manteve quase permanentemente em paralelo com os seus grupos funcionando como compensadores síncronos (emissão para a rede de 431 milhões de kVarh durante 8308 horas).

Os consumos não permanentes foram abastecidos sem qualquer limitação quantitativa da parte da rede.

Relativamente à interligação internacional, há a referir que, em 1969, o paralelo com a rede europeia foi mantido durante todo o ano, o que sucede pela primeira vez, isto porque a favorável hidrolicidade de toda a estação húmida permitiu dispensar transítos de potência muito elevada a partir do sistema Douro, sendo, em consequência, possível dispensar, sem grande inconveniente, a linha que, nas condições actuais de esquema, fica aberta quando está estabelecida a interligação Pocinho-Saucedilla. Tal paralelo permanente com a rede europeia é do maior interesse pela melhoria que introduz nas condições de segurança da exploração.

Apesar dos modestos quantitativos de trocas de energia que até agora têm transitado pela interligação internacional, esta continua a revestir-se de elevado valor potencial, não só no caso de hidrolicidade desfavorável mas também no caso de dificuldades transitórias, em que o socorro mútuo já se tem revelado com oportunidade e eficácia, ao que não é estranho o excelente entendimento que se tem mantido nos contactos internacionais estabelecidos através da União Franco Ibérica para a Produção e Transporte de Electricidade (UFIPTTE).

A terminar este capítulo, uma breve referência à bombagem.

Como se sabe, os grupos da central do Alto Rabagão estão munidos de bombas, que permitem elevar água da albufeira de Venda Nova para a do Alto Rabagão, reforçando, assim, o enchimento desta última. Na estação húmida de 1968/69, houve ocasião de recorrer a essa transferência, tendo o consumo em bombagem sido de 84 GWh. O correspondente acréscimo do armazenamento do Alto Rabagão foi da ordem de 235 GWh.

1.3 — Evolução dos consumos

Na rede das empresas interligadas (que abastece cerca de 93 % dos consumos do País) verificou-se em relação ao ano anterior um acréscimo de 9,8 % na produção total. Este valor não é, porém, significativo da evolução dos consumos. De facto, tendo em conta as trocas internacionais e decompondo o consumo, como habitualmente, nas suas parcelas «permanentes» e «não permanentes», verifica-se que a produção para consumos permanentes teve, em relação a 1968, um acréscimo de 10,1 %. Quanto aos consumos não permanentes, acrescidos das respectivas perdas, registou-se em 1969 uma redução de 4,4 %, a qual não é todavia inteiramente significativa, porque deixou de ser classificado nessa rubrica um «consumo especial» (da Soda Póvoa), que passou a ser classificado como «consumo permanente». Diga-se a propósito que vai sendo tempo de dar por findas estas classificações de «permanente» e «não permanente», correspondentes a fixações mais ou menos arbitrárias de preços de venda, para se passar ao regime de contratos de abastecimento em termos empresariais directos de acordo com as realidades económicas das duas partes, produtor e consumidor.

A taxa de 10,1 % relativa ao acréscimo da produção para consumos permanentes é a mesma que se verificou em 1968. Se efectuarmos a correcção correspondente à consideração em 1969, pela primeira vez, do consumo especial atrás referido, a taxa de acréscimo verificada em 1969 baixa para 8,9 %.

Estas taxas, que não reflectem sintomas de franca recuperação das anteriores tendências, quebradas há mais de quatro anos, justificam que se continue a prestar toda a atenção às perspectivas de evolução dos consumos, de modo a adaptar-lhes, da melhor maneira, os programas de expansão do sistema produtor, como o impõem as exigências da economia de gestão.

1.4 — Movimento de energia

Para além da produção das centrais da rede primária, e do saldo importador das trocas internacionais, foram recebidos na rede de transporte e interligação cerca de 73 GWh provenientes das redes de grande distribuição, o que, de uma maneira geral, corresponde ao que podemos considerar como energia em trânsito por razões especiais.

Nestes termos, podemos considerar que os fornecimentos contabilizados da rede primária (isto é, a energia vendida) foram, totalmente, realizados a partir da produção própria.

O correspondente balanço estabeleceu-se, então, como segue:

Produção total	5 351 GWh
Energia vendida	4 783 GWh
Consumos próprios	74 GWh
Bombagem	70 GWh
Perdas nas centrais e na rede	424 GWh (7,9%)

As energias produzida e vendida discriminam-se como segue:

a) Energia produzida (GWh)	
A. Rabagão	158,0
Paradela	239,1
V. Nova	460,3
Salamonde	282,9
Cançada	306,0
SISTEMA CAVADO-RABAGÃO	1 446,3
Vilar-Tabuaço	155,7
Miranda	771,1
Picote	785,5
Bemposta	973,5
SISTEMA DOURO	2 685,8
Cabril	384,3
Bouça	193,6
C. Bode	493,1
SISTEMA ZÉZERE	1 071,0
Carregado	139,5
Tapada do Outeiro	8,1
PRODUÇÃO TÉRMICA	147,6
PRODUÇÃO TOTAL	5 350,7
b) Energia vendida (GWh)	
b.1) A grandes distribuidoras	
Companhias Reunidas Gás e Electricidade	1 508,4
União Eléctrica Portuguesa	
— Rede Norte	687,0
— Rede Sul	491,0
Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal	1 178,0
Câmara Municipal do Porto	539,7
Companhia Eléctrica das Beiras	248,1
Hidro Eléctrica Alto Alentejo	183,6
Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve	127,9
Empresa Hidroelétrica da Serra da Estrela	101,0
.....	31,3
Total	3 918,0
b.2) A consumidores directos de energia permanente	
Tracção eléctrica	165,7
Indústria química	128,6
Indústria siderúrgica	78,9
Total	353,2
b.3) A consumidores de energia de carácter não permanente	
Indústria electrotécnica e electrosiderúrgica	493,8
TOTAL DA ENERGIA VENDIDA	4 783,0

1.5 — Contratos, tarifas e receitas de exploração

Em 1969 foram assinados dois contratos de fornecimento de energia: com as Companhias Reunidas Gás e Electricidade, em renovação e actualização do contrato anteriormente existente; com a Soda Póvoa, regulando o fornecimento a esta última empresa, feito por intermédio da rede das C. R. G. E.

Foi também prorrogado por mais dois anos, contados a partir de 22 de Janeiro de 1969, o acordo de intercâmbio de energia com a Hidroelétrica Española, que dá respeito fundamentalmente à troca de energia excedentária de qualquer das redes.

As tarifas de venda de energia eléctrica durante o ano de 1969, antes e depois da fusão das empresas da rede primária, foram as mesmas que vinham sendo praticadas anteriormente, com base, para os consumos denominados «permanentes», na tarifa geral aprovada pelos despachos da Secretaria de Estado da Indústria de 19/1/66, 24/1/66 e 29/5/66.

As receitas da venda de energia provenientes da aplicação dessas tarifas, no caso dos consumos permanentes, e dos regimes especiais de contrato no caso dos consumos não permanentes, constituem as receitas da exploração da Companhia no ano de 1969, uma vez deduzida a quota-parte a atribuir, por despacho da Secretaria de Estado da Indústria, nos termos do Decreto-Lei n.º 46 031, ao Fundo de Apoio Térmico, o qual tem por função cobrir os encargos variáveis da produção térmica que for necessária para abastecimento da rede. Para 1969, a percentagem da receita atribuída ao Fundo de Apoio Térmico foi de 7,4%, ou seja, um valor percentual igual ao do exercício do ano anterior.

As receitas relativas aos 3 grupos de fornecimentos antes referidos, e correspondentes preços unitários de venda, foram, em 1969, os seguintes:

	Energia vendida GWh	Receita 10 ³ contos	Preço médio ctvs./kWh
Grandes distribuidores	3 918	1 337	34,1
Consumidores directos permanentes	371	100	27,0
Consumidores de carácter não permanente	494	60	12,3
TOTAL	4 783	1 497	31,5

1.6 — Conservação das instalações

Foram realizados, em todas as centrais e subestações, e em diversas linhas, os habituais trabalhos de conservação necessários.

Dentre eles, merecem referência, pela sua amplitude ou pelos reflexos na exploração, alguns dos que foram levados a efeito nos sistemas hidroelétricos do Douro e do Zézere, já que nas centrais térmicas, em que tal conservação é por natureza especialmente importante, nada houve de especial em face do seu reduzido funcionamento.

No que respeita ao sistema Douro, há a assinalar que, no prosseguimento do programa de substituição dos enrolamentos estatísticos dos alternadores das centrais do Douro Internacional, reentraram em exploração, em perfeitas condições de serviço, depois de rebobinados, os geradores das centrais de Bemposta e Picote e também, com outras melhorias, um dos grupos da central de Miranda.

A ocorrência de fugas no circuito hidráulico do aproveitamento de Vilar (Távora) obrigou, também, à realização dos correspondentes trabalhos de consolidação, que implicaram a indisponibilidade da central, de meados de Setembro até ao fim do ano.

No que se refere ao sistema Zézere, há a assinalar a revisão geral de um dos grupos da central do Cabril, realizada de meados de Abril a princípios de Agosto, assim como a revisão e conservação da grelha da tomada de água dum grupo central de Castelo de Bode, o que introduziu condicionamentos na cota da albufeira.

1.7 — Abastecimento de combustíveis

1.7.1. — Central da Tapada do Outeiro

Para o ano de 1969 foi encomendado às minas abastecedoras um contingente de 160 000 toneladas; embora em regime de inexistência de contratos, por denúncia pelas empresas abastecedoras dos anteriormente vigentes, continuaram a ser aplicadas as suas cláusulas aos fornecimentos realizados. O valor efectivo da recepção de carvões cifrou-se, no fim do ano, em 161 092 toneladas, das quais 75 997 toneladas foram entregues pela Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova e as restantes 85 095 toneladas pela Empresa Carbonífera do Douro.

Dado que os consumos verificados foram apenas de 8 262 toneladas, a reserva do parque subiu de 363 344 toneladas, no início de 1969, para 516 174 toneladas, no fim do ano.

Para 1970, atendendo à situação de pleno enchimento do parque e à ausência de previsões seguras de funcionamento da central, não foi ainda possível fixar o quantitativo anual do abastecimento, o qual aliás se encontra suspenso na data da redacção deste relatório, por força da referida situação de pleno enchimento do parque. A recepção, na central da Tapada do Outeiro, de carvões de S. Pedro da Cova e do Pejão, será retomada logo que o parque o comporte.

1.7.2. — Central do Carregado

O abastecimento de fuel-óleo à central do Carregado cifrou-se em cerca de 20 072 toneladas, fornecidas conjuntamente pela SACOR e pela SONAP, ao abrigo do alvará especial de importação de fuel-óleo oportunamente atribuído à Empresa Termoelectrica Portuguesa.

O consumo da central atingiu o montante de 32 274 toneladas, tendo a reserva passado de 33 189 toneladas, no início de 1969, para 20 986 toneladas, no fim do ano.

Em contacto com as Entidades Oficiais, e respeitando a orientação estabelecida, concluiu-se em 1969 uma minuta de contrato de abastecimento com as referidas empresas, que está nesta data pendente de apreciação oficial, nos termos das obrigações do caderno de encargos da produção térmica.

2 — ESTUDOS, PROJECTOS E CONSTRUÇÃO

2.1 — Empreendimentos em curso de realização

De acordo com o planeamento aprovado para a realização de novos centros produtores e para a expansão da rede de transporte, em conformidade com o III Plano de Fomento, estão actualmente em construção os seguintes empreendimentos:

a) Centrais hidroelétricas:

Rio	Barragem	Potência MW	Energia produtiva em ano médio GWh	Data pre- vista de entrada em serviço	Investimento previsto (*) (milhões de contos)
Tejo	Fratel	3 x 43	430	1973	940
Douro	Carrapateiro Régua Valeira	3 x 60 3 x 52 3 x 50	1000 700 790	1971 1972 1975	1950 1620 1800
Homem (bacia do Cávado)	Villarinho das Furnas	1 x 64	220	1971	800
Ampliação das bacias hidrográficas:					
— De Paradela (Cávado), desvio do rio Teco (já em serviço)				Conclusão em 1970	160
— De Venda Nova (Rabagão): desvio do rio Cabreira					

(*) Últimas valores previstos anteriormente, isto é, ainda não revisados no âmbito da CPE.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

b) Centrais térmicas

Carregado — 2.ª fase	Potência MW	Energia produzível em ano seco GWh	Data prevista de entrada em serviço	Investimento previsto (*) (milhares de contos)
Grupo 3	125	700 (**)	1971	580
Grupo 4	125	700 (**)	1973	490

(*) Últimos valores previstos anteriormente, isto é, ainda não revistos no âmbito da CPE.

(**) Factor de disponibilidade e de colocabilidade adoptado: 0,70.

c) Rede de transporte

Linhas:	Data prevista da entrada em serviço:
— Carregado-Alto de Mira:	Agosto de 1970
— Carregado-Porto Alto:	Dezembro de 1970
Subestações (Ampliações de potência):	
— Vermoim:	
(120 MVA, 220/60 kV)	Agosto de 1970
— Alto de Mira:	
(120 MVA, 220/60 kV)	Agosto de 1970
— Ferreira do Alentejo:	
(50 MVA, 150/60 kV)	Agosto de 1970
— Porto Alto:	
(instalação de 120 MVA, 220/150 kV)	Dezembro de 1970

A estes empreendimentos da rede de transporte corresponde um investimento global da ordem de 140 000 contos.

2.2 — Aproveitamentos do Douro

2.2.1 — Estudos e projectos

A actividade de estudos foi bastante intensa durante o ano de 1969. Com efeito, foi elaborado o projecto do aproveitamento da Valeira e também se concluiu o de Crestuma, além da normal tarefa de preparação dos desenhos de execução para os aproveitamentos de Carrapateiro e de Régua.

O projecto relativo à Valeira, bem como o da estrada de acesso ao local, foram já apresentados aos Serviços Oficiais competentes. Após a conclusão do projecto da Valeira, deu-se imediatamente início à preparação dos elementos necessários ao processo de concurso para a realização das obras principais de construção civil deste aproveitamento, cujo arranque se considera conveniente não retardar em face da natureza da obra.

Tendo em vista a preparação de futuros projectos, manteve-se a recolha de elementos relativos à bacia hidrográfica do Douro e prosseguiu-se na obtenção de novos elementos topográficos.

Continuou-se também a dar a devida atenção à observação do comportamento dos aproveitamentos já em exploração, com a colaboração do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

2.2.2 — Construção

Carrapateiro

Desenvolveram-se com bom ritmo, neste exercício, os trabalhos de construção deste aproveitamento, apesar das condições desfavoráveis dos caudais que, por três vezes, durante o primeiro trimestre, inundaram os locais das obras principais, provocando alguns estragos e a formação de depósitos de areias e lamas, obrigando a trabalhos de reparação e remoção antes do prosseguimento das betonagens. Estas operações, que só vieram a ficar concluídas em fins de Abril, foram causa de graves perturbações que contribuíram para dilatar o prazo de execução do aproveitamento.

A partir de então, e devido também ao facto de estarem já completamente vencidas as dificuldades impostas pelos acidentes geológicos de fronteira na central, foi possível incrementar os trabalhos de betonagem, tendo-se colocado, durante o ano, cerca de 235 000 m³ de betão, apesar das paralisações provocadas pelas cheias.

Até ao fim de Dezembro, os volumes de escavações realizados e dos betões colocados nos elementos de obras principais atingiram, respectivamente, 1 120 000 e 650 000 m³.

Estão em vias de acabamento todas as obras decorrentes da criação da futura albufeira e que é urgente concluir antes do seu enchimento, tais como os trabalhos de consolidação dos taludes e obras de arte do caminho de ferro, o restabelecimento de comunicações e a construção do novo aldeamento da Pala.

Em matéria de equipamentos hidromecânicos e electromecânicos, deu-se seguimento aos planos da respectiva montagem.

Régua

Proseguiram em bom andamento os trabalhos de construção deste aproveitamento, que se desenvolveram de acordo com os programas, apesar dos contratempos oriundos pelos elevados caudais verificados no primeiro trimestre de 1969. Assim, concluiu-se, no decorrer do ano, a montagem das instalações de fabrico e colocação de betões e restantes equipamentos destinados à construção do aproveitamento.

Apesar das permanentes dificuldades de recrutamento de mão-de-obra, foi possível concluir, até ao fim da estagiar, as fases de construção previstas na metade da barragem da margem direita e bacia de dissipação, necessárias para garantir a operação de desvio do rio no próximo ano. Depois de desviado o caminho de ferro, concluíram-se as escavações na zona da central e iniciaram-se as betonagens da descarga auxiliar e dos grupos da central. Na zona da eclusa iniciaram-se as escavações e concluiu-se a primeira fase de consolidação da encosta.

Em fins de 1969, as escavações realizadas e os betões colocados nos elementos de obra principais do aproveitamento totalizavam, respectivamente, 585 000 e 110 000 m³.

Em matéria de equipamentos hidromecânicos e electromecânicos, fizeram-se encomendas e iniciaram-se montagens, de acordo com os respectivos programas de trabalhos.

Valeira

Com a adjudicação da empreitada de construção do acesso ao local do aproveitamento, na margem esquerda, iniciaram-se os trabalhos de construção, tendo-se já realizado cerca de 50 000 m³ de escavações.

Elaborou-se o projecto da linha a 30 kV que, a partir da central de Tabuão, alimentará o estaleiro deste aproveitamento, tendo-se ainda executado a piquetagem do traçado.

2.3 — Aproveitamentos hidroeléctricos das bacias do Cávado e do Tâmega

2.3.1 — Estudos e projectos

Completaram-se os projectos de execução necessários ao andamento dos trabalhos das captações e derivações para ampliação das bacias hidrográficas de Paradela e Venda Nova.

No acompanhamento da construção do escalão de Vilarinho das Furnas, elaboraram-se estudos de pormenorização necessários à execução das obras. Relativa-

mente a este mesmo aproveitamento, elaborou-se o projecto de uma variante de descarregador de cheias, já superiormente aprovado e presentemente em ensaios sobre modelo reduzido no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Como colaboração no desenvolvimento do programa de construção de novos centros produtores, procedeu-se à realização do projecto do escalão do Torrão, no rio Tâmega, que se submeteu à apreciação oficial em Setembro de 1969.

Com relação ao plano geral do aproveitamento hidroeléctrico da bacia hidrográfica do rio Tâmega, prosseguiram com maior intensidade os estudos de actualização dos elementos hidroclimáticos e energéticos, efectuaram-se reconhecimentos geológicos em quase todos os locais das barragens dos escalões previstos e procedeu-se à primeira definição e cálculo das barragens respectivas.

Como trabalho de rotina, dedicou-se a necessária atenção à observação do comportamento das obras dos escalões já em exploração nos rios Cávado e Rabagão, como convém à sua conservação em boas condições de segurança.

2.3.2 — Construção

Vilarinho das Furnas (rio Homem)

Foram adjudicadas, em fins de 1967, as empreitadas de construção da barragem e respectivas obras de derivação; os trabalhos, iniciados em 1968, desenvolveram-se a pleno rendimento durante o ano de 1969.

Neste mesmo ano procedeu-se também ao lançamento dos concursos e concretização da adjudicação das obras do edifício da central, da plataforma da conduta forçada (construção civil) e ainda do fornecimento e montagem das blindagens do túnel em carga e da conduta forçada.

Concluíram-se as escavações para a fundação da barragem, com os tratamentos localizados que se tornaram indispensáveis onde a sua natureza geológica o aconselhava. As betonagens prosseguiram, no início do ano, a um ritmo ainda condicionado pelo tratamento das escavações da fundação, mas que puderam, a partir da conclusão desse tratamento, desenvolver-se a cadência sempre crescente de tal forma que, neste momento, nos faz prever a recuperação total dos atrasos iniciais de modo a poder cumprir-se a data de conclusão dos trabalhos prevista para o começo do 4.º trimestre de 1970. O volume de betão colocado até fins de 1969 atingiu o valor de 149 000 m³, sensivelmente metade do total previsto para a construção da barragem.

Iniciaram-se, já no decorrer de 1970, os trabalhos para execução do descarregador de cheias. Os trabalhos nas obras de derivação prosseguiram também em bom ritmo, o qual se compatibiliza com o desenvolvimento da obra principal na barragem.

Quanto à central e à subestação, concluiu-se o acesso à central e executaram-se as escavações a céu aberto e o aterro no local da subestação. Adjudicados os trabalhos de construção civil da central e anexos, prossegue a sua execução.

Foi adjudicado o equipamento electromecânico da central, continuando-se, com base nos programas da sua entrega e montagem, a prever a entrada em serviço do novo aproveitamento no primeiro semestre de 1971. É de fazer notar que esta será a primeira central nacional inteiramente automatizada e telecomandada (a partir da central da Caniçada, localizada a 10 km de distância).

Ampliação das bacias hidrográficas de Paradela (Cávado) e Venda Nova (Rabagão).

Concluído o desvio do rio Toco, como se encontrava previsto, ficaram terminadas as obras de ampliação da bacia hidrográfica de Paradela, o que já permitiu o aproveitamento dos caudais afluentes no ano hidroclimático corrente.

O desenvolvimento das obras do desvio do rio Cabreira para a albufeira de Venda Nova, já em fase de acabamentos, conduzirá à sua entrada em serviço nos primeiros meses de 1970.

2.4 — Aproveitamento hidroeléctrico de Fratel

2.4.1 — Estudos e projectos

Proseguiram os estudos e projectos relativos ao aproveitamento em curso de realização no Fratel, designadamente em ligação com a execução da derivação provisória do rio e início da betonagem das obras definitivas no início do ano, e com as adjudicações dos equipamentos hidromecânicos e electromecânicos no fim do ano.

Continuou-se com a observação topográfica e com os registos de infiltrações e subpressões nas três barragens do sistema Zêzere, com vista a alertar sobre qualquer comportamento anormal. As observações têm sido feitas com maior frequência na barragem do Cabril, a qual pela sua altura e natureza das fundações necessita de ser acompanhada mais atentamente.

2.4.2 — Construção

Construídas as infra-estruturas do estaleiro — estrada de acesso, alojamento para pessoal, etc. —, adquiridos os equipamentos fixos para a construção e feita parte das escavações no leito do rio em regime de empreitada prévia, ficou em 1968 a obra preparada para o desenvolvimento dos trabalhos por parte do empreiteiro geral da construção civil.

As metas principais a atingir em 1969, como previsto no programa de trabalhos, diziam respeito à montagem do estaleiro e dos equipamentos, e à realização do conjunto de obras que permitissem fazer, durante a estagiar, a derivação provisória do rio. Para isso, procurou-se coordenar os trabalhos em Fratel com os trabalhos em curso na grande barragem de Alcântara, no país vizinho, e, desse modo, a operação que se antevia difícil do desvio do rio do seu curso normal fez-se com toda a facilidade, em menos de uma semana, logo após o represamento das águas naquela barragem espanhola.

As dificuldades de recrutamento de mão-de-obra têm-se feito sentir fortemente neste estaleiro, agravadas pela concorrência movida por outras obras em curso na região.

De modo geral, no entanto, pode afirmar-se que a obra de Fratel, durante 1969, prosseguiu bem, situando-se os trabalhos sem atraso em relação ao programa estabelecido.

2.5 — Aproveitamento do Mondego

Está em curso o projecto definitivo do aproveitamento da Aguiçeira, no Baixo Mondego, em ligação com a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e no seguimento da orientação do Decreto-Lei n.º 47 240 de 6 de Outubro de 1966, já concretizada, neste caso, por decisão tomada em Conselho de Ministros em Outubro de 1969.

Proseguiram também os estudos para inventariar os recursos da bacia do rio Mondego, procurando definir-se um esquema para o aproveitamento do Alto Mondego que contemple as suas finalidades múltiplas, de acordo com as directrizes da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

2.6 — Aproveitamento do Guadiana

Completou-se o projecto do aproveitamento de fins múltiplos de Alqueva, no rio Guadiana, que foi entregue à Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, no desempenho de funções de seus consultores.

2.7 — Centrais térmicas e nucleares

2.7.1 — Central do Carregado

Estudos e projectos

O desenvolvimento do projecto do 3.º grupo do Carregado entrou em fase activa, tendo-se passado as encomendas para todo o equipamento electromecânico, com excepção de alguns fornecimentos subsidiários.

No que respeita à engenharia civil, foi executado em 95% do total o projecto relativo ao 3.º grupo gerador. Em relação ao quarto grupo, o avanço do projecto de engenharia civil pode estimar-se em 75%.

Foi colocada a primeira encomenda para a 4.ª unidade, com adjudicação do grupo turbo-alternador.

Foi adjudicada a empreitada da fundação de dois reservatórios de combustível de 20 000 t correspondentes aos 3.º e 4.º grupos da central.

Foi adjudicado também o fornecimento e montagem da estrutura metálica e revestimento da sala de máquinas relativas à 2.ª fase da central.

Comprovada a viabilidade da ampliação da potência da central do Carregado para 6 x 125 MW = 750 MW, designadamente no que respeita à capacidade do canal

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

de adução para transportar o suplemento de caudal necessário à refrigeração dos grupos, iniciaram-se e estão em curso os estudos gerais e de pormenor relativos a esta ampliação.

No ano de 1970 deverão iniciar-se os trabalhos de construção civil relacionados com a execução da 3.ª fase da central, dizendo respeito nomeadamente à preparação dos locais a ocupar pela ampliação.

Construção

Concluíram-se os trabalhos de acabamento referentes a obras e instalações complementares do 2.º grupo e também a instalação do oleoduto entre o cais do Tejo e os reservatórios de fuel-óleo para abastecimento de combustível por via fluvial. Decorreram em andamento normal as obras gerais de construção civil iniciadas no Verão de 1968.

Executaram-se também as fundações dos reservatórios de fuel-óleo correspondentes aos 3.º e 4.º grupos, os quais vão ser submetidos a ensaios; e iniciaram-se as montagens das estruturas do gerador de vapor do 3.º grupo.

2.7.2 — Central da Tapada do Outeiro

Está actualmente em curso, num dos grupos, a montagem de um despoeirador electrostático de alto rendimento em substituição do antigo sistema hidráulico de menor rendimento. Fica assim completa, nos três grupos, a instalação de despoeiramento electrostático que reduzirá apreciavelmente a poluição atmosférica devida aos fumos emitidos pelas chaminés da central.

2.7.3 — Central de Rio Maior

Os condicionamentos ainda pendentes de resolução, no tocante à concessão mineira, recomendaram um abrandamento de ritmo dos estudos nos aspectos mais ligados ao equipamento. Durante o ano de 1969 apenas se procedeu à colheita de elementos de rotina com vista ao melhor conhecimento da hidrogeologia local.

2.7.4 — Primeira central nuclear

Apesar duma evolução dos mercados menos favorável à instalação das baixas potências unitárias, os indicadores recolhidos nos estudos em curso continuaram a mostrar o interesse que poderá ter a integração na rede nacional duma central nuclear.

No ano de 1969 desenvolveu-se uma campanha sistemática de prospecção de sítios para centrais térmicas, tendo em vista especialmente a localização da primeira central nuclear.

Considerando que essa primeira central se destinará essencialmente a satisfazer consumos da região de Lisboa, foram seleccionadas algumas localizações possíveis, das quais uma se considera mais favorável para a primeira realização.

Foram efectuadas campanhas de sondagens para reconhecimento do terreno de fundação e está definido um programa de prosseguimento dos estudos de caracterização do sítio escolhido.

Dos estudos de planeamento que irão desenvolver-se na Companhia resultará uma orientação sobre a data de integração possível da primeira central nuclear que permitirá desenvolver adequadamente os estudos preliminares já encetados.

Também em 1969 se intensificou a nossa colaboração com a Junta de Energia Nuclear, no âmbito de um vasto programa de estudos relativos à instalação e funcionamento de centrais nucleares.

Esse programa foi aprovado em Conselho de Ministros e consiste numa numerosa série de estudos parciais a cargo de grupos de trabalho em que participam fundamentalmente, além de diversos departamentos da Junta de Energia Nuclear, os organismos oficiais interessados e a nossa Empresa.

Merece ainda referência a realização de uma missão de estudos de técnicos da nossa Companhia e da Junta de Energia Nuclear a alguns dos principais países europeus fabricantes de reactores nucleares e possuindo centrais nucleares em construção ou exploração.

A finalidade desta missão foi essencialmente a de avaliar os problemas e assuntos relacionados com a engenharia civil no que se refere ao projecto e à construção, e também à organização das empresas.

2.8 — Rede de transporte

Não foram iniciadas obras de vulto durante o ano de 1969, pois não foram lançados novos centros produtores que conduzissem à necessidade do reforço do equipamento de transporte existente.

A acção limitou-se à continuação dos trabalhos já antes programados, essencialmente resultantes do aumento dos consumos.

2.8.1 — Linhas

Linha Carrapateiro-Pereiros

Entrou em serviço no mês de Setembro, com a nova subestação do Carrapateiro, cuja construção foi antecipada em relação à central. Como consequência disso ligou-se à sua tensão nominal de 220 kV o troço Carrapateiro-Vernim do Douro da antiga linha da central do Tabuadal, que provisoriamente amarrava na subestação de Ermesinde (150 kV).

Ficou assim completo um novo circuito a 220 kV (Douro Internacional-Vernim-Pereiros), reforçando-se a capacidade de transporte para o sul do País, como a experiência vinha aconselhando.

Linha do Algarve

Ficou concluída nos primeiros dias de Agosto, mas só entrou em serviço em Dezembro, data de conclusão da montagem do respectivo painel de saída na subestação de Ferreira do Alentejo. Foi construída para a tensão de 150 kV e está a funcionar a 60 kV. Quando o desenvolvimento do consumo do Algarve o justificar, será construída uma subestação de transformação de 150/60 kV em Tunes, para a qual já foi adquirido o terreno, e a linha passará então a funcionar à sua tensão nominal.

Linha Alto de Mira-Carregado-Porto Alto

Procede-se neste momento à construção da linha a 220 kV Carregado-Alto de Mira, estando implantados 75% dos muros de fundação dos postes e iniciada a montagem destes. Espera-se tê-la concluída durante a próxima estação, seguindo-se a montagem do troço Carregado-Porto Alto, a acabar nos últimos meses do corrente ano.

2.8.2 — Subestações

Ampliações das subestações existentes

Estão em curso trabalhos de ampliação da potência instalada nas subestações de Vernim, Alto de Mira e Ferreira do Alentejo, que se espera concluir até meados de 1970. Tem também continuado a montagem de novos painéis de 60 kV, para responder ao aumento da potência pedida.

Para a subestação de Porto Alto foi adquirido um autotransformador de 120 MVA 220/150 kV, e o material necessário à sua montagem. Estabelecemos assim uma nova ligação entre as redes de 220 e 150 kV, ligando Porto Alto à central do Carregado por meio da linha a 220 kV a que já se fez referência. Contamos que estas novas instalações estejam em serviço cerca de fim de 1970.

Subestação do Pocinho: Reforço do abastecimento de Trás-os-Montes; interligação com a Espanha

Está prevista, desde há tempo, a instalação duma subestação no Pocinho que, além da recepção da energia a produzir na prevista central do mesmo nome, teria a finalidade de efectuar o abastecimento mais directo da rede de distribuição de Trás-os-Montes e realizar, em solução tecnicamente apropriada, a interligação com a Espanha.

O problema foi agora retomado, já no quadro da CPE, para estudo completo dos seus diversos aspectos com vista à escolha da melhor solução que poderá revelar-se mesmo ser uma solução alternativa, utilizando as maiores facilidades derivadas de a rede de transporte e as centrais do Douro Internacional estarem agora concessionadas a

uma única entidade. Espera-se que, em breve, seja possível anunciar os resultados dos estudos, com vista à adopção de soluções em primeira fase.

2.8.3 — Oficinas

As oficinas de Sacavém, criadas oportunamente pela extinta Companhia Nacional de Electricidade para a fabricação de postes — corte e zincagem — trabalhavam directamente para as realizações da rede de transporte. Anote-se no entanto que, como o ritmo variável de construção das linhas da rede de transporte não permite assegurar carga constante às oficinas, se tem procurado trabalhar para o mercado exterior, procurando regularizar a carteira de encomendas de forma a melhorar a rentabilidade.

Assim, no exercício de 1969, a repartição da produção das oficinas de Sacavém entre a rede de transporte e outros clientes é significativamente comparável, como se deduz dos seguintes valores:

fabrico: rede de transporte	889 t
outros clientes	576 t
zincagem: rede de transporte	763 t
outros clientes	764 t
montagens de estruturas: rede de transporte	98 t
outros clientes	135 t

Impõe-se obviamente, no quadro da CPE, a análise da viabilidade económica desta actividade, com vista ao estudo das melhores soluções a adoptar, até porque agora se dispõe de acrescidas possibilidades de utilização, e mesmo de reconversão, se tal for conveniente.

2.9 — Outros estudos e projectos

No âmbito da cooperação estabelecida com entidades que a solicitaram, prosseguiu a elaboração dos elementos relativos ao seguimento das obras em curso no empreendimento de Chicamba, no rio Revuê, em Moçambique; e na ribeira de Odívelas, integrada no Plano de Rega do Alentejo, da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

3 — INVESTIGAÇÃO — LABORATÓRIO CENTRAL E CENTROS DE CÁLCULO

De acordo com a nova orgânica da Companhia, a Direcção Central de Investigação inclui o Laboratório Central e os Centros de Cálculo de Lisboa e Porto.

Vai sofrer novo impulso a acção destes departamentos, pois no domínio do cálculo automático, no tratamento da informação, em aplicações quer técnicas quer administrativas, na informática, nos estudos de organização, de planeamento económico, na análise do funcionamento dinâmico da rede, ou como apoio aos estudos e projectos de novos empreendimentos, muito se espera da sua actividade.

O âmbito do Laboratório será alargado, no domínio das telecomunicações, protecções e instrumentação, abrangendo centrais e rede de transporte, e deverá estender-se a novos domínios na química e na física, na electrónica e na cibernética, tendo em vista as aplicações às centrais termoeléctricas clássicas e nucleares.

No exercício de 1969 as actividades dos serviços correspondentes ao do Laboratório Central deram satisfação, em primeiro lugar, às necessidades resultantes da ampliação da rede de transporte, destacando-se a ligação à central do Carrapateiro, com a instalação dos respectivos sistemas de telecomunicações e protecções.

No sistema de regulação frequência-potência de interligação, foram introduzidas modificações no regulador instalado no Despacho, de modo a adaptá-lo melhor às características da rede e da interligação com a Espanha, obtendo-se uma mais conveniente actuação das máquinas encarregadas dessa regulação.

No domínio de medidas e aferições, continuou a prestar-se a melhor colaboração, tanto aos departamentos da empresa, como a outras entidades, destacando-se os ensaios relativos à entrada em funcionamento das baterias de condensadores.

No campo dos estudos e investigações de problemas relativos a redes eléctricas, prosseguiram os trabalhos para melhor aproveitamento do material e optimização da exploração. Destas actividades salientam-se, como mais representativas, para além dos trabalhos correntes de conservação e reparação, e de ensaios de recepção de equipamentos:

- Projecto de montagem e coordenação das protecções em centrais e saídas de subestações;
- Projecto e montagem de novos sistemas de correntes portadoras;
- Substituição do sistema analógico de telemedidas e telesinalizações, instalado no Despacho, por um outro do tipo digital, e estudos relativos às modificações a introduzir nos reguladores frequência-potência, de forma a torná-los mais adaptados às condições da rede;
- Projecto e montagem de equipamento electrónico para a medida de temperatura, por imagem térmica, em transformadores;
- Estudos para coordenação geral das protecções, incluindo as condições de estabilidade da rede;
- Estudos de sistemas automáticos de deslastre de cargas;
- Estudos técnico-económicos sobre meios de produção de energia reactiva, em geral, e em particular, quanto aos problemas de tensão no Sul.

No Centro de Cálculo até agora integrado no Laboratório de Sacavém, desenvolveu-se, além do apoio directo a muitos dos estudos mencionados, uma apreciável actividade de processamentos de índole administrativa e estatística.

No Centro de Cálculo do Porto continuou a intensificar-se a sua utilização pelos diferentes Serviços, tanto em aplicações técnicas como de gestão, tendo-se cuidado em especial de desenvolver a biblioteca de programas, no sentido de utilizar processos de estudo mais aperfeiçoados e analisar soluções de maior complexidade ou generalidade. Podem citar-se, entre outros preparados no ano que findou, o programa de cálculo de estruturas por método dos elementos finitos planos, o estudo e dimensionamento de uma barragem de contrafortes em cabeça de diâmetro pelo método das diferenças finitas, o estudo da evolução dos encargos económico-financeiros de um aproveitamento ao longo da sua vida e a análise das possibilidades de produção conjunta de sistemas hidroeléctricos, tendo em conta os efeitos da bombagem.

Para concluir, é de salientar que se atingiram interessantes índices de utilização do equipamento instalado nos Centros de Cálculo. Deve, aliás, referir-se que, nos dois Centros de Cálculo, como nas instalações do Laboratório de Sacavém, se continuou a prestar colaboração a diversas entidades estranhas à Companhia.

4 — REPRESENTAÇÃO NOUTRAS EMPRESAS

4.1 — Hidro Eléctrica Portuguesa

Foi possível celebrar, em 18 de Outubro do ano findo, o contrato definitivo de cessão do aproveitamento do Távora, após laboriosas negociações a partir do respectivo contrato-promessa.

Em cumprimento do estatuído naquele contrato, foram convidados os accionistas da Hidro Eléctrica Portuguesa, que ainda o não houvessem feito, através de anúncios publicados na Imprensa diária, a formular os pedidos de troca das suas acções por acções da Hidro Eléctrica do Douro, o que já veio a efectivar-se depois da constituição da CPE.

Regularizada deste modo a concretização da transferência da concessão do aproveitamento do Távora, já antes autorizada oficialmente, e efectuada a troca de acções, a HEP é actualmente uma empresa afiliada da nossa Companhia, que nela passa a deter o comando da gestão. Vai agora proceder-se ao estudo da actividade económica da empresa, tendo em vista procurar as soluções mais adequadas à economia da sua exploração, actualmente reduzida ao pequeno aproveitamento hidroeléctrico do Cabum e à respectiva rede de distribuição, para além da participação, relativamente importante, na Eléctrica Duriense.

4.2 — Empresa Carbonífera do Douro

Em representação do Estado, foi designada a extinta Empresa Termoelectrica Portuguesa para o Conselho de Administração da Empresa Carbonífera do Douro, cargo em que a nossa Companhia assegura agora a continuidade daquela representação, no prosseguimento da realização duma política energética global superiormente orientada pelo Governo, com vista à definição das melhores condições de articulação dos sectores da electricidade e dos carvões nacionais.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

(Continuação da pág. anterior)

5 — COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

5.1 — Participação nos trabalhos oficiais de Planeamento

Representantes da Companhia continuaram a participar nos trabalhos de programação das actividades do sector da energia, quer directamente no âmbito do extinto Grupo de Trabalho n.º 5 da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica, quer através da Subcomissão da Produção e do Transporte que tem funcionamento no Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade.

A assinalar, entre outros trabalhos, no ano que findou, a preparação do programa de execução do III Plano de Fomento relativo a 1970.

5.2 — Órgãos colectivos da Indústria

5.2.1 — Repartidor Nacional de Cargas

A actuação do Repartidor Nacional de Cargas continuou, no ano findo, a ser exercida com o equilíbrio e segurança a que, desde sempre, nos habituou.

A reestruturação da rede primária, de que derivou a constituição da Companhia Portuguesa de Electricidade, vem, naturalmente, dada a concentração numa só empresa das funções até agora atribuídas a cinco entidades distintas, e a crescente preponderância da sua produção no conjunto da rede interligada, justificar a revisão da orgânica interempresarial no âmbito da coordenação da exploração, o que acarretará naturalmente a adopção de novas fórmulas para a atribuição das funções de repartição de cargas.

5.2.2 — Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade

Proseguu, no ano findo, a acção que o Grémio vem desenvolvendo, com relevo, em diversos domínios de interesse para o conjunto do sector, nomeadamente nos campos da formação profissional e da sistematização tarifária.

A nossa Companhia, que ocupa a vice-presidência da Direcção do G. N. I. E., continua a acompanhar com interesse a actividade deste organismo, dada a sua importância em matérias que, directa ou indirectamente, muito interessam à sua própria acção.

5.3 — Organizações internacionais

Directamente, através das empresas fusionadas, ou indirectamente, através dos organismos colectivos da indústria, continuámos a acompanhar os trabalhos de diversas organizações internacionais e a participar nas suas reuniões.

Merecem referência, sob este aspecto, as actividades desenvolvidas no seio da U. C. P. T. E. — Union pour la Coordination de la Production et du Transport de l'Electricité —, organização europeia destinada ao estudo dos problemas postos pelo desenvolvimento da interligação internacional, e em cujos trabalhos participamos, tanto ao nível do seu Conselho Geral, como dos respectivos grupos de trabalho permanentes; os estudos realizados, em alguns casos com significativa participação portuguesa, no âmbito da UNIPED — Union Internationale des Producteurs et Distributeurs d'Electricité —; os trabalhos da Comissão Internacional das Grandes Barragens e da Conferência Mundial da Energia, em cujas Comissões Nacionais temos representação.

Para além destas, há ainda a destacar — por nos tocar mais directamente — o apoio dado à Comissão luso-espanhola para regular o aproveitamento hidroeléctrico do rio Douro, nos trabalhos de regulamentação dos convénios relativos à utilização dos rios de interesse comum aos dois países; e a actuação no quadro da U. F. I. P. T. E. — União Franco-Iberica para a Coordenação da Produção e do Transporte de Electricidade — que constitui uma das 3 organizações «regionais» enquadradas na U. C. P. T. E., englobando esta a França, a Espanha e o nosso País.

A nossa Companhia detém a presidência da Comissão de Interligação Internacional, que funciona no G. N. I. E., e através da qual se têm feito os contactos nacionais sobre interligação, quer bilateralmente com a Espanha, quer em participação na referida União triangular. Destas relações tem resultado um excelente ambiente que muito tem facilitado o recurso ao apoio da interligação, como já tem sido comprovado.

6 — CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

O contrato colectivo de trabalho para a indústria da electricidade, assinado pelo Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade e pelos Sindicatos interessados e homologado pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, em Dezembro de 1968, constituiu acontecimento de alto significado que já fora devidamente posto em relevo nos relatórios de 1968 das cinco empresas fusionadas. Publicado no «Diário do Governo» n.º 38 II Série, de 14 de Fevereiro de 1969, entrou em vigor, nos termos do n.º 1 da sua cláusula 2.ª, em 1 de Março seguinte.

Imediatamente, em cada uma das empresas, como no âmbito gremial do sector, começaram a tomar-se as medidas nele previstas e conducentes à sua plena aplicação.

Entre estas destacam-se, pelo considerável volume de trabalho que implicam, as operações de análise e qualificação de funções, necessárias ao estabelecimento do novo sistema de remunerações instituído pelo contrato. Iniciadas separadamente em cada uma das cinco empresas, foi oportunamente constituída uma comissão encarregada da uniformização dos resultados. Os seus trabalhos deverão ficar concluídos de modo que o novo sistema possa ser aplicado ao pessoal da Companhia abrangido pelo contrato, em obediência ao nele estipulado.

Foram também constituídas as diversas comissões corporativas e a comissão permanente, previstas no contrato, para as quais as empresas fusionadas designaram os representantes que lhes competiam. No interior das empresas, deu-se cumprimento às cláusulas referentes às comissões de segurança, aos encarregados de segurança e à medicina do trabalho.

Estão também sendo satisfeitas as diversas regalias previstas para os trabalhadores, e em curso de regulamentação a concessão dos complementos de reforma e de pensão de sobrevivência, prevendo-se a sua extensão a todo o pessoal, mesmo o não abrangido pelo Contrato.

7 — ACÇÃO SOCIAL

Para além das regalias agora incluídas no contrato colectivo e que, na sua maior parte, já eram concedidas pelas cinco empresas fusionadas (embora com regimes diferentes), constituiu sempre preocupação facultar ao pessoal diversos benefícios e serviços, com objectivos sociais e assistenciais, na medida das necessidades mais prementes e com carácter supletivo em relação às instituições públicas existentes.

Torna-se já demasiado longo enumerar aqui todas estas regalias de natureza social, cuja importância, diversidade e progressivo desenvolvimento podem verificar-se, consultando os anteriores relatórios anuais das empresas fusionadas.

Realizada a fusão, torna-se agora necessário unificar os regimes, como aliás já havia sido decidido pelas Administrações das cinco empresas. Como orientação para este trabalho de unificação, entende-se manter a já indicada, ou seja, dar satisfação às necessidades e carências mais prementes dos que trabalham na Empresa e suas famílias, em regime de complementaridade em relação à acção oficial, procurando uma solução que, não sendo a envolvente dos máximos de todas as regalias existentes, de forma permanente, seja o resultado da ponderação das mesmas, de tal maneira que efectivamente signifique uma melhoria geral das situações actuais.

Para dar uma ideia de conjunto da actividade desenvolvida no concernente aos Serviços Médicos — parte significativa desta acção social — refere-se que foram assistidas cerca de 22 000 pessoas e que o número total de consultas atingiu cerca de 77 000.

8 — INVESTIMENTOS E MEIOS FINANCEIROS

8.1 — Durante o exercício de 1969 o investimento feito em novas imobilizações foi de 1 376 948 contos, repartido pelas instalações e equipamentos referidos no quadro seguinte:

Novas instalações:	Contos
Produção hidráulica	1 011 851
Produção térmica	199 028
Transporte	115 424
Instalações em exploração	21 036
Equipamentos de estaleiro e diversos	29 607
	1 376 948

O aumento das imobilizações que a contabilidade regista em relação a 1968 é superior a esta verba total em 173 312 contos. Esta importância foi imputada ao aproveitamento hidroeléctrico de Vilar-Tabuaço por motivo da integração, na Hidro Eléctrica do Douro, dos movimentos contabilizados pela Hidro Eléctrica Portuguesa, conforme escritura de cessão do Távora celebrada em 18 de Outubro de 1969, com transpasse autorizado pelo Decreto n.º 44 306 de 27 de Abril de 1962.

A cobertura do investimento feito em novas instalações e equipamentos, no exercício findo, foi obtida das fontes de financiamento seguintes:

Acções:	Contos
Emissões de 1968 (parte liberada em 1969)	150 328
Empréstimos:	
Mercado interno:	
Banco de Fomento Nacional	280 232
Caixa Geral Depósitos C. Previdência	445 000
	725 232
Mercado externo:	
Banco Mundial	237 370
Lazard Brothers & Co. Ltd.	14 715
	252 085
Recursos próprios:	
Subvenções para investimentos	80 000
Diversos (utilização transitória)	169 303
	249 303
	1 376 948

A única emissão de acções em 1969, no valor de 150 000 contos, foi feita pela Hidro Eléctrica do Douro e destinou-se à troca das acções da Hidro Eléctrica Portuguesa, em cumprimento do disposto no contrato definitivo da cessão do aproveitamento hidroeléctrico do rio Távora. Assim, aquela emissão não foi considerada nas fontes de financiamento das obras realizadas no exercício findo.

Não se efectuou, em 1969, qualquer emissão de obrigações. No entanto, em resultado da celebração do contrato definitivo da cessão do aproveitamento do rio Távora, foi transferida para a Hidro Eléctrica do Douro a responsabilidade representada pelo conjunto das obrigações vivas à data da escritura emitidas pela Hidro Eléctrica Portuguesa, no total de 57 615 contos.

Merecem referência especial o contributo dado pelas instituições de crédito para o financiamento das obras realizadas em 1969, nomeadamente a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e o Banco de Fomento Nacional, que financiaram 32% e 20%, respectivamente, do total investido.

8.2 — O investimento em curso em novas instalações de produção e transporte de energia, conforme se refere no capítulo «Estudos, Projectos e Construção», é da ordem de 8,5 milhões de contos.

No conjunto das instalações citadas na parte respectiva deste relatório já tinham sido investidos, até ao final de 1969, 2 958 710 contos, conforme consta no balanço sob a rubrica «Imobilizações em Curso».

Está em estudo o financiamento das obras a executar durante o ano de 1970, que se considera estar perfeitamente assegurado — e sem dificuldades imediatas de tesouraria por utilização de meios contratados pelas empresas fusionadas — pelo recurso aos mercados normais de capitais, nas proporções que vierem a ser consideradas mais convenientes para a boa gestão da Companhia, com a devida sanção das Entidades Oficiais competentes. As circunstâncias em que teve de apor-se este relatório — em sobreposição às pesadas tarefas da organização de arranque da empresa e a outros trabalhos inadiáveis — não permitiram que, conforme era tradição e continua a ser nossa intenção, se apresente, já neste primeiro relatório anual, uma indicação sobre as fontes de financiamento previstas, para a devida elucidação e orientação dos senhores accionistas.

9 — BALANÇO E RESULTADOS

Por motivo da fusão houve que proceder em curtíssimo prazo à integração das contabilidades das empresas fusionadas e promover a consolidação dos respectivos balanços.

Esta complexa tarefa foi, todavia, facilitada até certo ponto pela adopção, no início de 1969, do plano uniforme de contas da rede eléctrica primária, a que se referiram os relatórios de 1968 das diversas empresas então existentes, uma vez que, por essa forma, ficaram definidos critérios de contabilização com vista a permitir a relevação dos respectivos patrimónios e o apuramento de custos e de resultados segundo critérios comuns.

Com referência à data de 20 de Outubro de 1969, e no seguimento da decisão tomada em cada uma das Assembleias Gerais Extraordinárias que votaram a fusão, foram dados balanços em cada empresa para se definirem os valores e os resultados a transferir para a empresa resultante da fusão, estabelecendo-se a partir desses valores o balanço inicial da nova Empresa — valores recebidos em realização integral do capital nominal e das reservas e resultados transferidos. Tais resultados não eram, porém, definitivos, uma vez que, naquela data, não estavam fixadas as importâncias da receita a atribuir ao Fundo de Apoio Térmico e às subvenções legais para investimento e para complemento das amortizações financeiras.

Outorgada por escritura pública de 3 de Dezembro de 1969 a constituição da Companhia, procedeu cada uma das anteriores empresas, nessa data, ao encerramento definitivo das suas contas, sendo integradas na nova Empresa, em conformidade com a citada escritura, os movimentos operados no período decorrente de 20 de Outubro à data da escritura.

O balanço e as contas que a seguir se submetem à consideração e aprovação dos Senhores Accionistas, referem-se, portanto, a todo o exercício de 1969, uma vez que englobam a integralidade dos movimentos contabilísticos ao mesmo exercício respeitantes.

Com o intuito de tornar mais clara a apresentação das contas, referir-nos-emos às principais rubricas das mesmas.

Assim, no 1.º termo do balanço, anota-se que, no fecho de contas, o activo bruto atingia a cifra de 17 136 milhares de contos, nele avultando as imobilizações que atingiam 15 815 milhares de contos. Estas estão reintegradas, em conformidade com as prescrições legais, em 1 452 milhares de contos.

No referido activo figura a conta «Acções Próprias» com o valor de 211 908 798\$85, correspondente às interposições accionistas que as anteriores empresas da rede eléctrica primária possuíam nas suas carteiras.

O passivo refere as exigências agrupadas em função dos prazos de vencimento, com as designações de curto, médio e longo prazo, respectivamente a um ano, a cinco anos e a mais de cinco anos.

Anotaremos que os financiamentos, incluindo efeitos a pagar a médio e a longo prazo, montavam a 6601 milhares de contos e que os capitais próprios — reintegrações compreendidas — com a ressalva das regularizações a que há que proceder em conformidade com o decreto-lei n.º 49 211, atingem 9337 milhares de contos, pelo que a cobertura dos capitais permanentes (15 455 milhares de contos) está representada por 60,4% de capitais próprios e 39,6% de capitais alheios.

Ainda referiremos que estão constituídas as provisões para riscos e também para encargos não liquidados, por forma a dar-lhes inteira cobertura, entre estes se citando a provisão para encargos fiscais.

As contas «Reconstituição do Investimento» e «Subvenções Recebidas» figuram no balanço pelos valores contabilizados em harmonia com a legislação que vigorava à data da cessação das anteriores empresas. Haverá que aguardar o apuramento das determinações do já citado decreto-lei n.º 49 211, para se proceder à regularização das referidas contas, razão por que não aparece desde já explicitado o Fundo de Financiamento Legal a que se refere o seu art. 11.º.

A conta de «Exploração» evidencia as vendas de energia que, considerados os consumos próprios, ultrapassaram o milhão e meio de contos.

Os encargos afectos à exploração atingiram 592 113 contos, neles se incluindo 110 770 contos da participação na receita da venda de energia atribuída ao Fundo de Apoio Térmico, em conformidade com o regime legal do mesmo. Por sua vez o referido Fundo concorreu com 23 229 contos para cobertura dos encargos variáveis da produção térmica.

Também a débito da conta de «Exploração» se registaram as subvenções legais atribuídas ao investimento e ao complemento necessário à amortização financeira.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE—CPE

(Continuação da pág. anterior)

O saldo da exploração atinge 941 659 contos. Na conta de «Lucros e Perdas» aparece o referido saldo adicionado dos resultados contabilizados por actividades fora da exploração eléctrica e rendimentos de bens de fruição.

Nos custos levados a esta conta referiremos especialmente os encargos financeiros, a excederem 300 000 contos; e os impostos liquidados, no montante de 136 003 contos.

Também se anotáram o movimento operado na conta «Provisões — Para Encargos Fiscais», figurando a débito a importância de 35 000 contos com que, no exercício, se reforçou aquela Provisão, a fim de dar integral cobertura a encargos fiscais; no crédito aparece a verba retirada da Provisão anteriormente constituída para cobertura parcial dos encargos fiscais pagos.

O saldo final do exercício traduz-se pela expressiva verba de 487,6 milhões de contos. O valor absoluto do número — que poderá impressionar pelo nível inusitado no nosso País — tem de ser apreciado à luz dos capitais investidos, e nessa perspectiva referir-se-á que corresponde a 8,55% do capital social, nível que, atentas as reservas livres existentes e a segurança que a progressão dos consumos de electricidade oferece, nos permite considerar satisfatórios os resultados alcançados.

Em conclusão, a conta de «Lucros e Perdas» fecha com o saldo de 487 576 979\$46, que, adicionado ao saldo do exercício anterior — 3 310 714\$79 —, perfaz 490 887 694\$25.

O dividendo que se propõe é de 8% do capital em circulação, havendo casos em que, segundo as cláusulas das respectivas emissões, algumas acções não terão direito a dividendo por inteiro no exercício do ano de 1969.

Antes de submeter à vossa apreciação a proposta de distribuição do saldo do exercício, deseja ainda o Conselho de Administração afirmar a satisfação com que dá cumprimento à disposição estatutária que associa o pessoal aos resultados obtidos.

Nestas condições temos a honra de propor a seguinte aplicação dos resultados:

1 — Reserva Legal	24 400 000\$00
2 — Participação do pessoal nos lucros (n.º 1 do art.º 52.º dos Estatutos)	30 000 000\$00
3 — Dividendo de 8% (não tendo algumas acções dividendo por inteiro, de acordo com as condições da emissão)	430 472 880\$00
4 — Saldo para «Conta Nova»	6 014 814\$25
	490 887 694\$25

10 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

É, neste ano, particularmente delicado o cumprimento do dever, que é tradicional em relatórios desta índole, de exprimir o reconhecimento do Conselho de Administração da Companhia a todas as Entidades que o ajudaram na sua acção. É essa uma tarefa delicada este ano, em primeiro lugar porque terá de se agradecer não só em nome próprio mas também em nome dos órgãos correspondentes das empresas fusionadas, e em segundo lugar porque acrescem às razões habituais outras derivadas da própria operação da fusão que não teria sido possível, no curto prazo em que foi executada, sem a dedicação dos colaboradores, sem o apoio das Entidades Oficiais, sem a compreensão de muitas pessoas entre as quais naturalmente os Senhores Accio-

nistas, porque foi o bom ambiente em geral criado que tornou possível a operação processar-se sem perturbações.

As entidades bancárias com que trabalhamos manifestamos também o nosso reconhecimento, destacando o apoio do Banco de Portugal e das principais entidades financeiras, a Caixa Geral de Depósitos e o Banco de Fomento Nacional.

Quanto aos aspectos internos da Companhia há, neste relatório, motivo, para antes de outras justas e usuais referências deixar exaradas outras palavras menos habituais mas que são próprias do momento singular que vivemos, após a fusão das cinco empresas da rede primária. São essas palavras as do apreço que justamente é devido aos membros dos corpos gerentes das empresas fusionadas que cessaram as suas funções e por isso não nos acompanham nesta árdua tarefa, mas cuja acção é lembrada na medida em que ajudaram a criar o prestígio de que desfrutavam aquelas empresas e que a Companhia herdou com a natural obrigação de o acrescentar com o tempo.

As Direcções-Gerais e outras Entidades Oficiais, designadamente da Presidência do Conselho e dos ministérios da Economia e das Finanças, das Obras Públicas e das Corporações e Previdência Social, sem individualizações que, mesmo necessariamente numerosas, poderiam fazer ocorrer injustas omissões, desejamos agradecer o apoio que, de forma mais directa, nos dispensaram.

As entidades bancárias com que trabalhamos manifestamos também o nosso reconhecimento, destacando o apoio do Banco de Portugal e das principais entidades financeiras, a Caixa Geral de Depósitos e o Banco de Fomento Nacional.

Quanto aos aspectos internos da Companhia há, neste relatório, motivo, para antes de outras justas e usuais referências deixar exaradas outras palavras menos habituais mas que são próprias do momento singular que vivemos, após a fusão das cinco empresas da rede primária. São essas palavras as do apreço que justamente é devido aos membros dos corpos gerentes das empresas fusionadas que cessaram as suas funções e por isso não nos acompanham nesta árdua tarefa, mas cuja acção é lembrada na medida em que ajudaram a criar o prestígio de que desfrutavam aquelas empresas e que a Companhia herdou com a natural obrigação de o acrescentar com o tempo.

As entidades bancárias com que trabalhamos manifestamos também o nosso reconhecimento, destacando o apoio do Banco de Portugal e das principais entidades financeiras, a Caixa Geral de Depósitos e o Banco de Fomento Nacional.

Porto, 9 de Março de 1970.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Afonso Machado Vaz — Presidente
Fernando Ivo Gonçalves — Vice-Presidente; Presidente do Conselho de Gerência
Manuel Rafael Amaro da Costa — Vogal do Conselho de Gerência
Pedro Manuel de Oliveira Reis — Vogal do Conselho de Gerência
José de Oliveira Campos — Vogal do Conselho de Gerência
Valentim de Almeida e Sousa — Vogal do Conselho de Gerência
Elycio de Oliveira Alves Pimenta
Fernando Moreira Ribeiro
Henrique Veiga de Macedo
Hermes Augusto dos Santos
Paulo de Barros

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969

ACTIVO			
DISPONIVEL			
Caixa	5 531 100\$60		
Bancos	253 866 099\$00	259 397 199\$60	
REALIZAVEL			
Efeitos a Receber	1 261 920\$00		
Clientes	322 408 533\$20		
Devedores e Credores Gerais — Saldos			
Devedores	211 355 026\$04		
Fornecedores e Empreiteiros — Saldos			
Devedores	17 220 134\$30		
Fundo de Apoio Técnico	4 659 680\$30		
Acções Próprias	211 908 798\$85	797 966 782\$54	
Carteira de Títulos	29 152 689\$85		
EXISTÊNCIAS			
Materiais em Armazém	130 016 549\$77		
Combustíveis	96 618 238\$82		
Obras em Curso	36 971 116\$07	263 605 904\$66	
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras	90 298 475\$00		
Encargos a Amortizar	3 799 641\$88		
Estudos e Projectos Gerais	95 550 910\$26		
Imobilizações em Curso	2 958 710 140\$58		
Imobilizações Afectas às Concessões:			
Aproveitamentos Hidroeléctricos	8 338 872 095\$09		
Reintegrações	- 583 730 798\$20	7 755 141 296\$89	
Centrais Térmicas	2 055 930 702\$57		
Reintegrações	- 185 934 798\$60	1 869 995 903\$97	
Linhas	1 066 930 861\$99		
Subestações	743 830 137\$01		
Outras Imobilizações	107 272 980\$48		
	1 918 033 979\$48		
Reintegrações	- 600 993 659\$67	1 317 040 319\$81	10 942 177 520\$67
Imobilizações não Afectas às Concessões	353 518 238\$93		
Reintegrações	- 81 538 940\$45	271 979 298\$48	14 362 515 986\$87
			15 683 485 873\$67
Contas de Ordem			1 755 569 101\$28

PASSIVO			
CURTO PRAZO			
Dividendos a Pagar	3 636 214\$52		
Juros a Pagar	76 457 807\$21		
Obrigações Sorteadas	37 158 000\$00		
Efeitos a Pagar	75 323 944\$70		
Financiamentos:			
Obrigações	110 933 250\$00		
Empréstimos	371 678 282\$06	482 611 532\$06	
Empréstimo Consignado ao Fundo de Apoio Técnico		10 819 909\$40	
Devedores e Credores Gerais — Saldos			
Credores	136 069 398\$63		
Fornecedores e Empreiteiros — Saldos			
Credores	238 881 804\$80		
Provisões — Para Encargos Fiscais	158 803 249\$20	1 219 761 860\$52	
MÉDIO PRAZO			
Efeitos a Pagar	55 157 709\$94		
Financiamentos:			
Obrigações	561 510 000\$00		
Empréstimos	1 424 352 051\$95	1 985 862 051\$95	2 041 019 761\$89
LONGO PRAZO			
Efeitos a Pagar	15 024 947\$00		
Financiamentos:			
Obrigações	1 804 201 750\$00		
Empréstimos	2 258 087 455\$11	4 062 289 205\$11	4 077 314 152\$11 7 338 095 774\$52

SITUAÇÃO LÍQUIDA

INICIAL			
Capital		5 700 000 000\$00	
ACUMULADA			
Reservas			
Obrigações Legais		30 000 000\$00	
Facultativas:			
Estabilização de Dividendos	218 187 747\$53		
Acção Social	10 170 000\$00	228 357 747\$53	258 357 747\$53
CONDICIONADA			
Subvenções Recebidas:			
Para Investimento	447 302 564\$92		
Para Amortização Financeira	271 350 365\$10	718 652 930\$02	
Comparticipações	88 123 437\$17		
Reconstituição do Investimento	1 015 079 104\$94		
Provisões	74 289 185\$24	1 896 144 657\$37	
ADQUIRIDA			
Lucros e Perdas:			
Do Exercício Anteriores	3 310 714\$79		
Do Exercício	487 576 979\$46	490 887 694\$25	8 345 390 099\$15
			15 683 485 873\$67
Contas de Ordem			1 755 569 101\$28

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — CPE

EXPLORAÇÃO ELÉCTRICA — 1969

(Continuação da pág. anterior)

DÉBITO

Combustíveis	20 900 143\$20	
Encargos Gerais de Exploração	98 869 754\$16	
Encargos Gerais de Conservação e Reparação	59 670 493\$35	
Encargos de Coordenação Energética da Rede Primária	1 966 446\$92	
Reintegração de Valores Afectos à Concessão	132 080 559\$24	
Reconstituição do Investimento	17 855 148\$36	
Subvenções Recebidas:		
Para Investimento	80 000 000\$00	
Para Amortização Financeira	70 000 000\$00	150 000 000\$00
Fundo de Apoio Térmico — s/ Participação na Receita	110 770 738\$10	
Resultados da Exploração	941 659 624\$92	
		1 533 772 908\$25

CRÉDITO

Venda de Energia	1 496 901 866\$80
Consumos Próprios	13 641 516\$45
Fundo de Apoio Térmico — Cobertura de Encargos Variáveis da Produção Térmica	23 229 525\$00

1 533 772 908\$25

Porto, 9 de Março de 1970

O DIRECTOR CENTRAL PARA OS ASSUNTOS FINANCEIROS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Despesas Gerais	43 438 560\$89	
Despesas de Estudo	6 130 052\$72	
Taxas, Contribuições e Impostos	136 003 354\$80	
Encargos Financeiros	300 643 694\$77	
Reintegração de Valores não Afectos à Concessão	7 459 015\$48	
Encargos a Amortizar	3 082 149\$89	
	496 756 828\$55	
Provisões para Encargos Fiscais — Constituição	35 000 000\$00	
	531 756 828\$55	
SALDO		
De Exercícios Anteriores	3 310 714\$79	
Resultado Líquido do Exercício	487 576 979\$46	490 887 694\$25
		1 022 644 522\$80

CRÉDITO

Resultados da Exploração Eléctrica	941 659 624\$92
Resultados Diversos	18 597 884\$49
	960 257 509\$41
Provisões para Encargos Fiscais — Utilização	59 076 298\$60
	1 019 333 808\$01
De Exercícios Anteriores	3 310 714\$79

1 022 644 522\$80

Porto, 9 de Março de 1970

O DIRECTOR CENTRAL PARA OS ASSUNTOS FINANCEIROS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Examinando o Relatório, Balanço e Contas ora submetidos à apreciação de V. Ex.^{as}, nomeadamente no referente ao breve período do exercício de 1969 a que se reporta a actividade deste Conselho, cumpre-nos salientar a competência e o zelo com que os dignos Conselhos de Administração e de Gerência orientaram a nossa Companhia, nesta melindrosa fase de estruturação.

A leitura destes documentos coloca-nos, de pronto, no conhecimento de toda a sua actividade, traduzida com elucidativa clareza, quer quanto à forma como a mesma se desenvolveu, quer no respeitante ao modo como foram enfrentados e resolvidos os diversos problemas a ela inerentes.

Gratos às referências que nos foram feitas, aqui deixamos expresso o nosso aplauso a todos quantos tão devotadamente se desempenharam das funções de administração e gerência em que foram investidos.

Também nos associamos às justas referências feitas pelo Conselho de Administração, no seu Relatório, aos Órgãos Governamentais, Direcções Gerais e Entidades Oficiais e Bancárias, que inteiramente perfilhamos.

Finalmente, cumpre-nos afirmar que tivemos ocasião de acompanhar a conta-

bilização da actividade da nossa Companhia, desde que sobre ela incidiu o nosso exame, tendo encontrado tudo em devida ordem.

Assim, temos a honra de propor que aproveis:

- 1.º — O Relatório, Balanço e Contas sujeitos à apreciação desta Assembleia;
- 2.º — A aplicação do saldo da conta de Lucros e Perdas proposta pelo digno Conselho de Administração;
- 3.º — Um voto de muito louvor aos dignos Conselhos de Administração e de Gerência pela forma por que dirigiram e orientaram a actividade da Companhia;
- 4.º — Um voto de louvor a todo o pessoal da Companhia pela acção desenvolvida no desempenho das tarefas que lhe foram confiadas.

Porto, 9 de Março de 1970.

O CONSELHO FISCAL

António Amaral — Presidente Interino
Félix Bernardino de Freitas Veloso
José dos Santos Ferreira da Costa

Adelino da Palma Carlos por Comp.^{sa} Reunidas Gás e Electricidade, S. A. R. L.

Formação e reciclagem em métodos quantitativos

Sob a orientação do sr. prof. dr. Fernando de Jesus, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, com a participação de 22 dirigentes e quadros superiores de empresas e de organismos públicos nacionais, está a decorrer no Hotel Flórida de Lisboa, mais um curso de Reciclagem de Algebras Lineares e sua Aplicação nas Técnicas de Programação Matemática, de cujo programa destacamos os seguintes temas: Lógica matemática; teoria dos conjuntos; Matrizes, determinantes; Espaços vectoriais de dimensão finita; espaços métricos e conjuntos convexos. A programação linear como caso especial da programação matemática. Resolução de um programa linear.

Problemas especiais e aplicações.

No Plano de Formação do Instituto Nacional de Investigação Industrial para 1970, na rubrica «Métodos Quantitativos», integrada nos Programas de Desenvolvimento em Direcção, estão previstos sete outros cursos dos quais dois a efectuar este mês: *Algebra de Boole e suas Aplicações na Indústria* (Elementos de lógica matemática e da teoria dos conjuntos. Elementos de álgebra lógica. Simplificação e materialização de funções lógicas. Circuitos de combinação e sequências. Aplicações: Redes de contacto, circuitos lógicos, circuitos sequenciais); e *Métodos de Análise Contábilística e Financeira* (Curso de iniciação, para engenheiros e outros quadros técnicos desejosos de melhorar e sistematizar os

seus conhecimentos sobre matérias financeiras e de contabilidade).

Os interessados nestas actividades de formação do Instituto Nacional de Investigação Industrial poderão dirigir-se, para mais informações ao «Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do INII» — Rua de Buenos Aires, 28-1.º, Lisboa-2 — Telef. 67 70 07/8/9.

CASA

DO CONCELHO DE GOUVEIA

Foram eleitos os corpos gerentes da Casa do Concelho de Gouveia. Presidem à assembleia geral, à direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. dr. Armando dos Santos Carvalho, António Ferreira de Almeida e Manuel dos Santos Guerra.

O I ENCONTRO DA JUVENTUDE DA ESPANHA E PORTUGAL PRÓXIMO DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 4 — No Centro Euménico Reconciliação, com sede nos Vais (da freguesia de Buarcos), decorreram as reuniões do I Encontro da Juventude de Espanha e Portugal, nas quais tomaram parte cerca de 50 jovens estudantes, procedentes de diversas partes de Espanha e Portugal. Este Encontro teve como finalidade a confraternização da juventude dos dois países e por tema: «A Fé Cristã e a Juventude de hoje» e serviu de largo convívio em meio de calorosa fé cristã.

Além dos serões de convívio, houve duas noites dedicadas a Portugal e Espanha, em que os jovens estudantes apresentaram trabalhos referentes aos respectivos países.

Foram organizadas visitas de estudo à Fábrica de Celulose Billerud, à cidade universitária de Coimbra e às ruínas de Conimbriga.

Estas reuniões, organizadas pelo Centro Euménico, tiveram como objectivo contribuir para uma melhor compreensão e colaboração mais intensa entre os jovens dos dois países e programar as futuras actividades da juventude de Espanha e Portugal.



CARROS USADOS

LUSOLANDA



Aproveite a excepcional oportunidade

PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS — FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

Av. da República, 84-C — Telef. 778073 — Av. Ant. Aug. Aguiar, 25-C — Telef. 537074 — LISBOA

LISBOA DIA E NOITE

Orpheu's (com Wilma Palmer) em digressão pela Europa

Depois de terem actuado em «bottes» de Luanda, no Casino de Espinho e no Hotel de Faro, o conjunto Orpheu's, agora com Wilma Palmer, parte dentro de dias para uma longa digressão pela Europa. Wilma Palmer foi atração da revista «Fogo no panela», representada há anos por uma companhia brasileira. Depois, decidiu radicarse em Portugal dividindo a actividade pelos palcos do teatro de revista e os espectáculos de variedades. Um dia, eles chegaram: Sérgio (o organista), Orfeu (contrabaixo, que leu o nome ao conjunto) e Faisca (o baterista). Decidiram constituir um agrupamento onde Wilma pudesse integrar-se e eles atuariam por essa Europa fora, com actuações já asseguradas em França, Grécia e Suíça. Já gravaram para a «R. R.» («O urso» fez êxito) e, mais recentemente, um «L. P.», para a «Marfer».

DEOLINDA RODRIGUES: FADO NA TV

Depois de largas temporadas nos palcos de revista, após o êxito no cinema, onde foi uma das figuras mais populares, Deolinda Rodrigues decidiu retirar-se dos elencos das casas típicas lisboetas e afastou-se da capital, limitando a gravação de discos e de programas para a TV a sua actividade artística. Es-

ta semana gravou mais uma rubrica de fados para a R.T.P., a transmitir muito brevemente.

Jaime Santos deixou o «Lisboa à Noite»

Jaime Santos, «virtuoso» autêntico da guitarra de Lisboa e compositor de recorte melódico tradicionalista, deixou de fazer parte do elenco artístico do «Lisboa à Noite» onde formava, com o professor de viola Martinho da Assunção, uma das duplas de maior relevo que o fado registou. Desconhecem-se os propósitos de Jaime Santos. De momento, o cartaz do «Lisboa à Noite» perde um dos seus elementos de maior relevo.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Tina Santos já regressou ao elenco artístico de «A Kaverna».
* O guitarrista Liberto Conde e o viola Castro

Mota encontram-se sem compromissos profissionais.
* Glória Maria deixou de fazer parte do elenco da «Lisboa à Noite».

* Tina Ferreira e José Teixeira (intérpretes portugueses do fado) estão a actuar no «Solar do Minho».

O FADO EM LISBOA

OLCLORE Rua Nova da Trindade, 22-A
Telefs. 35007-323406
cantam: Arminda Viana, Lidia Ribeiro, Américo Lima, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro. 1.º Portugal António Rainho e José Maria Nogueira, Marina Rosa e corpo de baile dirigido por António Gonçalves, das 21 às 23 horas — consumo mínimo 120\$00 — taxas incluídas. Encerra o domingo.

ARREIRINHA DE ALFAMA
Beco do Espírito Santo 1 — Telef. 868209
cantam: Natália Duarte, Lina Maria Alves e Natália Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos. Consumo mínimo: 0\$00.

LISBOA A NOITE Rua das Gáveas, 69
Telefs. 368557-362603
cantam: Fernanda Maria, Alice Maria, Tina Santos e Manuel de Almeida: tocam: José Maria de Carvalho e Martinho da Assunção. Consumo mínimo: 90\$00. Encerra o domingo.

A TIPÓIA Rua do Norte, 102 — Telefone 33465
cantam: Adelina Ramos, Quintia Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e José António Carvalhinho. Consumo mínimo: 0\$00.

VELA Rua das Taipas, 14 — Telefone 327256
cantam: Sérgio, Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Maria José Ramos. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale. Consumo mínimo 50\$00.

AR PORTUGUES Rua do Barraco, 133
Telef. 369760
cantam José Borges Augusta Ermida, Ceia de Jesus e o conjunto típico «Canta de Portugal». Tocam António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo: 50\$00

IMPANAS Rua Gilberto Rota 24 — Telef. 676655 67431
cantam Alcindo de Carvalho Luis Braga, Benvidina Cruz e Odete Mendes Tocam Fernando Ferreira e Torquato Lopes. Consumo mínimo: 61\$50. (Taxas incluídas)

AIL E UM Travessa de Ercos, 38 — Tel 33464
cantam: Moisés Campos, Joaquim Cordel, Julieta Santos, Adriana Franco, Rosa Jesus e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto. Consumo mínimo: 40\$00.

A KAVERNA Travessa dos Reis de Deus, 37
Telef. 35593
cantam Beatriz da Conceição, Tristão da Silva e «Os 3 de Portugal». Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalhinho. Consumo mínimo: 90\$00.

O ARABITA DE ALFAMA
Rua da Adiga, 19 — Telef. 863451
cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Júlio Vilelas. Tocam: Acácio Rocha e Amadeu Ramal. Consumo mínimo: 0\$00.

ANSEN Rua 1.ª de Maio 2 — Telefone 640613
cantam: Mariana Silva e José Batalha (coo convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal». Tocam: Ildefonso Frade e Nilda Neves. Consumo mínimo: 30\$00.

FRAGATA REAL Trav. de S. Miguel, 22
Alfama — Telef. 868552
cantam Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Fernando Mauricio e Francisco Martinho. Tocam João Alberto e Manuel Martins. Consumo mínimo: 50\$00. Encerra ao domingo.

O FORCADO Rua da Rosa, 219 — Telef. 368579
cantam António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Consumo mínimo: 40\$00.

A SEVERA Rua das Gáveas 57 — Telef. 34006
cantam Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal». Consumo mínimo: 50\$00. Encerra à quinta-feira.

ADEGA MACHADO Rua do Norte, 91
Tel 30095-328713
cantam Ivete Pessoa, Fernanda Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Queirós, José Vilela e o «Trio Melodia» (José Luis, Jorge Martins e Mário Pinto) Danças pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Proença e Américo Silva. Consumo mínimo: 60\$00. Encerra à quinta-feira.

TAVERNA DO EMBUÇADO
Beco dos Cortumes, 10 — Telef. 860816
cantam: Teresa Silva Carvalho e Ana Rosmaninho, Vicente da Camara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal. Consumo mínimo: 90\$00.

O FAIA Rua do Barraco, 48
Telefs. 369387-321923
cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário, Carlos do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam: Ilídio dos Santos, Fernando Freitas e Orlando Silva. Consumo mínimo: 60\$00. Encerra ao domingo.

MARCIA CONDESSA P. da Alegria, 38
Telef. 367093
cantam Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convidado). Tocam: António Pessoa e Albertino Vilar. Consumo mínimo: 40\$00. Encerra à segunda-feira.

SOLAR DO MINHO Rua do Vigário 60 — Alfama Telef. 866811
cantam Eduarda Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena, Tina Ferreira, José Teixeira e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses. Consumo mínimo: 50\$.

SOLAR DA HERMINIA
Largo Trindade Coelho, 10 — Telef. 320164
cantam: Herminia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Júnior e Fernando Rios. Tocam: António Pacheco e Carlos Duarte. Consumo mínimo: 50\$00. Encerra ao domingo.

SOLAR DA MADRAGOA
Rua das Trinas, 67 — Telef. 669857
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Laurinda Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Consumo mínimo: 30\$00 (taxas incluídas). Encerra ao domingo.

RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER
Largo do Chanceler 7-A Telefs.: 866286/871559
Encerra às 2 horas.
REX Rua Nova da Trindade 18 — Telefone 30114
TAVERNA IMPERIAL P. dos Restauradores, 16 — Telef. 368491
NICE Rua da Conceição da Glória, 9-A — Telef. 3 00 68
BAR Z Rua S. Pedro d'Alcântara, 57 — Telef. 3 07 60
CARIOCA Rua da Trindade, 32 — Telefone 32 65 65

VIENA Rua da Conceição da Glória, 5 — Telef. 321474
LORD Rua Victor Cordon 14 - A — Telefone 323098
BELCANTO Largo de S. Carlos, 10 — Telef. 320607/8
SNOB Rua de «O Século» 178 — Telefone 3 37 23
AMERICANO Rua Bernardino Costa, 35 — Telef. 37 07 04
BRISTOL Rua Jardim do Regedor, 7 — Telef. 3 57 30

«BOITES» E «DANCINGS»

TOSCO Rua Conde Redondo 53 A — Telef. 531562
Conj. Thó Bandeira e Os Steemaers
ADAGGIO Rua Carlos Reis 51 - A Telef. 775695
Discos recebidos directamente de Inglaterra
RITZ CLUB Rua da Glória, 57 — Telef. 325140
AD LIB Rua Barata Salgueiro, 28-7 — Telef. 561717
Discos recebidos directamente de Inglaterra
EL CID Rua Bernardo Lima 18 - A — Telef. 560538
Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117
Morão e s/ Conjunto
BICO DOURADO R. da Misericórdia, 12
Conj. Fernando Sequeira c/ Alex
FONTÓRIA Praça da Alegria, 66-r/c. — Telef. 35433
GALE Travessa do Salitre, 27 — Telefone 366017
Conj. Eugénio Pepe
D. QUIXOTE Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109
Conj. Alirio de Sousa.
TEXAS Rua de S. Paulo, 21 — Telefone 53683
CACO Rua Camilo Castelo Branco, 23 - A — Telef. 530892
ARIZONA Rua Nova do Carvalho, 36 — Telef. 325140
GALERIA 48 Avenida da Liberdade, 248-B — Telef. 48433
Conjunto Heider Reis
107 Rua da Madalena, 107 — Telef. 387049
conj. Sequência 4, «ballet» de Mário Valejo, parella espanhola Gloria Reys e Alfonso Linares e Mari Barroso. Consumo mínimo: 50\$00.
ESTRIBO CLUB Casa St. Isabel — Estrada de Birro — Casais — Telef. 289273
GINGÃO Travessa da Boa Hora, 11 — Telef. 340 62

NINA Rua Paiva de Andrade, 7-13 — Telef. 34059
Conj. Rocha Oliveira
COMODORO Praça D. João da Câmara, 20 — Telef. 34996
Tobé e s/ conjunto
TERRAÇO DAS ESTRELAS — HOTEL EMBAIXADOR Avenida Duque de Loulé, 73 — Telef. 530171
Conj. Manuel Viegas
PORÃO DA NAU R. Pinheiro Chagas, 1-B — Telef. 510501
Conj. «The Beatnicks»
Encerra ao domingo.
TAGIDE Largo da Biblioteca, 18-2 — Telef. 55328-362123
Conjuntos José Pedro e «Os Duques». Consumo mínimo: 100\$00. Está aberto ao domingo.
MAXIME Praça da Alegria, 58 — Telefone 55366
Conjunto 6.ª Reacção e Maximiliano — «Show» turístico e variedades internacionais.
A CAVE Av. António Augusto Aguiar, 88 — Telef. 534433
Conj. Costa Pinto
POP CLUB Av. Estados Unidos da America 129 - A — Telef. 760968
Discos
ESTONES Rua do Olivar, 1 — Telefone 665651
Discos
A LAREIRA Praça das Águas Livres, 8-1 — Telef. 589627
Discos
LUA NOVA Travessa da Queimada, 4 — Tel. 35792
CLUBE DOS ARTISTAS Parque Mayer — Telef. 367469
Tero-Trio — Antero, Sérgio e Olímpio. Consumo mínimo: 20\$00.
POP-FADO Rua Ferreira Lapa, 38-B — Telef. 561949
conj. Helder Martins.

ENCERRAM AS 5 DA MADRUGADA

RESTAURANTE
antónio
AMANHÃ
CABRITO NO Forno
SEGUNDA-FEIRA
CHISPE À PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES
DANCANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

RESTAURANTE
CUNHA
SALA PARA BANQUETES
GERENCIA DE CUNHA
PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE CENTRAL DE PARIS
AV. PARIS, 4-A - Tel. 726968

RESTAURANTE
MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE • SALÃO DE CHÁ • CAFÉ BAR
O POSTO SHELL-AZEITÃO
Telef. 228243/4 — na estrada LISBOA-SETÚBAL e MONTIJO-ALGARVE
ABERTO DESDE AS 7 HORAS AS 2 DA MADRUGADA
AOS DOMINGOS ACTUARÁ UM CONJUNTO MUSICAL
PREÇOS ESPECIAIS NO CAFÉ-BAR PARA CAMIONISTAS DURANTE A SEMANA
RESERVAM-SE SALAS PARA CASAMENTOS BAPTIZADOS E FESTAS DE CONFRATERNIZAÇÃO

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

ENCERRAM AS 3,30 DA MADRUGADA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SHIRLEY BASSEY

TV Mundo: SHIRLEY BASSEY

A grande cantora Shirley Bassey está esta noite na apreciada rubrica «TV Mundo». Ela, num «show» de grande valor, com a sua

voz, a sua presença e as suas canções. Consagrada e aplaudida, Shirley Bassey conta ainda com a colaboração, como artistas convidados, do cantor Noel Harrison e de Laurindo Almeida, extraordinário violista brasileiro. No programa há ainda uma bem humorada intervenção do veterano actor Jimmy Durante.

Movimento e Saúde

As MAS ATITUDES NAS CRIANÇAS é o tema a desenvolver pelo dr. Marques Pereira no seu programa «Movimento e Saúde» a transmitir pelas 17 e 30.

SKYPPY «MORTO OU VIVO»

Pelas 19 e 45, verifica-se a apresentação do episódio filmado «Morto ou vivo» da série juvenil «Skippy», com Ed Devereaux, Tony Bonner e Ken James. Realização de Eric Price.

TV INFANTIL

Este programa, coordenado por Maria do Sameiro Souto, a transmitir cerca das 17 e 5, inclui uma rubrica apresentada por Maria de Fátima Leal.

«O quarto das provas», da autoria de Luísa Helena, é o título da história narrada por Rui de Carvalho e ilustrada por Romeu Costa.

O HOMEM NO ESPAÇO

Foca-se hoje no programa «O Homem no Espaço» a parte mais importante de todo e qualquer programa espacial: o homem, na sua preparação, o seu comportamento e a sua tolerância perante as missões para que pode ser chamado a cumprir em pleno espaço.

REPORTAGEM DO EXTERIOR

A transmissão directa do exterior que a R. T. P. efectua a partir das 22 e 35, tem momentos de entusiasmo e emoção.

«A CAMINHO DO OESTE»

Ben Pride passa por uma terra miserável e reconhece o ajudante de xerife Divy Peters, Johnson Dave, um bandido que pertencera a

uma quadrilha que aterrorizou o Kansas.

É este o tema do episódio que a R. T. P. exhibe pelas

23 e 35, com Barry Sullivan, Glenn Corbett e Brenda Scott nos principais papéis. David Lowell Rich é o realizador.

canal da crítica

«A POESIA É CONTAGIOSA» (ÉLUARD)

TUDO O QUE ESTÁ VIVO É CONTAGIOSO

A Televisão portuguesa teve ontem uma excelente ideia: ofereceu-nos uma dose de António Vitorino de Almeida. Não foi uma dose reforçada. Esperamos mais, muito mais de Vitorino de Almeida. Esperamos uma obra de maior fôlego através da Televisão, obra de sementeira do amor da música, mais do que de sabedoria da música. Esperemos que ela venha, um dia. Esperemos que se cumpra aquela promessa de comunicação com o público a que pudemos assistir através do «Zip-Zip».

Certo é que Vitorino de Almeida não esteve ontem nos seus melhores momentos talvez por duas razões: por ter escrito a sua apresentação, pelo menos em parte, e por usar como que a medo o seu poder de improvisação. Cada qual terá o seu método.

Poderá acontecer que a falha dele seja o método de António Vitorino de Almeida. Então terá de usá-lo levando-o às últimas consequências. Há que abrir a este conversador de raça um largo crédito. Corre-lhe a vocação televisiva nas veias. Porque, ainda mesmo que

nada nos diga da música (como aconteceu ontem) é sempre de música que estará a falar (como ontem aconteceu). Sua presença é contagiosa. Repare-se: fala connosco, não disserta. Ao ouvi-lo, não apetece comentar «vide enciclopédia», página tal...

Aliás, tudo ontem foi de boa qualidade. A sonata de Beethoven é das que, pela sua genial simplicidade, atingem, vão ao encontro do maior número de pessoas; a interpretação de Karl Engel foi das coisas mais sérias que a televisão nos tem proporcionado. Karl Engel recusou todo o efeito, todo o

recurso aos rodiguinhos, foi de uma ascética, quase religiosa, sobriedade. Não lutou com o plano, ali. A luta foi antes. Ali eram as pazes, o perfeito entendimento, Cavaleiro e cavalo um corpo só.

As comemorações do bicenténario de Beethoven tiveram ontem um recital condigno, com a particularidade de se lhe ter dado a honra do melhor local no horário. Muito bem. A consideração que publicamente se manifesta por alguém ou alguma coisa inclui na sua aceitação, na sua integração. E porque é que o sacrifício do sono ou do repouso há-de atingir as mais das vezes quem joga na qualidade — e não nos doutores Welby e Kiley?

DR. WELBY: FLUIDO NÃO CURA MENISCO

Foi mais uma abstracção. Calma: não estou a defender

(Continua na pág. seguinte)

VARIEDADES: WILSON SIMONAI

Quem não viu no I Programa pode assistir hoje, no II Programa, pelas 22 e 30, à transmissão da rubrica de variedades com Wilson Simonai e a sua orquestra.

Este programa foi transmitido na Rede Nacional em 7 de Março deste ano.



Imagem colhida numa transmissão de Antree

EUROVISÃO: CORRIDA DE CAVALOS

A partir das 16 e 25, a famosa corrida de cavalos R. T. P., através da Rede «Steeple-Chase» que se reade Eurovisão, transmitirá a liza em Antree.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 16 e 30: Eurovisão — «Grand National»; 17: TV Infantil; 17 e 30: Movimento e Saúde; 17 e 40: Conquista do Espaço; 18 e 30: Teledesperto; 19: Nos bastidores da aventura; 19 e 30: Telemundo; 19 e 45: «Skippy»; 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telemundo; 22 e 30: Reportagem do Exterior; 23 e 30: Série do Oeste; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telemundo; 22 e 30: Variedades; 23 e 30: Fecho.

AMANHÃ — I Programa — As 12 e 30: Abertura e Missa de domingo; 18 e 10: Dia do Senhor; 18 e 30: Música e Artistas; 18 e 50: Dakari — A Intrusa; 15: Telemundo; 15 e 10: Desenhos animados; 15 e 35: Torre de Cinema — «A Barreira» (La Barrière); 17: Ginástica Infantil; 17 e 30: Domingo Desportivo; 17 e 45: TV Infantil; 18 e 30: Folclore; 19: TV Rural; 19 e 30: Telemundo; 19 e 45: Expedição; 20 e 15: Notícia do Espectáculo; 20 e 45: Se bem me lembro; 21: Angola 70; 21 e 30: Telemundo; 22: «Os Cavaleiros do Céu» (Les Chevaliers du Ciel); 22 e 30: Variedades, com Samantha Jones, Octopus, Golden Gate Quarter, Dany Rock's, Tuca, Ballet de Fernando Lima e Maria Valejo. Realização de Rui Ferrão; 22 e 30: Domingo desportivo; 23 e 50: Marcha do Mundo; 23 e 55: Fecho.

II Programa — 21 e 30: Telemundo. Inclui o Boletim Meteorológico (simultaneamente com o I Programa); 22: Fados, com Fernando Maria; 22 e 30: Missão Impossível, «O Abrigo» («The Bunkers»); 23 e 15: Concerto; 23 e 35: Fecho.

TUDOR

pilhas para iluminação

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Notícias — Fim-de-semana; 18 e 16: Música de filmes; 18 e 15: Missão Infância; por Maria Madalena Patacho; 18 e 45: Vede-las «Pop»; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 10.º Episódio do Folhetim «Flor de Nazaré»; 21: Revista da Semana; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: 2.º parte de um Serão para Trabalhadores, realizado no Liceu Comões; 22 e 30: Tempo Literário: Poesia, Música e Sonho, por Miguel Trigueiros; 22 e 30: Música ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16 e 5: O maestro Lorin Maazel à frente da Orquestra Filarmónica de Viena: Monte e Transfiguração, poema sinfónico, op. 24 (Strauss) e Sinfonia n.º 1, em sol menor op. 13 (Tchaikovsky); 17 e 12: Selecção da Ópera «Metastaseis» (Boito) Cora e Orquestra da Ópera de Roma, sob a direcção de Silvio Varviso; 18: Espelino de Mil Faces, por António Manuel Couto Viana; 18 e 20: O pianista Claudio Perlmutter, na execução de obras de Ravel; 18 e 30: Transmissão do Tivoli do 12.º Concerto promovido pela Emission Nacional, com a participação da Academia de Instrumentistas da Emission, dirigida pela maestrina e flautista, Elaine Shaffer; 20 e 30: Música de arco — Obras de Wieniawski; Lenda op. 17, pelo violinista David Oistrakh, ao piano Vladimir Yampolski; 21: Audição integral das sonatas para piano e violão de Beethoven, por Nina Marques Pereira e Jacques Hartog, organizado pela Câmara Municipal de Lisboa e realizado no Palácio

Galeiras, em Lisboa; 21 e 45: J. Gato pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Música Coral Sinfónica; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — As 23: Mafias, a pintura — Excentos da ópera mística de Hindemith; 0 e 10: Sonata em sol menor op. 65, para violoncelo e piano (Chopin); Paul Tortelier, violoncelo; Aldo Ciccolini, piano; 0 e 36: Quinteto n.º 3, em mi menor, op. 50 (Boccherini) Intérpretes: Fritz Worsching, viola d'archado; Rodolfo Feliciani e Wolfgang Neiningner, violinos; Marianne Majer, viola; August Wenzinger, violoncelo; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Programa especial do XX aniversário de R. N.; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — As 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Canções alegres; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Rabbialoc; 19 e 30: Teatro Trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20 e 15: Orquestras famosas; 20 e 24: Rubrica TAP; 20 e 30: Vozes que são êxito; 21 e 3: Rádio Placard; 21 e 15: Música tradicional e paleta religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande Roda; 0 e 2: «P. B.X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 5: Talismã

Modelação de frequência — 97,4 mc/s — 16: Da Phillips para si; 16 e 15: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa da G6-G6; 0 e 2: Em órbita — dois; 1 e 3: Banda sonora; 2.º Perspectiva; 3 e 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 4: Programa C. D. C.; 18: Depois do

Já; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Confrontos; 19 e 3: Mafias; 19 e 20: Rabbialoc; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte do dia; 21 e 2: O Ritmo e a Melodia; 21 e 15: Minuto 15; 21 e 45: Hora Luterana; 22 e 2: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O Mundo de amanhã; 22 e 30: Camoel-3; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1026 kc/s — As 16: Rádio-nama; 18 e 5: Programa Sumol; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página; 20 e 55: Meditando; 21: Música e canções para o fim-de-semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Noite e Ritmo; 22 e 45: Música variada; 23 e 28: Hora; 0: Tempo Zip; 3: Estação de rádio na madrugada e fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 das 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 10 às 12 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 12 às 14 e 30

ESTUDANTES!

**3.º CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO**

CISNE

RECEPÇÃO: ATÉ 15 DE ABRIL

PROPRIOGRADA ATÉ 15 DE ABRIL

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

a «doutora» Mezolaki, a tal que tudo curava fazendo agir os «fluidos vitais», pela «res-tauração do poder magnético», pela «percepção extra-sensorial» e outros palavrões quejandos. Foi uma aldrabice, quer dizer: não houve jogo limpo.

Não houve jogo limpo, por-que.

1. — A tal Mezolaki acaba por ser desmascarada como um turbilhão de complexos. Julgava que tivera meningite quando jovem, mas o que ela tivera fora medo, pura e simplesmente: medo. Um suíço, depois seu marido, «curou-a» por obra mental, e ela passou a utilizar o processo a torto e a direito.

2. — A torto e a direito. Aqui se encontra não apenas uma negação da ciência, como uma negação do bom-sen-

so. Pretender curar, por men-talização, o que não depende do «sistema eléctrico» é obra de louco, não de alguém, como a Mezolaki, que fora uma brilhante aluna de medicina. Demorasse a fita um pouco mais, ou alargasse um pouco mais a actividade da Mezo-laki — e vê-la-famos, decerto, a curar manetas e pernetas pelo processo dos «fluidos mentais», cura que até hoje nenhuns prodígios humanos ou extra-humanos conseguiram, a não ser pela via ortopédica. Não me consta, até hoje, que a perna de pau seja um fluido magnético...

Trata-se de um assunto de-masiado sério para ser tratado com tanta levandade. De qualquer modo, os nossos atletas ficaram a saber que, para tratamento do menisco, não devem consultar a dou-tora Mesolaki. De qualquer modo, ficamos a saber que «o

basquetebol é o melhor de todos os jogos». Será exagero? Talvez. Mas se o exagero é o sal da vida, porque não devia sê-lo do «Dr. Welby», ensosso que eu sei lá!

MÁRIO CASTRIM

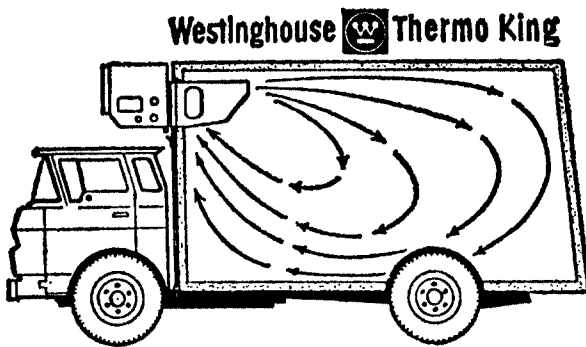
Revista «Infância e Juventude»

Foi agora distribuído e posto à venda o n.º 60 da revista «Infância e Juventude», órgão da Federação Nacional das Instituições de Protecção à Infância, dirigida e administrada pela Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores.



Refrigeração

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:



Para melhor conservação dos alimentos transportados

ESCRITÓRIO-EXPOSIÇÃO E VENDAS

LARGO DE SANTOS, 4-A

LISBOA-2

TELEF: P.P.C. 66 10 44 - 66 51 17 - 66 23 34

GABINETE TÉCNICO E OFICINAS

18, JARDIM 9 DE ABRIL, 20

LISBOA-3

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV



**MARIE VICTORINE
VAN GOOL BENOIT**

Francine Benoit participa o falecimento de sua mãe, também conhecida por Madame Paul Benoit, no dia 28 do mês de Março p. p. e agradece por este meio a todos os que a quiseram confortar com a sua presença e a sua dedicação.

Em BENAVENTE o «DIA- RIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Portuguesa, 13.

O CÃO «PILOTO»

A menina Maria Dolores, de Vila Nova de Gaia, mandou 50 escudos para o «Piloto». Diz-nos que tem um cão chamado «Preto» e que espera que o «Piloto» «continue a brincar com os rapazes e a ferrar nos homens maus».

Igualmente um «amigo dos animais», de Mafra, nos enviou 20 escudos para o «cão da malta do Socorro».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL

Eu, Fernando Augusto Santos e Castro, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço publico que, tendo em vista o disposto no n.º 4 do artigo 50.º do Código Administrativo e no uso da competência que me confere o artigo 102.º do mesmo Código, resolvi que o arruamento situado no prolongamento da Rua António de Abreu até à Rua D. Cristóvão da Gama e parte da Travessa do Seabra, fiquem integrados na Rua António de Abreu, tomando, consequentemente, esta denominação.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

Paços do Concelho, de Lisboa, em 31 de Março de 1970.

O PRESIDENTE

Fernando Augusto Santos e Castro

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO

E MOBILIZAÇÃO N.º 1

ANÚNCIO

RECRUTAMENTO DE ALUNOS DAS FACULDADES DE MEDICINA COM DESTINO AO QUADRO PERMANENTE DE OFICIAIS MÉDICOS DA FORÇA AÉREA

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 19354, de 18 de Agosto de 1962, está aberto concurso, pelo prazo de 60 dias, contados a partir da publicação do presente anúncio, para a admissão de alunos das Faculdades de Medicina com destino ao preenchimento de vagas no Quadro Permanente de Oficiais Médicos da Força Aérea.

I

São condições de admissão

1. Ter concluído, pelo menos, o terceiro ano das Faculdades de Medicina;
2. Terminar o curso académico antes dos 28 anos de idade, podendo este limite ser ampliado até aos 30 anos de idade, por Despacho do Secretário de Estado da Aeronáutica, no caso de alunos excepcionalmente dotados;
3. Possuir a necessária aptidão física e requisitos gerais para ingresso no Quadro Permanente de Médicos da Força Aérea.

II

Promoções e ingresso no Quadro Permanente

1. Os alunos admitidos frequentam logo que possível, como soldados cadetes um curso de preparação militar, sem prejuízo dos trabalhos escolares, e se, nele aprovados, são promovidos a aspirante a oficiais.
 2. Se dezoito meses depois tiverem terminado com aproveitamento o curso e estágio são promovidos a tenente, ingressando no Quadro Permanente de Médicos da Força Aérea.
 3. Se dezoito meses depois não tiverem terminado o curso e estágio citados são graduados em alferes e, logo que os terminarem com aproveitamento, promovidos a tenente, ingressando no Quadro Permanente de Médicos da Força Aérea.
- a) Constitui encargo da Força Aérea o pagamento das propinas, do diploma, dos livros didácticos e das publicações das lições das cadeiras a frequentar, bem como de outras necessárias ao ensino.

III

Documentação a apresentar

- a) Requerimento, dirigido ao Chefe do Estado-Maior, pedindo para ser admitido ao concurso e do qual deve constar o nome, idade, naturalidade, filiação, estado e morada;
 - b) Certidão de nascimento (de teor);
 - c) Certificado do Registo Criminal e Policial;
 - d) Certificado do ano em que se encontra matriculado, bem como da classificação obtida nos anos anteriores.
- Os interessados devem apresentar os seus requerimentos no Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1 da Força Aérea, Rua Newton, 6, rés-do-chão, em Lisboa, onde serão prestados esclarecimentos.

Lisboa, 25 de Março de 1970

O CHEFE DO CENTRO

Giordano C. Bailey

Major

SENSACIONAL CONCURSO

Vapedrone

Para assinalar a recente inauguração da melhor e mais moderna loja de

electrodomésticos de Lisboa — A «Vapedrone 3»

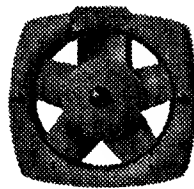
Peça um boletim numa das 3 Lojas Vapedrone, na Rua da Vitória, 54; ou Rua dos Fanqueiros, 17, ou ainda na Av. Almirante Reis, 82-A. Escreva uma quadra utilizando as 2 palavras que estão expostas na montra da Av. Almirante Reis, 82-A, e envie-a para umas das 3 Lojas Vapedrone, até sábado 4 de Abril.

As três melhores quadras serão premiadas respectivamente com:

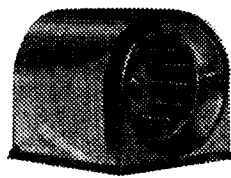
- 1 — GRAVADOR
- 1 — RÁDIO
- 1 — MISTURADOR

PRÉMIOS NATIONAL

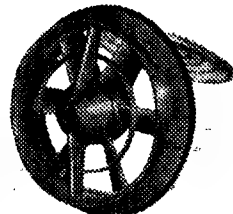
VENTILAÇÃO DOMÉSTICA



HPM-160



CDS-95



HCM-240

Consulte **ELMA, Lda**

Porto
Rua Entreparedes, 60 - Telef. 27842
Lisboa
Rua Martens Ferrão, 30 - Telef. 43248

CARTAZ DOS CINEMAS

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 da tarde e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Anonk Almée, Dirk Bogarde
e Robert Forster
Na famosa versão do romance
de Durrele
JUSTINE

* SÃO JORGE

As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
O melhor filme do ano
O COWBOY
DA MEIA-NOITE
com Dustin Hoffman
e Jou Voight

* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15 e às 21 h.
3.ª SEMANA
O FILME MAIS PREMIADO
DO MUNDO
BEN-HUR
Sensacional reposição
com Charlton Heston e Jack
Hawkins

* EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Tom Tryon, Carolyn Jones
e Rick Jason em
A COR DA MORTE
Frank Bigelow é um homem
morto, mas não descansa en-
quanto não encontrar o seu
assassino!

* CONDES

(M. 17 anos) T. 522523-326710
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
12.ª SEMANA
O filme-choque da temporada
A LIÇÃO PARTICULAR
com Nathalie Delon e Renaud
Verley
COLORIDO

* LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
O extraordinário filme
O SEGREDO DA SANTA
VITÓRIA

* LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21.30
no «écran»-gigante — 70 mm
um fabuloso filme de acção
e aventura!
O OURO
DE MACKENNA
com Gregory Peck e Omar
Sharif

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
— 70 mm —
BEN (Lee Marvin)
e PARDNER (Clint Eastwood)
OS MARIDOS
DE ELIZABETH

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
Finalmente em Lisboa
a obra-prima de
Michelangelo Antonioni
A AVENTURA
com Monica Vitti, Gabriela
Ferzetti e Lea Massari

* ROMA

(Adultos) Tel. 127778
As 15.15, 18.30 e 21.30
Uma história divertida
COMO CASAR
A NOSSA FILHA?
Alberto Sordi, Anita Ekberg,
Bibi Anderson, Silvana Mangano
e Giulietta Masina
TECHNISCOPE-COLOR

* EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15, 18.15 e 21.30
Dois grandes artistas num filme
de acção, realizado por
JEAN HERMAN
Alain Delon e Mireille Darc
em
JEFF

* MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Paul Newman, Joanne Wood-
ward e Robert Wagner num
dos mais românticos e empo-
lgantes filmes da temporada!

* A GRANDE

COMPETIÇÃO
(Panavision — Technicolor)
O grande cartaz da Páscoa
de 1970:

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Uma maliciosa comédia
SERAFINO
com Adriano Celentano
e Ottavia Piccolo

* CHIADO

TERRASSE
(M. 17 anos) As 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
O PERFUME DO DINHEIRO

* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
A vida e as experiências de uma
mulher livre...
com Michele Mercier
e John Mill
AS NOITES QUENTES
DE LADY HAMILTON

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 763889
As 15.45 e 21.45
A vida e as experiências de uma
mulher livre...
com Michele Mercier
e John Mill
AS NOITES QUENTES
DE LADY HAMILTON

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Em vibrante êxito a nova e gran-
diosa versão do famoso romance
de ALEXANDRE DUMAS
MONTE CRISTO 70
com PAUL BARGE, PIERRE BRAS-
SEUS, MICHEL AUCLAIR e ANNY
DUPERIN
EASTMANCOLOR

* ESTUDIO 444

(M. 17 anos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um estranho encontro entre um
homem frustrado e uma rapariga
sem ilusões!
COM A CORDA
NA GARGANTA
com Jean Louis Trintignant

* AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma mulher
selvaticamente ultrajada!

* ENCRUZILHADA

PARA UMA FREIRA
PANAVISION-COLOR
c/ Rosanna Schiaffino
John Richardson

* CASINO

ESTORIL
(M. 17 anos) As 21.30
A FLOR DO CACTO
com Walter Mathan
e Ingrid Bergman

* IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
OS GLORIOSOS
CALHAMBEQUES
CARABINAS INIMIGAS

* VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA de um dos mais
sugestivos filmes da temporada
com Rod Steiger, Claire Bloom
e Judy Geeson
A RAPARIGA
DO AUTO-STOP
—★—
Junto à Av. de Roma

* ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª MES DE SENSACÃO
8.ª SEMANA DE ENCHENTES
COM O FILME PORTUGUES
O DESTINO MARCA
A HORA
com Tony de Matos, Isabel de
Castro, Anabela, Eugénio Sal-
vador, Ivone Silva e Nicolau
Breyner



T 366745
JOSÉ MIGUEL
apresenta a revista
PEGA DE CARAS
com IVONE, TONI,
NICOLAU, F. BAPTISTA,
Oscar Acúrcio, Linda Silva,
Clarisse Belo e Maria Eva,
à frente de um grande elenco.
DOMINGO «MATINÉE»

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 23: «O prato do dia» (17
anos).
LAURA ALVES — As 21 e 45:
«Fonja» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45:
«Pobre milionária» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«As mãos de Abraão Zacut»
(17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A
Celestina» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Relíquia» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23:
«Pega de caras» (17 anos).
VILLARET — As 21 e às 23: «O
vison voador» (17 anos).
VARIEDADES — As 21 e 45: «Quan-
do ela se despiu» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «A fúria de
Jonny Vidal» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «A rapariga
do pistola» (17 anos).
ROYAL — As 21: «Os loucos do
amor» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Capitão
Singrid» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «Ma-
ciste na corte do Gran-Kan»
(12 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Acaba
com ele e volta só» (12 anos).
PARIS — As 21: «O segredo de
St.ª Vitória» (17 anos).
LUMIAR — As 21: «Tempo de
massacre» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «O vingador
mascarado» (12 anos).
IDEAL — As 21: «Os longos dias
da vingança» (17 anos).
CAMPOLIDE — As 21: «Forte bar-
reira» (12 anos).
ORIENTE — As 21: «A Roleta da
morte» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — As 21: «Duelo
no Pacífico» (12 anos).
JARDIM — As 21: «O ós do pedal»
(12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «O
regresso dos 7 magníficos» (17
anos).
S. L. BENFICA — As 21 e 16:
«Cinco anos passados» (17 anos).
na Banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 16: «Muito para viver, pouco
para morrer» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-
-COPACABANA — As 21: «Co-

missão Santo António» e «No-
va lanche chama Supendragão»
(17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — As 21:
«Barbarella» e «Dingak» (12
anos).
CINE-BARRIEIRENSE — F. B. I.
contra a Mafia» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO AR-
TÍSTICA — As 21 e 15: «Dúplas
do Crime» e «Ladrão de Casa-
ca» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Onde está o Jack?» (17
anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL
— As 21: «O Visconde não per-
doa» e «Louca Juventude» (12
anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «7 mu-
lheres para os MacGregor» (12
anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «Sheriff precisa-se» e
«Ritmo atômico» (12 anos).
CACEM — CINEMA S. JOÃO —
As 21: «Comissário X-3 ponte-
nas azuis» e «Uma Pistola para
Ringo» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY
— As 21 e 30: «A Máscara do
demonio» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 15: «Sinfonia para um
inimigo» (17 anos).

de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e
30: «Um muro em Jerusalém» (12
anos).
OBRAS — OBRAS-CINE — As
21: «Milly, uma rapariga mo-
derna» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 21 e
30: «A Flor do Cacto» (17
anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «O Jogo sujo» (17 anos).

* poplado

BOITE (3 estrelas)
M/17
RESTAURANTE
Preços normais
até às 22 h.
BAR — 17 às 21 h.
Rua Ferreira Lapa, 38-D
Encerrados aos domingos

FARMÁCIAS
DE SERVIÇO

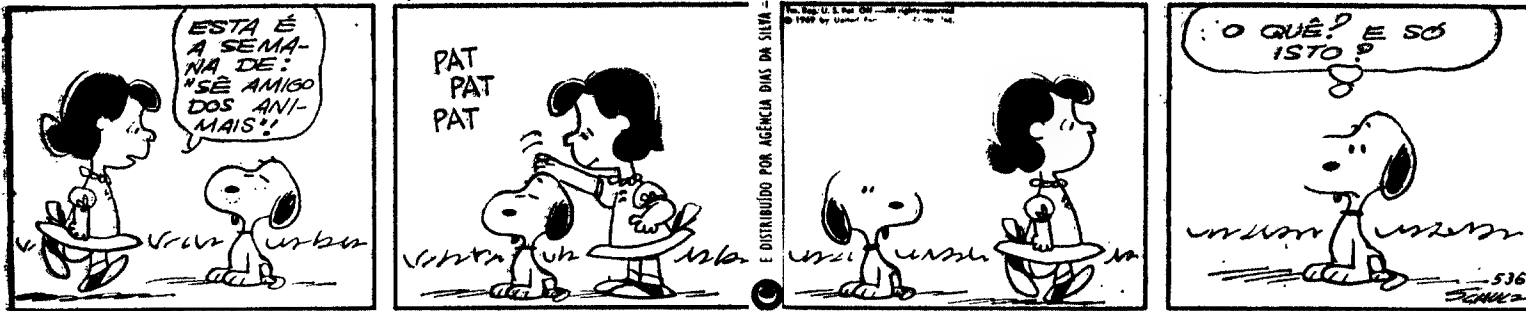
Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. da Me-
mória, 55 (630944) * Biotifar,
Rua D. João de Castro, 27-B
(638824).
ALCANTARA — Baileira, R. Prior
do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança,
Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av. do Igreja,
9-D (711780) * Roma, Av. de
Roma, 85-B (772466) * S. João
de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B
(72540).
AMOREIRAS — Britânia, Trav. Lé-
gua da Póvoa, 5-B (689250).
AREIRO — Garantia, Av. Padre
Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B
(727300) * Imperial, Av. Guer-
ra Junqueira, 30-B (726860).
AVENIDAS NOVAS — Alcantara,
Av. da Repub., 14-A (771379).
* Vale, Av. Marquês de Tamar,
45-49 (773043) * Dalva, Av.
Duque de Aveiro, 25 (45225) *
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião
da Pedreira, -9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNÇÃO —
Ascenso, R. 27 n.º 4 (311216).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José,
87 (326476) * Azevedo, Fi-
lho, Pr. de D. Pedro IV 3 (327478).
BENFICA — União, Est. de Ben-
fica, 592-594 (700092) * Ale-
gria, Est. de Benfica, 80-A-B
(78051).
CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R.
de Infância, 6, 98-B (688807).
* União, R. Saraiva de Carva-
lho, 9 (663643).
CAMPOLIDE — Solutor, Rua B.
75-A-B Bairro da Liberdade
(683694) * Pinto, R. de Cam-
polide, 1 (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Mar-
tins, Rua Sousa Martins, 25
(553468).
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av.
Infante Santo, 66-B (666971).
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Es-
tefânia, 9 (45578).
GRACA — Ziller, R. de S. Tomé,
54-56 (862835).
LUMIAR — Central do Lumiar, R.
do Lumiar, 77 (790480) * Dou-
ro, Alam. das Linhas de Torres,
93-A-B (791181).
MADRAGOA — Eduardo A. César,
R. dos Trilhos, 02 (662631).
OLIVAS — Olivais, R. Alves Gar-
cia, 9 (31237).
PENHA DE FRANÇA — Central da
Penha, Rua Penha de França,
58-60 (849245) * Vitalis, Rua
Morais Soares, 66-A (843011).

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João

do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista, Rua Francisco
Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Carreira de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(636625).
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço dos Negros, 15 (679961).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (38136) * Banha, Est.
de Chelas, 173-175 (38224) *
Frazão, R. da Cruz de St.ª Apo-
lónia, 90-92 (84709).
PALHAVA — Cento, Est. das La-
rjeiras, 202-B (780841).
CASCALIS — Luzmar, Rua João
do Nascimento Costa, 16-A
(728395-970703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da
Escola Politécnica 59 (326750).
REGO — Baptista

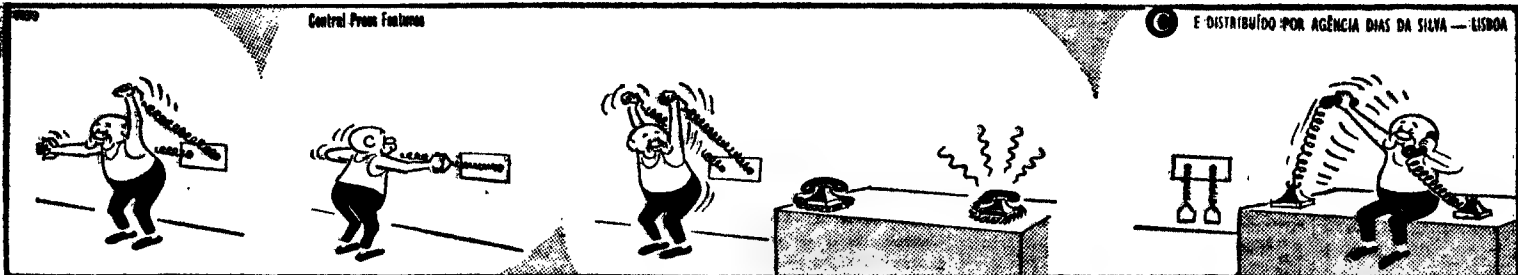
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Abril de 1940 publicava:

«BERLIM, 4 — Foram castigadas 17 pessoas por não terem entregue nos locais próprios as quantidades de sucata que tinham em seu poder. Em toda a capital alemã procede-se com a maior rapidez à recolha de todos os metais velhos. Nas últimas 48 horas foram recolhidas enormes quantidades de sucata, tendo o marechal Goering manifestado a sua satisfação por este facto.»

SINDICATO NACIONAL DOS PINTORES DA CONSTRUÇÃO NAVAL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCAÇÃO Assembleia Geral

Convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão ordinária, no próximo dia 5 de Abril, pelas 9.30 horas, na Travessa da Ribeira Nova, n.º 26-1, com a seguinte:

ORDEN DE TRABALHOS

- 1.º Apreciação e aprovação do relatório e contas do exercício do ano de 1969.
- 2.º Apreciação das condições em que se encontra a última fase das negociações do novo Contrato Colectivo de Trabalho.

Se à hora marcada não houver número legal de associados (um terço) decorrida uma hora a Assembleia funcionará com qualquer número.

O Presidente da Mesa
a) JOSÉ LUIS TAVARES
PINTO

PIANOS E DE CAUDA VERTICAIS ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova de Almeida, 99 — LISBOA

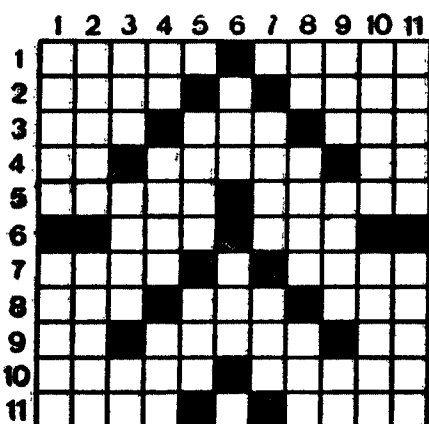
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 5495

HORIZONTAIS: 1 — Consanguinidade. Pega 2 — Recua. Notícia. 3 — Transpira. Possui. Oásis. 4 — Deus dos pastores. Significava. Prato (s. a.). 5 — Plantio de amieiros. Retes. 6 — Vazio. Isolado. 7 — Carbonato de sódio. Tarefa. 8 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Rio da Suíça. Entre. 9 — Preparação. Tiras de fígado temperadas e fritas. Vê 10 — Encolizada. Imagina. 11 — Ilha situada no Pequeno Belt. Ligar.

VERTICAIS: 1 — Carapa. Higiénica. 2 — Esmonem. Realiza. 3 — Antéria. Cobre de jade. Atmosfera. 4 — Em a. Fêmea do bai. Passado. 5 — Caulis. Pega. 6 — Docuna. Palavra gótica que significa filha e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 7 — Dás mios. Freguesia do concelho de Penafiel. 8 — Prefixo de negação. Patrões. Nome dum astro. 9 — Distrito da Índia Portuguesa. Costumes. Níquel (s. a.). 10 — Aprontar. Mulher de idade avançada. 11 — Variedade de uva. Assorear.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5494

HORIZONTAIS: 1 — Clamoi. Elias. 2 — O. CIUME. Inó. 3 — Ri. Ana. Anda. 4 — TEM. Airas. 5 — Anos. Amue. 6 — Atordoa. Re. 7 — Aliar. Ce. 8 — LV. Ama. Lapa. 9 — Has. Salas. 10 — Oriá. Demora. 11 — Sacode. Aros.

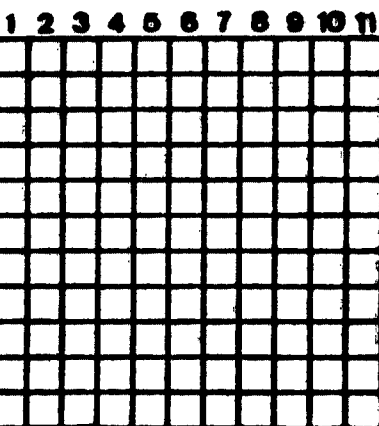
VERTICAIS: 1 — Corta OLHOS. 2 — Iena. Vora. 3 — AC. Mota. Sic. 4 — Mia. Sola. Ao. 5 — Aura. Rimo. 6 — Imá. Adão. DE. 7 — Amor. Se. 8 — Anuá. Lama. 9 — LINCE. Calar. 10 — Arda. Repara. 11 — Soasse. Asas.

Provérbio: O CIUME TEM OLHOS DE LINCE.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9338

HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede de concelho (Santarém). Apelido. 2 — Encadeava. 3 — Olá. Esteiro. 4 — Seguros. 5 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Corda de reboque. Viração. 6 — Reles. Contra. 7 — Troça. Filtra. Quarto. 8 — Alounas. 9 — Pega. Conjunção. 10 — Humilharam. 11 — Lavrais. Acarinho.

VERTICAIS: 1 — Ruim. Freguesia do concelho de Amares. Oferece. 2 — Ferro temperado. Tombo. Prefixo que designa ar. 3 — Pega. Tosta. 4 — Lavrem. Ladrei. 5 — Sufixo que designa estado. Acometa. Reis. 6 — Engano. Metal precioso de cor amarela. 7 — Rado (s. a.). Nivelar. Em a. 8 — Tenebrosa. Gostam muito de. 9 — Em mais alto grau. Xaite das mulheres índias e pareses. 10 — Ovário dos peixes. Apelido. Figura que simboliza o povo americano. 11 — Apelido. Planta que serve para forragem. Pedra de moirino.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9337

HORIZONTAIS: 1 — Rande. Afina. 2 — Omar. Ode. 3 — Nós. Tia. Age. 4 — Cr. Aroma. Al. 5 — Amela. Ataca. 6 — Aram. Rota. 7 — Apa. Ela. 8 — Ir. Asilo. Oá. 9 — Dos. Sia. Anu. 10 — Raspe. Datar. 11 — Assam. Onara.

VERTICAIS: 1 — Ronca. Sidra. 2 — Amorna. Roas. 3 — Nas. Era. SSS. 4 — Dr. Alapa. Pá. 5 — Tramasse. 6 — Pio. 11. 7 — Amarelado. 8 — Fo. Atalo. Ar. 9 — Ida. Ala. Ata. 10 — Negaca. Orar. 11 — Areia. Moura.

PASSAPORTES?

paneuropa
Rua Braamcamp, 11 - C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

SINTRA ESPERA-0 NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Sociedade «ESTORIL»

SERVÍÇO ESPECIAL PARA

O ESTÁDIO NACIONAL BENFICA-BARREIRENSE em Futebol
5 de ABRIL de 1970

Partidas de Cas do Sodré, das 14-27 às 15-53 h., e da estação do Estádio desde o fim do encontro

Os comboios n.ºs 2226, 2228 e 2230, que partem de Cascais, respectivamente, às 14-26, 14-56 e 15-26 têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.



PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«AMBOIM»
a sair em 9 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LOBITO, LUANDA e CABINDA. Carrega até 7 de Abril.

«LUGELA»
a sair em 9 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 7 de Abril.

«LOBITO»
a sair em 14 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 8 a 12 de Abril.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 20 de Abril às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PORTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

A M O S C A 52

NOTA DE ABERTURA

«A MOSCA» celebra, com este número, o seu primeiro aniversário. Não pode dizer-se que um ano conte muito na vida duma pessoa, mas na vida dum Suplemento, é já qualquer coisa. O facto de termos dedicado este número de «aniversário» às diversas frustrações e complexos que impedem o homem de se ajustar plenamente à vida, porém, revela que este ano de existência não afectou o espírito dos colaboradores deste Suplemento do «Diário de Lisboa»: «A MOSCA» continua jovem. É que, falando com toda a franqueza, sentimo-nos frustrados: «A MOSCA» não nos satisfaz — não tem o sentido crítico nem a graça que lhe desejaríamos imprimir. Números há que gostaríamos de esquecer e se olhamos com satisfação para alguns em que nos aproximámos do que pretendemos, essa satisfação é incompleta porque não conseguimos esquecer os outros. A culpa não é inteiramente nossa, mas não queremos alegar este facto em nossa defesa — não queremos, por outras palavras, confundir-nos com os que dizem que nada ~~podem~~ porque nada lhes é permitido fazer. A um toureiro medíocre que um dia justificava os seus fracassos permanentes dizendo: «Vocês sabem como os touros são». Respondeu Manoleto: «Pois é, mas apesar disso há quem toureie bem»...

Sabemos
melhorar consideravelmente «A MOSCA» e fazemos ~~tenção~~
de o fazer.

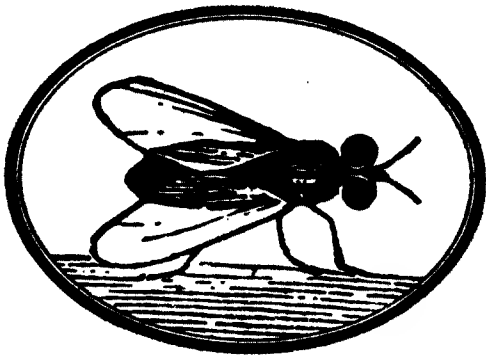
Como e quando? Se os mosqueteiros lerem com atenção o resultado da primeira «Mesa-quadrada» que levamos a cabo sobre a renovação interna de «A MOSCA», ficarão a fazer uma ideia dos problemas que temos de enfrentar e das nossas intenções. Gostaríamos de ~~saber~~ o que os leitores pensam sobre as diversas secções permanentes de «A MOSCA», até para começarmos a substituir as que se revele terem menos interesse por outras de maior interesse. Leremos com a maior atenção todas as cartas que nos chegarem às mãos ~~propondo~~ propondo modificações.

O número de hoje é, como já se disse, dedicado às frustrações e aos diversos complexos que perseguem o homem de hoje. A Guidinha lá porquê não sabemos e se calhar ela também não sim porque ela tem a mania de que sabe tudo mas não sabe não conseguiu arranjar um complexo para este número mas promete-nos um para o próximo o que é animador para quem gosta de complexos e para quem acha graça às infernais redacções desta infernal Guidinha que nunca vem a esta redacção que não deixe bolas de pastilha elástica coladas às cadeiras. «A Melga» continua a melgar no prato e no mundo, como é seu costume, para maior glória da boa cozinha e para o desespero dos donos dos restaurantes.

Promete-nos o responsável pela «MELGA NO PRATO» uma surpresa para o próximo número e nós cá a esperamos. De qualquer forma esta secção vem renovada ~~pelo~~ pelo menos gráficamente, na medida em que começa a incluir ilustrações. «A VAREJEIRA», depois duma longa ausência, volta



SUMÁRIO



Bicaram (escrever com «Bic») Luis de STTAU MONTEIRO (que fez anos), Pedro ALVIM, Conceição GOMES da SILVA, Mário ZAMBUJAL, Amadeu LOPES SABINO, R. NOBRE de MELO, João PAULO GUERRA, Carlos FERREIRO & outros & outros & outros...

Leiam, leitores, leiam tudo quanto estes jovens escreveram. E porquê? Porque escreveram com alegria, com amor, com gritos, com descoberta (um tanto encoberta) e com sal do bom. E ainda, leitores, porque a vida são dois dias, embora a semana tenha sete!

Sujaram as mãos nos chumbos: SERENO, AMADEU, ARNALDO, VICENTE, GONÇALVES e RICARDO.

A Revisão esteve a pau.
Ti FILIPE esperou.

CRUZ não falhou uma.
Ti SOARES contou (que paciência!) os exemplares.
E pronto.

EMPRESA EDITORA

de Lisboa, procura colaboradora que reúna os seguintes requisitos: conhecimentos de línguas, prática de dactilografia, facilidade de redacção e gosto por assuntos literários. Indicar na resposta idade, habilitações e vencimento pretendido.

Resposta a este Jornal ao n.º 471.

obras de
JOSÉ GOMES FERREIRA

ACABA DE SAIR

IMITAÇÃO DOS DIAS

2.ª EDIÇÃO



OBRAS:

POESIA-I. 4.ª ed. • POESIA-II. 3.ª ed. • POESIA-III. 3.ª ed. • A MEMÓRIA DAS PALAVRAS. 2.ª ed. • IMITAÇÃO DOS DIAS. 2.ª ed. • AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JOÃO SEM MEDO (romance) • O MUNDO DOS OUTROS (histórias e vagabundagens). 3.ª ed. • TEMPO ESCANDINAVO (contos).

IMITAÇÃO DOS DIAS

«Pela forma excepcional como maneja um estilo que é dos mais rigorosamente pessoais de toda a nossa história literária (...) é Imitação dos Dias uma obra única. Porque mostra há-de esta obra ter menos fama que os Cahiers de Camus?»

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

TEMPO ESCANDINAVO

«... uma longa narrativa de solidão e amor efêmero estilhada em nove episódios passados na Noruega e totalmente inventados para serem mais reais e verdadeiros...»

PORTUGÁLIA EDITORA

Av. da Liberdade, 13-3.ª LISBOA



NOTA DE ABERTURA

às páginas de «A MOSCA» na firme intenção de continuar mas, como é geralmente sabido, «de boas intenções anda o inferno cheio...» Se apesar desta informação escrita no princípio da semana, «A VAREJEIRA» não figurar neste número, os mosqueteiros ficam a saber, desde já, que foi para o inferno...

Pedro Alvim, um «fixe» de «A MOSCA» desde a primeira hora, dá a este número uma nota que não se pode classificar de surrealista, mas que também se não pode classificar de realista. Mário Zambujal ri-se dos complexos e das frustrações alheias, isto é, ri-se do leitor, mas com jeitinho e com ternura. O «POPularucho», que fez gazeta a semana passada por motivos alheios á vontade do autor, faz POP! Pop! Pop! nas cabeças dos nossos «entertainers» musicais. Amadeu Lopes Sabino cincopontifica, como é seu hábito, para os mosqueteiros mais inteligentes (os outros querem lá saber...).

Aparecem, ainda, neste número, algumas reportagens de interesse e o 5.º episódio do folhetim «AS FILHAS DA VISCONDESSA». Para terminar, uma notícia importante: o número 54 de «A MOSCA» vai ser inteiramente dedicado à cidade do Porto para onde segue, em breve, a equipa incumbida desta aventura nortenha. Damos esta notícia com uma certa tristeza porque simpatizamos muito com essa cidade.

«A MOSCA»

TELEVISORES

APROVEITE A CAMPANHA DE TROCAS

O SEU TELEVISOR USADO VALE DE

1.500\$00 A 5.000\$00 (MESMO AVARIADO)

SE O TROCAR NA JOVICA TEM 2 ANOS DE GARANTIA

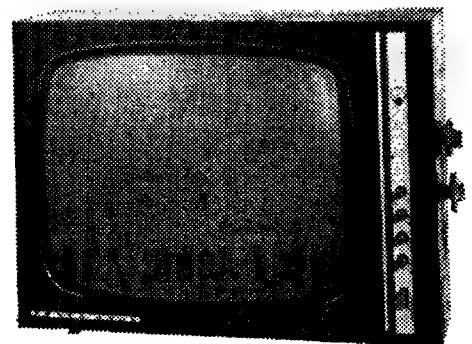
OFERTA DA ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS DESDE 99\$00 MENSAIS —

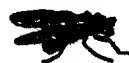
SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

Sede: Av. 5 de Outubro, 53-C.—LISBOA—Tels. 47769-535010

Filiais: CAGEM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA





Aventura no Asfalto

DÓCIL: e eu, ali, no preto e no branco. Maravilhado no dorso de um animal esmagado no asfalto. Maravilhado e parvo.

Tiro a gravata (que não uso) e lanço-a ao pescoço do animal quieto.

Vem um polícia e diz:

«Que faz o senhor aqui?»

«Quero este animal no meu jardim.»

Sou preso. Sou preso e vou a julgamento. Vou a julgamento com olhos inocentes, mãos pousadas nos joelhos, sobranceiras nas tábuas do soalho.

«É verdade que o senhor queria levar o animal para casa?» — pergunta-me o juiz.

«É verdade» — respondo.

«Mas isso prejudica a comunidade...»

«Talvez. Mas não posso negar que desejava o animal lá em casa...»

Sou condenado. Ouço a sentença de pé, os meus olhos nos olhos do juiz: durante um ano ficarei reduzido a uma superfície de poucos metros. Vergo a cabeça.

Quando saio da prisão, corro logo ao local do crime: o animal ainda lá está. Ainda ninguém o levou para casa. A comunidade, em suma, foi respeitada ao longo de quatro estações.

Novamente, com a gravata (que não uso), tento laçar o belíssimo animal. Ele, quieto como sempre, admite as manobras do meu pulso. Vou-me escapando deste e daquele carro, agora duma bicicleta, também duma camioneta. E o dorso preto e branco fica cada vez mais estampado no asfalto. Todos os meus esforços resultam vãos e a gravata (que não uso) está prestes a romper-se. Rompeu-se agora mesmo — e eu, no preto e branco, de rastos, à espera do atropelamento, tenho o supremo grito de um amor impossível:

«Ó zebra! Ó zebra! Ó zebra!»



O MUNDO OFF

por PEDRO ALVIM

O Cavalo Branco

ERA um esplêndido cavalo branco. Árabe. Tão árabe e orgulhoso que exigiu uma tenda para viver. Admiti o capricho e fechei os ouvidos aos murmúrios dos vizinhos.

Só em torrões de açúcar gastava eu quinhentos escudos por mês. Bastante dinheiro, confesso, mas que alegria não afogava o meu coração ao ver o cavalo satisfeito, doce e aprumado!

Aconteceu, porém, que um tio velho que eu tinha caíu de cama com uma pneumonia. Homem abandonado numa rua estreita de Lisboa, aí se vê o sobrinho no amor-obrigação de socorrê-lo: injeções, antibióticos, xaropes. Muito mais, ao mês, do que quinhentos escudos...

Entre o cavalo e o tio — vendi o cavalo. E nessa noite, em que fiquei sem cavalo para sempre, afoguei a mágoa numa garrafa de «whisky».

«Que tens, meu rapaz?»

«White Horse, tiozinho!»



Morte no Piano

DE tecla em tecla, no preto e no branco, a pulga exultava na música alegre.

Breve a mataram — e a unha fez RÉ.

Pic! sem dó.

Modess

MARCA DE FÁBRICA

AGORA MAIOR

Proteção Azul**

ANTERIOR



NOVO



** Uma fina camada plástica que o torna completamente impermeável

Johnson & Johnson
QUELUZ DE BAIXO (1970)



ria-se do dia 8!

Seja o seu próprio senhorio. Julga que é difícil?

É porque ainda não consultou a Siturco.

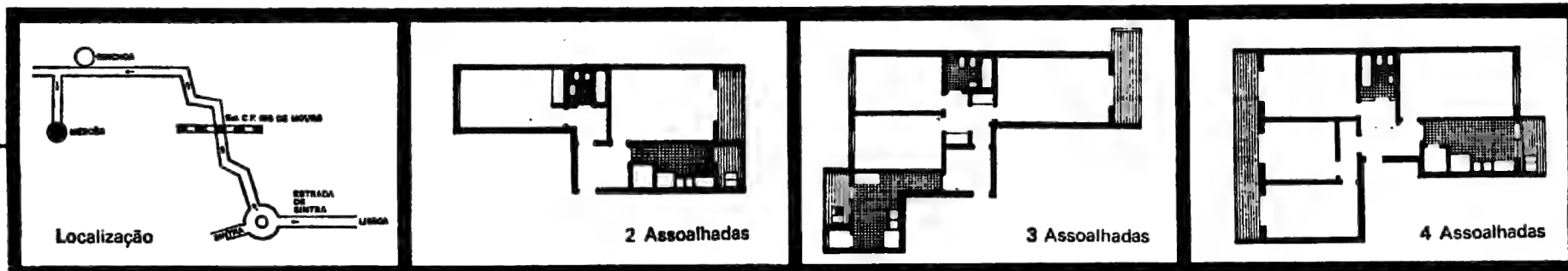
Por 170 000\$00 já pode tornar-se proprietário dum magnífico apartamento situado numa zona privilegiada a dois passos de Lisboa.

Mais: pode pagá-lo em prestações suaves — tão suaves como as do seu automóvel.

Há, porém, uma pequena diferença: um automóvel desvaloriza-se e os apartamentos das Mercês, estão destinados a valorizar-se.

A ocasião é única — aproveite-a.

Veja os apartamentos tipo, mobilados por OLAI O e decida-se.



SITURCO*

R. DO SOL AO RATO, 104, 2.º D. — LISBOA Telefones: 68 12 28 • 68 09 59 • 68 22 54

* Incluída no grupo de EMPRESAS SÉPULCHRE

ANTOLOGIA DE «A MOSCA»—2

De quantas, e quaes cousas devemos fugir, para que não caiamos no vicio deshonesto.

PARA que nosso coração se prenda no visco da paixão do amor deshonesto, devemos fugir de muitas cousas. A primeira, e principal he, fugir daquelas pessoas, que nos ameaçam evidente perigo. A segunda he, fugir tambem das outras, o mais que puder ser. A terceira he, fugir das visitas, dos recados, dos presentes, e das amizades, (ainda que sejam das que chamamos de cumprimento, e urbanidade) porque estas mais facilmente se podem tornar em amizades estreitas, e illicitas, do que as illicitas tornarem-se honestas.

A quarta he: fugir de fallar, e conversar nesta paixão, das musicas, dos romances, e poesias que trarão della, de livros profanos, e que não trarão de bons costumes.

A quinta (de poucos conhecida e menos praticada) he fugir universalmente de todo o deleite, e gosto que se tem, e põe nas creaturas: como nos vestidos de grande preço, e não necessarios; em varias, e muitas cousas de galanteria, e curiosidade, que nos gabinetes, e salas se tem só por vangloria, e inutil apparato; das comidas, e bebidas, que se podem escusar, e se tomão só por

regalo, e appetite; e finalmente de todas aquellas cousas, pequenas, ou grandes, que precisamente se não necessitão; porque ainda que o deleite em todas estas cousas de ordinario seja licito (por não se conter nelle offensas de Deos) todavia com elle se costuma o coração do homem a querer o seu gosto, e a ter em todo o tempo do desejo do que o deleita: donde lhe succede, que offerecendo-se depois o deleite deshonesto (que de sua natureza he efficaz, e por consequencia facil a ferir, e a penetrar o mais interior do coração) difficilmente acha o caminho de largallo, e mortificar-se nelle, por não ter praticado a mortificação dos deleites nas demais materias. O que pelo contrario succede aos corações costumados a fugir de todos os deleites, ainda que licitos; porque a estes quando se lhes offerecerem os illicitos, e deshonestos, do nome só delles fogem com grande facilidade.

CAPITULO XXXII

Que se deve fazer, quando se cahio no vicio da deshonestidade
SE succeder que por desgraça, ou talvez por malicia, caias neste vicio da sensualidade, não tens mais remedio, para que não ajuntes peccados a peccados, que correres com toda a pressa possível á confissão, sem fazeres outros exames de consciencia. E

ahi pondo de parte toda a prudencia, e respeitos humanos, á boca chea, e sem rodeios, manifestarás ao Confessor toda tua chaga, e enfermidade, acceitando qualquer remedio, e conselho que te der, ainda que te pareça amargo, puro, e aspero, porque este he o unico meio de sarar, e de convalescer.

Nem dilates, nem defiras esta diligencia, ainda que para ella se se offerecessem mil motivos, e razões; porque se a defirires para mais tarde, tornarás a cahir, e desta nava recachida se seguirá outra maior dilação, na qual tem o demonio grande interesse para poder enredar-te, e enlodar-te mais; porque procedendo da dilação repetidas, e novas quedas, e destas outras novas dilações, de dias passarás a mezes, e de mezes passarás a annos, antes que confesses o teu peccado, e que saias delle. Assim que, muito te encomendo que não deixes apodrecer, e encancerar as chagas, porque terão depois mui difficiloso o remedio.

Sobre os pensamentos que te vierem nesta materia, te advirto, que ainda que sejam pequenos, e leves, fujas delles nada menos que dos grandes; e que em quanto ao perigo, os avalies, e julgues como taes. E posto que claramente te constasse que por te haveres detido muito pouco nel-

COMBATE ESPIRITUAL,
I. E II. PARTE,
ESCRITAS NO IDIOMA ITALIANO
PELO VENERAVEL PADRE
D. LOURENÇO SCUPOLI,
CLERIGO REGULAR,
TRADUZIDAS EM PORTUGUEZ
PELO PADRE
D. THOMAZ BEQUEMAN,
Proprietario da Casa de N. S. da Divina Providencia,
E novamente acrescentado com varias devoções mui uteis ao bem das Almas.



LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA.
ANNO MDCCCLXXX.
Com Licença da Real Mesa Censuraria.

les e por havellos depois fugido, não passarão de peccado venial, todavia não faltes em confessallos affim, manifestando a teu Confessor as qualidades de teu inimigo.

Mas havendo cahido, ou consentido, de modo que a tua culpa chegue a ser mortal, te recomendo muito que corras logo, logo á confissão, não se deixando nunca vencer de vergonha, ou pejo algum.

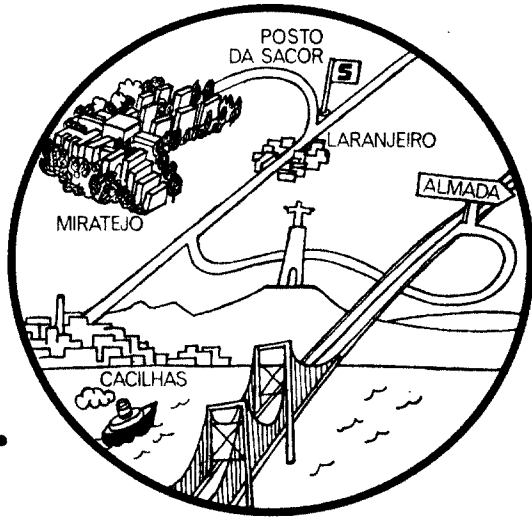


QUALQUER DESTES ANDARES PODE SER SEU

N.º de Divisões	Area (m²)	Entrada Inicial	Prestações Mensais a partir de
2	71,20	—	1.660\$00
3	100,20	—	2.150\$00
4	106,20	—	2.440\$00
5	141,20	—	3.460\$00

VISITE MIRATEJO

INFORMAÇÕES:
DE 2.º A 6.º FEIRA:
NOS ESCRITÓRIOS DA REALIMO, S.A.R.L.
AV. ENG. DUARTE PACHECO, 21 - 3.º B
EDIFÍCIO ANGOLA / TEL. 683246 / LISBOA 1
SÁBADOS E DOMINGOS:
NO PRÓPRIO LOCAL DO EMPREENDIMENTO



A REALIMO REALIZA O SEU SONHO



OM

O medo tem olhos grandes, dizia Cervantes, numa época em que o homem ainda se não mirava para dentro cientificamente. E têm-nos — enormes. Cada um tem por companheiro um medo qualquer. Uns têm medo da escuridão, outros da solidão, da velhice, de fazer má figura, de atravessar a rua, de perderem o cabelo, de serem despedidos, de perderem a virilidade, dos mais novos, da multidão, da altura, dos pais, dos filhos, do mar... Não é possível enumerar todos os receios profundos que habitam em cada homem. Digamos que um dos mais frequentes é o medo da morte, mas o pior, o mais grave, o que liquida, é o medo da vida.

— Por favor, não se importa de ser entrevistado para o «Diário de Lisboa»?

— Ah, hoje não...

Pensei que tinha na minha frente, de repente um «Vip» sem mais nem quê, ao virar duma esquina e insisti:

— Desculpa, é só uma pergunta pequenina...

— Com muito prazer, faça.

— Antes de mais pode dizer-me o seu nome e profissão?

— Mário Monteiro Pereira, médico.

— Sr. doutor, já alguma vez teve medo?

— Já, imensas, graças a Deus.

— Pode objectivamente dizer-me de que teve medo?

— Tenho o medo inconsciente das crianças. Mas tenho medo hoje em dia, de uma coisa.

— De?

— Do cancro.

Hélder de Jesus Almeida Palanque, estudante de Económicas.

— Sim, tive medo quan-

do pequeno, mas agora não, não tenho medo.

— Tem a certeza? Repare que temos quase todos medo de qualquer coisa.

— Olhe, tenho medo, talvez... (medo como sinónimo de receio, está bem de ver) de não conseguir na vida o que idealizo.

— De mais nada?

— Não.

— Medo físico, terá?

— Depende da situação. Não me considero nenhum super-homem.

Aproximei-me duma varina.

— Não se importa...

— Não, não faço. Sabe sou muito nervosa, não sei dizer coisa com coisa e...

— Já está a dizer tudo; não tem importância nenhuma. Sabe o que eu queria perguntar? Se a senhora tem medo de alguma coisa.

— Tenho nervos, sou muito nervosa.

— Pois, a senhora é nervosa, mas além disso, tem medo de alguma coisa?

— Eu tenho medo. Olhe: tenho medo de tudo! Ainda há bocado estávamos a falar do tremor de terra que houve lá fora. Começo a pensar, sou muito pensativa, e olhe, pronto. Tenho medo dos trovões... tenho muito medo e respeito.

— De mais nada? São as únicas coisas de que tem medo?

— Tenho medo da morte e da velhice.

— Porque é que tem medo da velhice e da morte?

— Olhe, porque tenho. Não é bem medo, tenho que morrer. Sou muito nervosa, começo a pensar e depois, tenho medo.

— Uma coisa: não tem medo da polícia?

— Não. Isso não tenho.

— Como anda a vender peixe pelas ruas...

— Não, não tenho. Ainda assim graças a Deus nunca fui incomodada.

— Por favor pode dizer-me o seu nome?

— Custódio da Silva Henriques Santos.

— Muito obrigada.

A seguir surpreendi



Medo escondido com o rabo de fora assusta duas vezes...

uma dona de casa que tinha acabado de besuntar a cara com o creme de beleza e que se apressou a tirar o avental e a desculpar-se de estar assim. Entrei e perguntei:

— Não se importa de ser entrevistada para a «Mosca». Conhece o su-

plemento «A Mosca» do «Diário de Lisboa»?

— Conheço perfeitamente.

— E de vir a sua fotografia no jornal, não se importa?

— Não sei, julgo que

não sou muito fotogénica.

— Descanse, minha senhora, não a vou propor para nenhum concurso de beleza.

— Sem dúvida, mas mesmo assim acho que não fico muito bem.

que
“te
olho
grande
visto pelo
de toda a gen
por R. Nobr



Diz-me do que tens medo e dir-te-ei quem és...
Eu sou... o que sou!



MEDO? MEDO? MEDO? De quê



Quem tem medo é medroso. Eu não sou medroso, mas tenho medo...

Medo

que
em
nos
ndes"

pelos olhos
gente e captado
obre de Melo



Se não fosse a gente ter medo, de que teríamos nós medo?

— Pode dizer-me como se chama?

— Nair.

— Nair, só? Mais nada? Não se importa de dizer o resto?

— Nair Ferreira.

— Ah sim, concerteza?

Já tive medo muitas vezes...

— Pode-me dizer o seu medo ou os seus medos? Toda a gente tem medo de qualquer coisa.

— Neste momento em que se fala tanto em tremores de terra, estou ou-

tra vez aflitíssima que possa suceder connosco também.

— É só disso que tem medo?

— Não, tenho medo de inúmeras coisas mas para quê falar agora nisso.

— Diga, sempre...

— Bem, em princípio e por educação não acredito no sobrenatural mas sucede que há uns tempos para cá acordo com medo não sei de quê. Com uma sensação desagradável de que não estou sózinha no quarto.

— E na realidade está só?

— Estou.

— Ah sim, isso é deveras desagradável. Sentir-se e acompanhada por alguém que não está lá, não dá muito jeito...

— Ando com medo de estar sózinha. De resto, da morte, de outras coisas não tenho medo. Olhe, só tenho medo das agruras da vida, das dificuldades do dia a dia, do impossível que nós fazemos para vencer sem o conseguir.

— Não consegue?

— Quem é que vence totalmente? Todos nós fazemos alguma coisa, mas pouco. Muito pouco para aquilo que pensávamos fazer.

Verdadeiramente é disso que tenho medo.

Muito abrigado.

//

É tratador há 6 anos dos animais do Jardim Zoológico, o sr. Acácio Neves Cruz.

Disse o seguinte:

— Se tenho medo? Não. Olhe, dos animais não tenho medo nenhum, estou familiarizado com eles...

— Pois, mas sem ser dos animais, tem medo de alguma coisa?

— Não, não tenho mais medos nenhuns. Sem ser dos bichos, olhe posso é ter medo dos homens.

Automaticamente os homens matam à tração e um animal só faz mal se nós lhes fizermos mal. O homem já não é assim.

//

Um construtor civil — sr. Arnaldo Sousa. Disse e fez fim a pé.

— Não tenho medo de nada graças a Deus. Amanhã não sei, mas até hoje nunca tive medo.

— Nem sequer quando era pequenino?

— Que eu me lembre nunca. Fiquei sózinho sempre a qualquer hora da noite e não houve novidade.

— Muito obrigada.

//

O senhor é arrumador de automóveis e á nossa pergunta se não se importava de dizer umas palavrinhas para o «Diário de Lisboa», ensinou-me direitinho a Rua Luz Soriano. Percebi que o homem era surdo e expliquei o que queria. Atemorizou-se um bocadinho mas eu disse-lhe que eram umas perguntinhas sem importância e ele colaborou francamente arrastado por mim para debaixo dum alpendre pois começava uma chuvinha impertinente a cair.

Nunca teve medo de nada.

— Nem sabe o que isso é?

— Bem, a gente diz que não tem medo, mas há certas coisas que nos metem um bocado de respeito, não é?

— Importa-se de me di-

zer o que poderia impor-lhe esse respeito.

— Não minha senhora. Não.

— Nem sequer tem medo que lhe roubem um dos automóveis que o senhor guarda?

— Não senhor, a responsabilidade não é minha

//

Dr. Bandeira Duarte. Médico.

— Senhor Doutor, por favor, tem medo?

— Basta a minha condição humana para ter medo. O medo é uma questão muito subjectiva. Mas desde que o homem tenha uma comunhão com Deus concerteza que esse medo humano desaparece.

//

Eduardo Rau.

— Pode dizer-me a sua profissão?

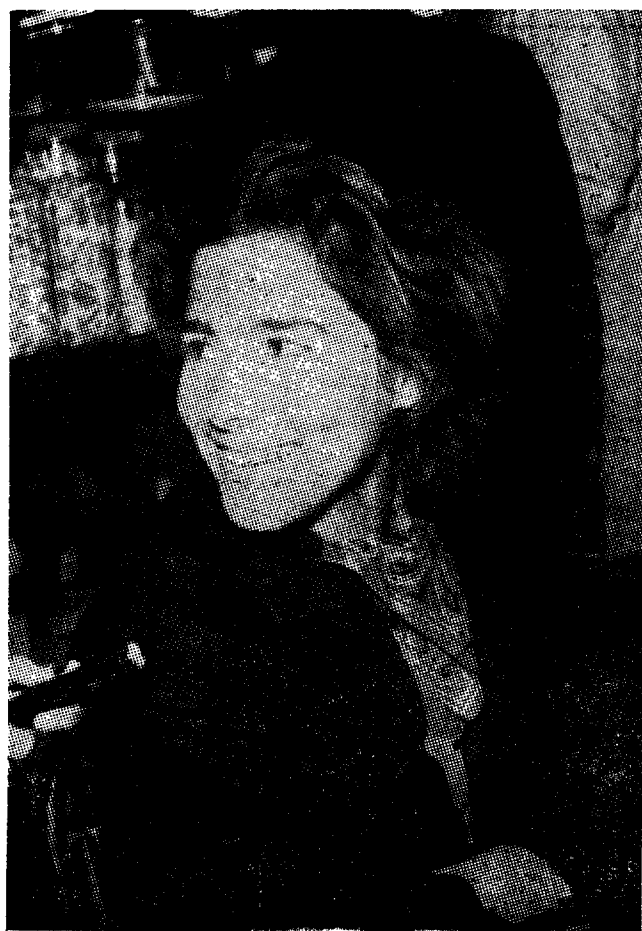
— Sou comerciante mas isso cai mal. As pessoas estão mais habituadas a serem engenheiros, doutores... Mas olhe, já está a gravar? Porque senão, já pensei mudar essa resposta e diga antes: Toda a gente me trata por engenheiro ou Dr. sem que eu seja uma coisa ou outra.

— Tem medo de alguma coisa?

— Não. Um homem nunca tem medo.

— De nada Rau, tem a certeza?

— Tenho medo da velhice, por que sabe, vivo só. É um complexo. Mas também, vejo por aí tantos acompanhados que não são mais felizes...



Mais vale um medo na mão que dois a voar... O pior é que eu tenho dois na mão...



MEDO? Sei lá o que é isso. O que eu tenho é só medo...



Quem tem medo dos lobos da Nair?

DIÁLOGO À TARDE

(FRUSTRADA) REPORTAGEM (FRUSTRADA) de: Conceição Gomes da Silva

FOTOS DE: J. Tavares

18 HORAS

UMA NEBLINA TÊNUE salpica, irreverente, os passeios da cidade.

Longe, o castelo vetusto de glórias e grandezas contempla majestoso as 7 colinas de Ulisses.

E à mesa do café, depois de contactar-mos com treze entrevistados, quedamo-nos cheios de mágoa e movidos pelo espanto.

Treze seres humanos dos 23 aos 70 anos revelaram-nos o mundo anónimo das qualidades potenciais que a Divindade legou aos Homens e que a Vida acabou por amantear.

E à mesa do café, dizíamos nós, de frente àquilo que para nós representa a Alegria e a Frescura, os olhos profundos do rosto que amamos perguntam-nos na sua muda linguagem:

— Afinal é isto a Humanidade?

— Não, respondemos nós. A Humanidade é um lago de água pura e cristalina, a que as doces pedradas desses olhos emprestam ondulação, entusiasmo e a crescente felicidade dos círculos concêntricos animados da tragédia eterna e imutável que à vida conferem o Destino e o Acaso do Nascer e do Morrer sem a ambivalência das coisas por estruturar.

A Humanidade é a escada de Jacob com Anjos e videntes e demónios e sonhos! Da Humanidade fazemos nós parte, nós repórter dum vespertino, às 8 da tarde matraqueando a velha máquina de escrever, fiel à cruzada iniciada pelo grande Gutenberg.

Nós, de quem nunca permitem que falemos, intérprete constante e tenaz do dia-a-dia, sem possibilidade de escrever sobre a nossa realidade interior que nos persegue.

Nós, a quem as grandes rotativas não realizam, possuindo como somos pelo génio literário e obrigado profissionalmente a escrever a metro!

Nós, que se não fosse uma hecatombe de factores adversos ficaríamos na perennidade da História! E temos muita pena.

(Arre, que já enchi duas colunas! Diabos me levem se conseguirmos meter tudo na página!)

GENTE QUE PASSA NA RUA

José António Barnabé tem uns olhos líquidos e azuis. Sorri-se contentíssimo quando lhe dizemos que somos do jornal. Replacou-nos:

—Sou bagageiro há 5 anos, e antes disso era caixeiro comercial. Em pequeno queria ser mecânico, mas os meus pais não puderam pôr-me a aprender. Hoje já tenho 36 anos e já não posso seguir outra carreira senão esta. Se tivesse um ofício sempre era melhor que isto, mas mesmo assim estou contente. Tenho ideias de me estabelecer.

Interrogamos Maria Filomena Varela Luc, empregada de «boutique», uns enormes olhos e, querendo ser modelo, refutou-nos:

— Para onde é a pergunta?

— É para «A Mosca».

— Uma revista, é?

— Não, um suplemento. Costuma ler o «Diário de Lisboa»?

— Às vezes. Mas o que eu leio são as palavras cruzadas do «Diário Popular». Faço tentações de me realizar como modelo. Sou corajosa e quando me tocam na cabeça tenho que fazê-la. Tenho o 5.º ano e adoro a profissão que tenho (riso bem disposto). O Leonard Bernstein — adoro.

— Então não se esqueça de se ler na «Mosca»!

— 'Tão 'tá bem. No sábado vou comprar esse livro (riso bem disposto).

Edward A. Krowtz, muito idoso, profissional de seguros, americano, saboreia uma chávena de chá e responde-nos:

— Sou completamente feliz com a profissão que escolhi. Em pequeno queria ser médico, mas não fui por uma questão de dinheiro. «By the way», importam-se de me mostrar as vossas carteiras profissionais?

Salvador Machado, empregado de mesa no Hotel Florida há 8 anos, objecta-nos solícito:

— Escolhi esta profissão porque não tinha outros meios para procurar melhor. Sou doente das pernas, sabe, e se tivesse possibilidades de deixar esta profissão (onde me canso muito) deixava. Mas tenho 41 anos e na nossa terra costuma-se dizer que um homem aos 35 é velho...

Mrs. Koziol, canadiana, não quis retrato. Retorquiu-nos:



AS FILHAS DA VISCONDESSA

4

ERA REALMENTE, POSSÍVEL que a viscondessa não soubesse tudo a respeito da vida da filha. Ninguém sabe nada acerca dos outros e o ser humano é uma incógnita, como dizem os poetas e os que, não tendo estudado, consideram — com razão, no que se refere ao seu caso pessoal — que tudo é uma incógnita apenas compreensível pelos que têm «sensibilidade». Digam-se

de passagem, que não faltava «sensibilidade» à viscondessa — esse dom não lhe fora recusado pela vida que a levava até ao terceiro ano do liceu e que por lá a deixara armada da inevitável «sensibilidade» e da inevitável «intuição» com que os culturalmente menos dotados tentam superar a educação que lhes faltou. Foi, até, a «sensibilidade» que lhe valeu naquele instante.

Com que então, o visconde afirmara que um tal Oliveira Martins ousara difamar a Carlota Joaquina? É certo que não compreendera bem a conversa e que o marido, por vezes, ao referir-se à Lotinha, parecia estar a falar dum outra pessoa — uma vez, por exemplo, afirmara que ela tinha uma bigodada digna de uma embarcação — mas lá que ele dissera aquilo do Oliveira Martins era

incontestável. Pois bem desse por onde desse, vingar-se-ia do dito Oliveira Martins. Para isso, porém, tinha de o descobrir. Seria o pai-dele? Seria o lambido do balcão dos queijos e enchidos do supermercado? Seria aquele moço de cabelo comprido que defendia sempre — e sempre com o mesmo ardor — os últimos «ismos» importados e que, por isso mesmo, era conhecido pela alcunha de «o catavento»? Se fosse esse, era fácil dar com ele, já que passava o dia na «Mimosa de Algés» a ler as páginas literárias dos diários da cidade.

Oliveira Martins...

Oliveira Martins...

O nome não lhe despertava a sensibilidade nem lhe acordava a intuição. Era capaz de ser alguém de ou-

tro bairro — do Areeiro, por exemplo, onde viviam, ao que ouvia, muitos Martins, Sousas, Fonsecas, Monteiros, Melos (não os da C. U. F., evidentemente...) Costas e outros da mesma laia.

De qualquer forma tornava-se necessário encontrar esse Oliveira Martins.

Reconstituindo, na cara e na alma, a expressão néo-realista que reservava para as ocasiões em que se impunha pegar na realidade de caras (para a pegar de cernelha, tinha uma expressão mais doce) a viscondessa levantou-se dum salto.

O visconde, que não esperava este gesto abrupto, recuou um passo, francamente assustado. Não gostava daqueles rompantes da mulher. Uma vez, há já alguns anos, dera-lhe

um ímpeto daqueles e aparecera-lhe no quarto, a meio da noite, a falar dos direitos da mulher.

— Onde vais?

A viscondessa respondeu-lhe, já a meio caminho da porta:

— À cozinha!

Não houve tempo para mais conversas porque a viscondessa bateu com a porta da sala e seguiu, corredor fora, direita à porta da cozinha onde a Maria — uma pequena de 16 anos nascida e criada ali no bairro — acabava de deitar sal no feijão guisado. (A viscondessa, dizia, por vezes, encolhendo os ombros para mostrar o seu desdém pelo mundo em decadência: «Nos bons tempos só a criadagem comia feijão guisado, mas agora, com o mundo nas mãos dos jacobinos e dos ateus, pa-



— Sou feliz e realizada. Não tenho profissão, sou só casada

★

Álvaro Louro Avelino, delegado de propaganda médica, 40 anos, contrapôs-nos:

— Desde os 25 anos que quis seguir esta profissão. Gosto de lidar com medicamentos, porque acho que contribui para o bem-estar público. Sinto-me plenamente realizado.

★

Dr. Giuseppe Guaraldi, director do Turismo italiano em Portugal, recebe-nos cheio de amabilidade e, no seu português de sotaque italiano, diz-nos:

— Sempre trabalhei em Turismo, desde que me tornei em Jurisprudência. Hoje estou perfeitamente integrado na profissão. No entanto, estudei música e gostaria de ter sido maestro, mas estava-mos em guerra e a mentalidade dos países não via futuro na actividade artística. Hoje a música é o meu «hobby». Não sei se estaria hoje mais feliz se fosse músico. Mas no fundo do meu coração tenho pena de não ter seguido por aí.



José Gamboa, actor de teatro, a quem encontrámos à porta do Café Monumental, redarguiu-nos:

— Nasceram-se os dentes no teatro e sabia suficientemente qual era o meio teatral para o detestar — nessa altura em que o ambiente era um paraiso comparado com o que é hoje! — Estudava então Direito, mas desde que, por um acaso, me estreei como actor, as condições profissionais obrigaram-me a desistir do curso

— Considera-se realizado?

— Posso considerar-me realizado e com muita felicidade, atendendo a que não usei processos sub-reptícios para atingir um lugar de primeiro plano. E, verdadeiramente, aquilo que eu gostaria de ser era esquiador para viver na Gronelândia.

★

(Ora, abóbora, os outros 5 já não cabem, que se lixe, já não entram. Estafa-se um talento e as oportunidades vão sempre para os mesmos! Mas ainda há-de ouvir falar de mim! Se um espaço miserável como este se dá a alguém!)

★

E a cidade, atrevida e fria arrebatava a contemplação dos noctívagos.



A

VAREJEIRA

PRECISAMOS URGENTEMENTE DE TÉCNICOS. O País, ao ensaiar os primeiros passos do longo caminho que tem de percorrer para ficar equiparado aos restantes países da Europa — com um atraso que ninguém poderá contestar — carece de quem saiba pôr as máquinas em movimento e conservá-las em movimento.

O problema tem carácter de urgência, mas não se resolve facilitando o acesso a diplomas e canudos, como não se resolve facilitando cursos. É que não precisamos de diplomados e de encanudos — do que precisamos é de técnicos.

O diploma e o canudo ou são certificados de conhecimento num ramo preciso do saber humano, ou são meros papéis sem qualquer valor. É nas fábricas, nos laboratórios e nas oficinas que precisamos de técnicos e não nas tabelas das estatísticas. Repetimos: o País precisa de técnicos. Se faltarem cadeiras a alunos por qualquer dos motivos acima indicados ou por quaisquer outros, não há diplomas legais que promovam esses alunos a técnicos, porque nem se aprende por decreto nem, por decreto, se adquire a qualidade de técnico. Por decreto só se adquire o que a ninguém interessa: o título legal de técnico. O resto, o que a todos interessa, só se adquire quando o maquinismo do ensino público está suficientemente bem estruturado para que os alunos tirem proveito dos cursos que frequentam.

Para subsistirmos na Europa do futuro, temos de travar uma rija batalha, que tem por único campo a escola de hoje.

Que ninguém se iluda julgando que basta facilitar o acesso a diplomas, para que essa batalha seja vencida.

Que ninguém se iluda julgando que essa batalha se ganha, suprimindo disciplinas ou cadeiras por decreto.

Que ninguém se iluda.

ra não falar dos comunistas...).

Ao ouvir os passos da viscondessa, a Maria fez um esforço tremendo para regressar à cozinha porque, em sonhos, picara a cebola e cortara o chouriço nos braços do namorado, debaixo duma árvore frondosa da Mata de Benfica, para onde o atrevido, a levaria com falinhas mansas, artes e artimanhas de empregado de mercearia batido em criaditas e árvores frondosas.

Que diabo queria a patroa áquela hora? Teria ela dado com o pé dos últimos dois meses cuidadosamente acumulado e escondido debaixo do tapete da sala? Pois que lhe comprasse outra pá de plástico, que aquela já tinha um ano de uso e o rebordo tão dentado que nem com rezas recebia pó.

A viscondessa não perdeu tempo.

— Conhece a quem chamamos Oliveira Martins?

Temos o caldo entornado, pensou a Maria que em dois namorados antes deste, tivera um chamado Martins a quem dera duas camisas do patrão que todos julgavam terem sido levadas pelo gato duma das vizinhas.

— Oli... vei... ra... Mar... tins... Assim de repente...

— Vá, puxe pelo bostunto.

— Não estou muito certa... só se for... eu conheço um Martins, mas não sei se ele também é Oliveira...

— Que faz ele?

— Trabalha.

— Onde?

— Na barbearia «Estrela Azul», mesmo de frente daquela senhora que apanha malhas.

— Com que então trabalha numa barbearia...

A viscondessa adquiriu rapidamente a certeza que lhe faltava. Os barbeiros — quem o não sabe? — são célebres pelo talatário de forma que o tal Oliveira Martins que se metera com a Carlota Joaquina não podia deixar de ser aquele. A Lotinha, a sua Lotinha, na boca dum barbeiro!

— Largue tudo e vá imediatamente dizer a esse homem que preciso de falar com ele. Diga-lhe da minha parte que venha cá imediatamente. Se não vier mando a Polícia buscá-lo.

— Largo tudo?

— Tudo!

— E se o feijão se pega?

— Que se pegue! Acha que o feijão é mais importante do que a reputação da menina Lotinha?

— Então a menina está com isso outra

vez? A senhora quer que eu lhe coza um rabinho de pescada para o almoço?

— Um rabinho de pescada para o almoço?

A viscondessa deteve-se, já a sair da porta, a pensar naquela frase da Maria. Que diabo queria ela dizer com aquela do rabinho de pescada para o almoço? Súbitamente fez-se luz no seu espírito perturbado. Há coisa duns meses a Lotinha sofrera do estômago — a juventude, agora, tem a mania das dietas — e a Maria tivera, uma noite, de ir a correr chamar o farmacêutico. Agora, ao ouvir falar da urgência, certamente pensara que a Lotinha fora novamente atacada de indigestão. Esta gente do povo, pensou a viscondessa, está muito atrasada, muito atrasada. Quase que é preciso ter uma linguagem

especial para falar com eles. Enfim, «noblesse oblige»...

— Estou a falar da reputação e não da indigestão da menina Maria.

Rua fora, a caminho da «Estrela Azul», a Maria foi a cocar naquilo. Como é que eles teriam dado pelo desparecimento das camisas? E como é que teriam adivinhado que ela as dera ao Martins barbeiro (na altura da prenda, ainda ele era aprendiz)? De qualquer forma não a podiam acusar de mais nada e já lá estava há quase três anos. Duas camisas de poneline em três anos não era coisa de por aí além. Mas que não pensassem em acusá-la de mais nada, que ela nisso não ia. Aquilo da tal reputação da menina Lotinha cheirava-lhe a esturro. Se ela a perdera fora com cer-

teza na rua, porque nunca a vira lá em casa, de maneira que não pensassem em acusá-la de lha ter roubado. O que a preocupava acima de tudo, porém, era o facto de ter de voltar a falar ao Martins. Se o namorado soubesse... Já tivera cinco namorados e começava a tornar-se difícil caçar outro porque mulher que tem dois homens já não serve a nenhum, como dizem as comadres e ela já tivera cinco namorados. Este, para se acartelar, não queria ser visto na rua com ela «para os amigos não se rirem», de forma que tinha de tomar cuidado. Se a menina Lotinha perdera a reputação que juntasse dinheiro para comprar outra, tal como ela andava a juntar dinheiro para comprar uma colcha. O que interessa é o bom nome de cada um e não a sua reputação — o resto são tretas.

exija **MACIEIRA** Old Brandy

RESERVAS DESDE 1885

O comboio é um animal ronronante, comprido e chato. Ronronante porque, dançando sobre carris mal nivelados, é como uma cadeira de balanço, cujas articulações mal aparafusadas provocam ruídos que poderiam, muito bem, substituir o inferno para as almas condenadas; comprido, porque tem cada menos que catorze carruagens; chato, porque chateia viajar nele.

Num comboio destes é que vai Marlène. Sentada a um canto da segunda classe, maldizendo o destino, enrola-se no casaco de malha, puxa a saia até ao meio da canela e tiritia, porque o aquecimento está avariado.

A história da viagem é fácil. Farta da máquina de escrever e cansada das noites no «Buda Bar» («Que já deu o que tinha a dar») pediu quinze dias de férias, que lhe foram prontamente dadas (o patrão é dos bons) e ei-la a caminho. Férias na Primavera? Okarilal Viva o luxo!

Para onde vai aquele comboio? (Eis o que o segundo autor deste cadáver esquisito vai dizer

a partir do subtítulo seguinte).

A CALMA DAS AREIAS DOIRADAS

Marlène chegou ao Algarve como quem desagua num oásis. Hospedou-se na Pensão La Romântica, uma pensão que ficava no topo de uma colina, com o mar a umas dezenas de metros.

Ainda combatida do desamor do Pontes, deu em passear pelos campos e em sentar-se sob as figueiras retorçadas.

Em breve se apercebeu de que, naquela terra os porcos eram pretos. Lembrou-se do Minho, onde já tinha passado umas férias, e comoveu-se com a ideia de que os porcos, aí, eram brancos... Com um sentimento de desgosto, dormiu, com a ajuda de sedativos, durante três dias. Comia, bebia água mineral — e cama.

Terminada a cura de sono, resolveu ir banhar-se no mar e ficar estendida na areia sob aquele sol de cartaz. Que bom!

Passavam os dias, es-

FÉRIAS NÃO SÃO REMÉDIO

CADÁVER ESQUISITO

DE T. OF THE LIGHT & PETER SNAKE - 3

trelavam-se as noites — e ela ia-se dando conta de que o coração voltava ao ritmo suave das pessoas sem paixões devastadoras. Estava a libertar-se, a libertar-se lentamente, da odiosa imagem do «Pontes da brilhantina». Lia muito «A Mosca», embora não entendesse lá muito bem as ironias subtis das suas páginas... Mas lia — e tal coisa chamou a atenção de um cavalheiro respeitável que também andava por ali a passear tristezas desconhecidas. E, assim, aconteceu que... (Entral)

Aconteceu que, ao passear, uma tarde, á beirinha do rio, em Olhão, enquanto fazia tempo para o jantar (e, depois deste, iria forçosamente ao «La Romântica» ouvir uns faduchos, dançar um pouco e ver, com os próprios olhos, strip-tease á algarvia, feito por gente do Norte — a coisa mais anti-erótica que ainda se inventou para a contemplação dos humanos), aconteceu, dizíamos, que lhe adveio, de subito, uma vontade enorme de se meter num barco... Meter num barco pa-

ra quê? Não, decerto, para uma noite de pesca. Não, decerto, para partir rumo á Terra Nova com destino á pesca do bacalhau. Nada disso. Apenas por uma questão sentimental. Habituada á leitura da «Crónica Feminina», do «Capricho», da «Ilusão» e coisas quejandas, adquirira uma predisposição lírica para entretenimentos bucólicos — escape, como já ouvira dizer a um artista seu amigo (um «caso» dos muitos que já lhe proporcionara o «Buda Bar»), para a «angustia existencial» que a caracterizava.

Como satisfazer, porém, esse apetite ancestral de viajar que, caracterizando a sua raça (portuguesa de gema, embora com nome de guerra estrangeirado), tinha sobre si especial incidência, agora que atravessava uma crise de «bucolite» aguda? Nada mais fácil! Fretaria um bote!

UM TELEFONEMA À NOITINHA

Quando regressou á Pensão La Romântica

vinha feliz da vidinha. Ia deitar-se e eis que a chamam ao telefone.

«Estou...» — disse ela.

«Eu também estou...» — disseram do outro lado do fio.

Era a voz do cavalheiro respeitável — voz que continuou assim:

«Se você está e eu também estou, então é porque estamos os dois...»

«Estamos os dois...?»

«Estamos os dois apaixonados.»

«Nem o seu nome sei...» — hesitou Marlène.

«Aqui o fem: João Viaduto...»

Marlène estremeceu: a palavra viaduto lembrou-lhe a palavra ponte. E ponte — Pontes!

Desatou num choro desalmado com soluços e ranho, e viu que, afinal, não estava curada da paixão etelvinica. Com voz molhada, disse ao telefone:

«Nada pode ser, Duarte Pacheco!»

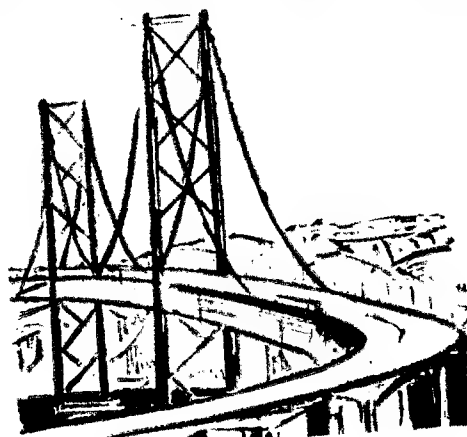
«Como?! Como?! — gaguejava, do outro lado do fio, João Viaduto.

Para que daqui por 5 anos não diga

Ai se eu soubesse!...

Compre já com todas as facilidades de pagamento o lote de terreno para a sua sonhada casa.

Na URBANIZAÇÃO VILALEGRE (LOTES APROVADOS) PARA VIVENDAS



A 15 MINUTOS DE LISBOA

» 10 KM DE SESIMBRA A

» 15 » DO CABO ESPICHEL

» 5 » DA LAGOA DE ALBUFEIRA

» 10 » DA COSTA DE CAPARICA

» 5 » DA AUTO-ESTRADA SUL

VOCE ENCONTRA O QUE NECESSITA PARA AS SUAS FÉRIAS OU PARA A SUA RESIDENCIA PERMANENTE, POIS TEM: ESTRADAS ASFALTADAS — ELECTRICIDADE — TELEFONES — ÁGUA CANALIZADA

Informações: António Xavier de Lima

BASTA TELEFONAR PARA OS TELEFONES 27 49 66, 27 43 05, 27 19 53 NOS DIAS ÚTEIS OU PARA O 221 08 56 NOS DOMINGOS E FERIADOS E TERÁ A SUA DISPOSIÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO UMA CONFORTÁVEL VIATURA QUE O TRANSPORTARÁ NUMA VISITA AGRAVÁVEL A ESTE MAGNÍFICO EMPREENDIMENTO; OU ENTÃO DIRIJA-SE AOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:

NA ESTRADA NACIONAL 10, N.º 6-1.º

COVA DA PIEDADE

COLÓQUIO

DE COMO SE MATA A FOME

Deixem-se estar sentados. Ora bem. Vamos falar de fome e para já devo adiantar que todos os tratadistas da fome desde Malthus a Josué de Castro foram sempre pessoas bem comidas, diria mesmo anafadas, o que se compreende, pois um tipo não consegue pensar, escrever ou fazer comunicações à Academia das Ciências com a dita cuja vazia. Nem na Semana Santa que eu saiba. Por isso não admira que eu vos esteja dirigindo a palavra no meu pós-prandial vulgo arrota pelintra faz-te lorde, o que se compreende, pois se homens de gênio como os supraditos foram ou são pessoas de bem comer eu um gajo comum não poderia fazer este colóquio com a barriga a dar horas. Mas adiante. Há várias fomes «lato sensu». Há por exemplo fome de conversa que é o que têm os tipos como vocês que não sofrem de fome da outra, há também fome de sangue e muitos, muitos tantos outros tipos de fome. Mas agora o que nos interessa é, mesmo a fome de comer, aquela que na clandestinidade dá pelos pseudónimos de larca e traça e que em suma para usar uma linguagem neokantiana joga com as estruturas do ser «em» e «para» a bucha. É de fome de comer que vamos falar portanto.

A fome é uma instituição social que apareceu como necessidade inevitável ao progresso da humanidade. Senão vejamos: no princípio não era nada o verbo, era á balda mas uma balda arrotativa e sem fome. O arroto era livre. Um tipo caçava comia não caçava lerpava. A fome aparece com o ócio. Um tipo juntou umas cabeças de gado fez uma cerca de arame farpado e deixou de caçar. Passou a descansar apenas. Com fome? É o eras! Com a respectiva bem atestada. Mas em face deste sociocondicionalismo fazia-se mister arranjar pessoal, em suma, criar uma instituição — a fome. E por razões várias mas principalmente para ter a quem dar. É assim. A fome que era filha do ócio por parte de pai é também filha da filantropia por parte de mãe. Voltando à vaca magra e digo magra porque falo de fome. O tipo que já não caçava por via daquela fartura era o ocioso, a mulher nos intervalos do descanso matava a fome á pobreza, quer dizer, era a filantropia. Parece a letra dum fado meus senhores, mas penso que estou a ser claro. Continuando. Os pobres são pois filhos desses dois senhores, numa palavra, do senhor ócio e da senhora filantropia, ou para sermos mais comestíveis diremos que os pobres entroncam na mesma árvore genealógica daqueles dois senhores — a riqueza e dado que a fome é a comida dos pobres pois estes praticamente só comem nas horas vagas concluímos que, não obstante ao tempo não haver registo civil, os pobres são herdeiros legítimos da riqueza, reconhecidos ou não é um problema que não nos cumpre a nós dilucidar. Filhos de pais incógnitos é que eles não são! Mas não se ficou por aqui.

Já na nossa era o numero de pessoas com fome aumentou, porquanto passou a ser mais fácil um camelo das arábias passar pelo buraco de uma agulha do que um tipo com pastas entrar no reino dos céus. Quer dizer, maralha que tinha acções no nariz e nos pés do mundo começou a dar tudo ficando sem nada e passando a pobre e os pobres aumentaram. Hoje há quem não entenda atitudes do género havendo também quem conteste aquela verdade supra, aliás estupidamente.

Claro que se trata de um raciocínio simplista e sem interesse de maior para o nosso estudo. Mas afinal quase que nos perdiamos em especulações de carácter histórico e metafísico quando o que nos aqui trouxe foram as diversas formas de matar a fome.

Neste capítulo diremos que também há mil e uma maneiras mas prendam-nos às mais vulgarizadas.

a) Um tipo tem 10 paus o que de modo algum dá para almoçar, comprar cigarros e jornal (sim porque um gajo falido lê sempre o jornal na esperança daquele anúncio). Ora bem. Um tipo entra num «snack» alinha-se ao balcão e diz: «tinha-me um fino». O empregado tira o fino. «Olhe por favor uns tremochitos». O empregado serve o tremochito. Um tipo repete mama três pires de tremochitos dá ainda cincoções de gorja e da próxima o empregado arruma de certeza com quatro pires em vez de três. É a chamada tremochoterapia. Dos 10 ainda sobra pra tabaco de Nitro e se for sábado ainda tem pra ler a Mosca onde de certeza encontra outras variantes no comportamento a tomar no futuro a saber.

b) Um tipo sabe que tem um amigo de quem foi colega na primária que chegou a deputado. Mora na rua X, Vai-se lá precisamente às horas de repasto. Um tipo limpa os pés toca a campainha entra e diz: «la a passar aqui por acaso e pensei, o tempo que não o vejo desde o tempo em que me deu a lista para o voto... e resolvi fazer esta visita de médico só para «te» ver tanto mais que pensava que almoçavas mais tarde». «Ora, ora, com todo o prazer vamos almoçar connosco». A esposa do amigo insiste «coma connosco». «Bem já que tanto insiste e para não ir prá lavagem». É a chamada latoterapia.

c) Outra — um tipo quer ir á bola mas se for aperta o cinto e desfalece o almoço e jantar de domingo. Que fazer? Um tipo vai mesmo á bola! No intervalo arruma dois cartuchos de castanhas quentinhas e mete uma gasosa. Como o Benfica perde á saída do estádio as castanhas malta gasosa pesam no estômago vinte vezes mais e um tipo arrota que se farta. Tá comido; É a castanhoterapia.

d) Um tipo deu o nome num serviço de emprego. Passam meses e nada. Ao fim de um ano recebe um postal «compareça nos nossos serviços para assunto de SEU interesse á hora

tal». Um tipo dá um salto com o postal na mão, a mulher vira-lhe o colarinho e os punhos limpa-lhe o fioco da semana e domingo, ele afia a lamina num copo que «tem» como recordação duma festa da fnat e no dia lá está rigorosamente asséptico, «mandaram-me cá e eu vim». «Pois sim, ainda está desempregado?» «É verdade». «Pois nós desejávamos saber isso apenas para efei-

tos estatísticos». «Esta-qué?» «Estatísticos, outro senhor!». É a estatisticoterapia.

e) Um tipo anda mesmo arrasquinha cheio de fome vertigens vontade de palmar e tudo, arma-se em papalvo dá dois gritos, vem um agente e reboca um tipo — refeições asseguradas com um ensalivar aliante dada a incógnita das ementas. É a dentoterapia.

Meus senhores podíamos falar de fome até ficarmos com ela mas o tempo não nos permite tanto mais que temos ainda a 2.ª parte com perguntas e intervenções vossas. Cumpre-nos dizer entretanto que todas estas formas são apenas paleativos que não matam mesmo o bicho, adormecendo-o se quiserem. É que a dita como disse é uma instituição necessária. Daí eu contestar os ilusórios ideários que

pretendem acabar com ela. A fome é um mal necessário e como tal abolirá todas as fronteiras: Esta a única certeza.

Meus senhores! Antes de passarmos propriamente ao colóquio eu sugeria dado o adiantado da hora um intervalo no bufete onde atacaríamos umas xandes e varreremos uns finos extra-programa. Até já.

MANUEL RUI

EXCURSÃO DA C. P. URGEIRIÇA — VISEU SERRA DA ESTRELA 11 e 12 de Abril

Comunica-nos a C. P. que realiza nos dias 11 e 12 de Abril, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Urgança, Nelas, Viseu, Penhas Douradas, Manteigas, Nave de Santo António e Seia, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Urgança.

Preço da excursão completa, 620\$00.

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos os programas descritivos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VEJA O SEU CORPO
TRANSFORMAR-SE

EM
17
DIAS

DEIXE DE ADMIRAR
O FÍSICO DOS OUTROS

O dobro do volume dos seus músculos em 4 semanas — ERKOSTRONG.

Até aos 17 dias já a sua silhueta estará completamente mudada com o «ERKOSTRONG».

O aparelho que a REPRESENTAL, LDA, se orgulha de apresentar em Portugal, é exclusivo.

Seja também um homem másculo e atlético.

Para isso, necessita apenas de dispor de 15 minutos diários em sua casa, e dum aparelho «ERKOSTRONG».

Uma descoberta que revolucionou a cultura física em todo o mundo.

Extraordinário na diminuição de volume do ventre dilatado.

Para todos os indivíduos dos 17 aos 60 anos, MAGROS OU GORDOS.

Recorte ou copie este cupão remetendo-o num postal ou carta e receberá literatura gratuita sobre este sensacional aparelho.

A ENVIAR À:

REPRESENTAL
PRAÇA DO CHILE 15-16
LISBOA - 1

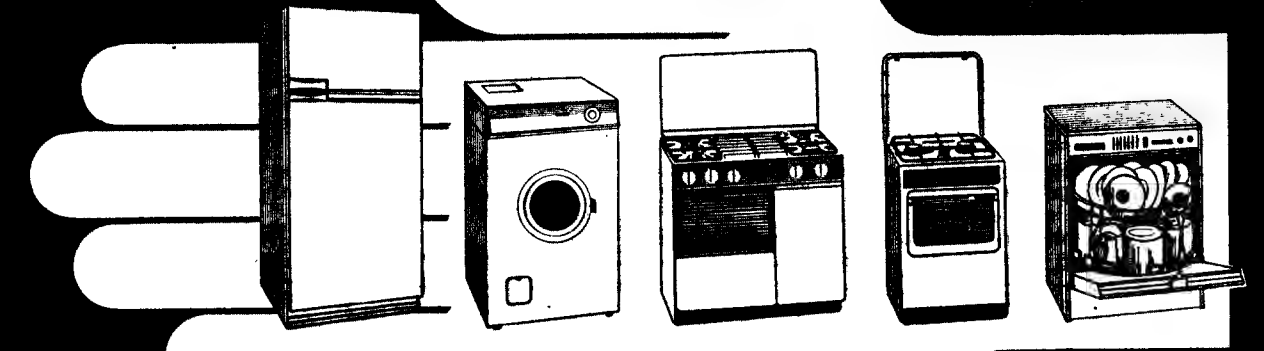
NOME
MORADA
LOCALIDADE

NA SUA MÃO A FAMOSA LINHA ITALIANA

Reecchi

• Frigoríficos
• Máquinas de lavar roupa
• Fogões
• Máquinas de lavar louça

ALTA QUALIDADE
AOS MELHORES PREÇOS



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

RAFAEL BURQUETE, LDA. R. ANTÓNIO ENES, 20 F. LISBOA * AV. Dr. ALFREDO MAGALHÃES, 99 - PORTO

A VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

O MEU AZAR



EU TENHO UM AZAR BESTIAL desde que nasci sim porque já não vou nessa de ter vindo de Paris que se eu tivesse vindo de Paris tinha boas notas a francês e a verdade é que tive outro me. diocre também não sei porquê sim porque eu copiei o ponto inteirinho do da Crista e ela teve um suficiente menos também o que faltava era que lhe tivessem dado um suficiente mais com aquele borrão que ela levou meia hora a pintar em cima daquela palavra que ela não sabia escrever e a verdade é que o meu borrão não ficou tão bom mas para fazer borrões propósitosados não há como as canetas de aparo o que me deixou foi ter ido de esterográfica para o ponto mas para escrever nas paredes não há como as esterográficas eu e a Crista tínhamos combinado escrever «A DONA LAURA DA HISTÓRIA PÁTRIA É PARVA» nas paredes do corredor depois do ponto porque essa D. Laura é uma que tem uma borbulhona na ponta do queixo e que nos deu mediocres a história por a gente ter perguntado quanto é que o D. Afonso Henriques pagou para atravessar o Tejo com as tropas todas quando foi conquistar o Algarve sim porque ninguém se sata ainda no Domingo tomos à Outra Banda no Opel do meu primo e foram logo quarenta pilins ora para as tropas passarem deve ter custado muito mais o que vale é que nesse tempo não havia máquinas de fazer contas como as que há agora que se dá à manivela fazem pilim pilim e mandam cá para fora com o papel que tem as contas todas já feitas eu se me sair a sorte grande compro uma máquina dessas para levar para as aulas o pior é que não me pode sair a sorte grande porque para a comprar é preciso pilim e eu só tenho pilim se me sair a

sorte grande a isto é que se chama um beco sem saída ora foi por causa das tropas do Afonso Henriques que eu me tramei mais a Crista porque a gente resolveu escrever a verdade nas paredes mas quando lá chegámos já lá estava uma da segunda turma a escrever a verdade sobre a D. Isabel das Ciências na parede que era «A D. ISABEL DAS CIÊNCIAS É PARVA» porque essa D. Isabel tinha-lhe dado um medíocre por ela não saber a lei dum chamado Lavoisier o que é uma grandessíssima injustiça porque esse tal Lavoisier nem sequer é professor da turma dela eu já uma vez me tramei por causa dum chamado Pitágoras que nem sequer é nome de homem é mas é nome de gato de vizinha das provincias mas isso agora não interessa o que interessa é que a gente dividiu a parede em três partes uma para cada uma escrever a sua verdade e quando estávamos a ver a obra sim porque não há nada como ver a verdade à nossa frente aparecerem duas professoras e logo aquelas aquelas eu nem digo o que elas são para não me cortarem a palavra mas está-se mesmo a ver que foram a D. Isabel e a D. Laura é preciso ter azar e ficaram danadas o que é uma grandessíssima injustiça porque porque se as pessoas gostam de ver os seus nomes no jornal ainda deviam gostar mais de os ver nas paredes não é verdade mas elas não gostaram isso posso eu jurar porque levaram-nos logo à reitoria ora toda a gente sabe como são as reitoras sim porque se elas não fossem como são não chegavam a reitoras o pior é que uma das coisas de que as reitoras gostam menos é de paredes com verdades lá porque não sei eu por mim até gosto e

tenho aprendido mais nas paredes do que nos livros isso é que é verdade o resto é treta é claro que aquilo deu um sarilho danado estava-se mesmo a ver a reitora disse-nos coisas muito tristes mesmo muito tristes coisas que não se dizem a quem se preza saímos da reitoria muito ofendidas e aplicaram-nos faltas de castigo o que é outra grandessíssima indecência porque se a gente foi para a escola para aprender a escrever não deviam castigar-nos quando a gente escreve "lá-lá" alguém entendê-los mas a indecência maior veio depois quando a gente dois dias depois soube que elas tinham escrito para nossas casas a dizer aos pais para irem lá falar com elas isto é de mais então os pais entregam os filhos aos professores para não terem chatices e vai eles continuam a chateá-los o meu pai é funcionário não é visitador de reitoras e se tiver de passar o dia nas reitorias trabalha mal se calhar é por essas e por outras que a gente houve certas coisas que por aí se dizem pelo menos lá na Graça que é onde eu moro enfim o meu pai foi lá e está-se mesmo a ver o que aconteceu foi bumba no toutiço bumba no toutiço bumba no toutiço que nem sou capaz de me sentar como deve ser nas duas nalgas tenho de me chegar toda para a esquerda e a Crista está na mesma quem se safou foi a tal da segunda turma parece que os pais dela não lhe tocam porque ela tem uma coisa chamada frustração lá o que isso é não sei mas quando ela faz qualquer coisa até lhe dão chocolates a Crista e eu temos andado a pensar nisso e também vamos arranjar uma coisa dessas na segunda-feira.

GUIDINHA

CONTO a gotas

O CAVALEIRO ANDANTE A PÉ

por MARIO ZAMBUJAL

Todos lhe chamávamos O Cavaleiro Andante e Pa-
 porque ele tinha sonhos híplicos, sempre ambicionava
 ter um cavalo mas nunca ousava mais que trotar pelos
 seus próprios meios.

O Cavaleiro Andante a Pa-vilha obcecado por essa ideia só, que tinha quatro patas e comunicava através do relincho. Mas ele era assim, como o velho, semi-camente débil, o tempo ia passando e nada.

No entanto, fazia-se um círculo. No "cale", onde nos reuníamos, o moço do "saco" se sentava: montava. Escarranchava-se no chão, a espadilha virado para a frente, virado para as crianças, enquanto com os pés, tocava no de leve na madeira com sela estolada. garupa do seu torço de

E nós sentíamos que ele não estava conosco: que já lá lá a desfilada por praças e bosques

Começamos a ter medo que o homem se passasse.
Já não sei quem foi, numa noite de boa vontade,
lançou para a mesa esta proposta alarmante:
"Se não apressarmos de cavalos".

Metade do grupo deu um passo à retaguarda. Que o seu dinheiro não era para cavalos. Que um cavalo

deveria custar um dinheirão. Que o Cavaleiro Andarilho
a P. andaluz, de autocarro que saia mais em conta.

Outros insistiram. Faziam uma subscrição. Talvez tivessem cavalos em saldo ou pelo menos em consignação com garantia. Nem quem fosse o dono do Torredão.

Acabou por vencer a aranha pechincha, e a prestação comprou o pãozinho besta, castanha e leite que deixara a um furo, a uma distância de muitos galopes.

Mas era um cavaleiro e o senhor garantiu-nos que
era um muito bom.

A stylized illustration of a landscape. In the foreground, there are rolling hills or clouds represented by simple curved lines. A single, dark, stylized tree stands prominently in the center. The background consists of more rolling hills and a sky area filled with horizontal hatching lines. The overall style is minimalist and graphic.

paralelo, um dos que tinham esportulado de ma

Montana

Fosse come Jesse, o fosse come... Audre e J.P.

Fosse como fosse, o nosso Cavaleiro Andante e o P. passava a ser um Cavaleiro Andante. Certo. Que é como quem diz: realizava-se.

Deixámos o cavalo no campo, claro, porque não quem quer mais cavalos na cidade. Só dissemos ao

cavaleiro, trouxe um bom pedaço, e quando chegamos ao local e lhe apresentamos o parceiro, se não chorou andou perto.

Caravero e Savato estavam mesmo sem ação, até que a nota ignorante nos levou a colocar um em cada um.

O que se seguiu foi um espanto: o nosso amigo, em pânico, muito amarelo, estendeu-se todo sobre o bicho, na ambição suprema de não cair. De tão estendido e tão amarelo não parecia um homem, a cavalo.

no cavalo mas sim um pvo a cavalo no bife?

Até que o bife deu dois golpes, o ovo enterrou-se de cabeça, foi uma gritaria, uma confusão. Com o

1.2.3.1

★

mas todos viam que nunca mais queria cobriadis.

mas todos vinhos que nunca mais queria coboradas

★

Moral (linha de ter) da hiltóna, quem se mete em cavalarias altas, as vezes estêdo-se ao nível do cavalo.

**MUDARAM
TUDO
OUTRA VEZ**



**ENCONTRADO NO PORTUGAL DESCONHECIDO
O PADRÃO DO**

«COBRA»

**COM TODOS OS SEGREDOS CULINÁRIOS
E AS NECESSÁRIAS APROVAÇÕES GASTRONÓMICAS**

Em Vila de Rei todos os caminhos vão dar ao Cobra e no Portugal Desconhecido este é um novo roteiro



da a literatura comemorativa com placas e mais placas — no mercado municipal (que é dedicado «à Grei»), no parque, no Jardim Infantil — enfim, toda uma praga de ornatos a medallhar a tranquilidade de uma vila cuidada e acolhedora.

Donde teria vindo esta fúria literária? A Melga pôs-se a tecer hipóteses, rebuscou monografias e apurou que naquelas paragens nasceram Joaquim Manso e Cardoso Pires. Mas o estilo destes escritores conterrâneos não se ajusta lá muito à prosa gongórica das placas: perante isso, tudo leva a crer que Vila de Rei é apenas uma região de prosadores clandestinos que escolheram o mármore camarário como *mass medium* de eleição. daqui para a frente já não há placa, mosaico ou versinho de seminário que possa sobressair o forasteiro...

Não há bela (serrana) sem senão

António Cobra, estalajadeiro cem por cento beirão, trata do seu restaurante com a magnanimidade de um peninsular: acolhedor sem subserviências, simples e directo no convívio e muito, mas mesmo muito orgulhoso da sua terra e dos seus segredos gastronómicos.

Segredos bem simples, por sinal — mas que seguem religiosamente uma tradição de influências árabes onde a hortelã figura como sublinhado fundamental e onde não cabem os disfarces habituais das ementas dos *snacks-bars* nem as deturpações aventureiras dos cosmopolitas restaurantes que tantas vezes dão pelo nome de «típicos».

Não. Ali, nada na manga, nada no

bolso. Os *maranhos* (buxo de cabra com recheio de arroz — um prato que já foi descoberto e premiado em Lisboa) ou os *miolos* com rim ou o *borrego* no lomo são especialidades incorruptas, servidas com a abundância e o prazer dos antepassados lavradores de saudosa memória. Depois há o vinho (um tudo-nada opaco mas de perigosas insinuações...) e, para terminar, a frase sacramental com que António Cobra recebe os visitantes e que, por si só, põe à prova o saber e a verdade da sua cozinha:

— Se conhece algum prato da Beira, diga que eu preparo-lho amanhã.

Agora é o cliente que está em causa. Se é realmente *gourmet* e sabe quanto vale uma morcela assada à maneira beirã ou uma leitoadá de carne de porco; se alguma vez saboreou um autêntico cozido com os «tudos» do arroz branco, os ossos do espinhaço e as rodela de paio; se conhece as «tijeladas» ou os torresmos frescos. — então tem em António Cobra um conversador à altura. Pode sentar-se e ganhar fôlego para resistir às doses com que ele o vai sobrecarregar.

Um conselho apenas não espere nos maus versos que estão no enorme prato por cima da lareira. Parece que é vício da terra, a má literatura e se não há bela sem senão, este *virismo*, como fica no fundo do prato, esquece-se facilmente com a perfumada, saudável e honesta comida de O Cobra.

Realmente, um estalajadeiro destes mereceria que alguém lhe prestasse as homenagens com que um dia um poeta como Lopes Vieira imortalizou uma certa Senhora Maria Laranjo, cozinheira da praia da Nazaré.

MESMO NO CENTRO DO PAÍS, em Vila de Rei, há um Portugal Desconhecido que se chama O Cobra. Não vem no mapa turístico, não tem rancho típico (felizmente) mas por obra e graça do acaso demos com ele e consideramo-lo uma das grandes descobertas pós-henriquinas. Ali, meridiano da quase esquecida gastronomia beirã, come-se com verdade e sem truques de baixo folclore. Paga-se pouco (o que é sensacionalmente desconhecido neste nosso Portugal) e bebe-se razoavelmente. O pior são os versos. Como adiante se verá...

A inflação comemorativa num roteiro a descobrir

O Cobra, restaurante limpo e sem pretensões será, com a Igreja da Misericórdia um dos raros atractivos de Vila de Rei, terra também limpa e acolhedora mas, pelos vistos, com pretensões de mau gosto, a começar pelo cognome turístico de *A Bela Serrana*. Como título de opereta ou de folhetim da Dona Sarah Beirão não se poderia ter arranjado melhor.

Mas a natureza resiste a muitos atentados literários, e a verdade é que quando se percorrem os quarenta quilómetros que separam Abrantes de Vila de Rei, a ampla e repousante paisagem da Beira abre-se sem rodriquinhas de folhetim, pura e essencial, como a hospitaleira cozinha do mestre António Cobra.

Já lá vamos, à culinária. Primeiro fazemos alto na Vila do Sardoal que Gil Vicente pôs um dia em verso e que ficou ilustre por causa das maravilhosas pinturas da Igreja da Misericórdia. Prestemos homenagem aos mestres quinhentistas e passemos à Pedra Furada, esse vale entre pinheiros com as suas piscinas naturais, seu miradouro bem cuidado e o saudável perfume da resina.

Estamos nisto, em paz com a natureza e a dignidade do homem, quando tropeçamos num azulejo com versos de baixa elegia regionalista. São os primeiros — e quase que valia a pena transcrevê-los se fossem merecedores da «Flor do Mau» de qualquer concurso poético de novos ricos acompanhados à guitarra coimbrã. Mas nem isso. E adiante.

Adiante está Vila de Rei e ali abun-

a MELGA no Prato



A MELGA NO NIMAS

Ó ISABEL, OLHA O RELÓGIO!...

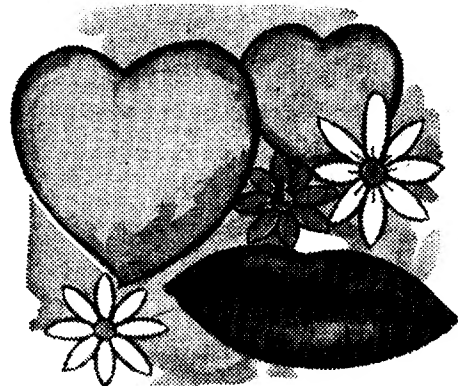
...Não faz mal. É um Destino Marca a Hora à prova de água.

1.

É e não é. Porque desta vez o mecanismo volta a mostrar que só é à prova de água porque nasceu enferrujado. Isto é: só não enferruja o que enferrujado está.

2.

O Destino Marca a Hora ou o culto do relógio. Logo no generico um autêntico



mostruário dos relógios de Lisboa. Na rua, na loja, na estação de caminhos-de-ferro, no hospital.

3.

Houve quem dissesse que o filme havia sido patrocinado por uma fábrica suíça. Más línguas! Inveja é o que é. Qual era a fábrica de relógios que se arriscava a tanto?

4.

VERSOS:

O Destino marca a hora pela vida fora — que havemos de fazer! — O que rege a sorte agora foi escrito outrora logo ao nascer. O relógio marca o tempo de viver — Todos nós somos iguais. Se o Destino nos condena não vale a pena lutarmos mais.

O passado nunca volta, podes crer o futuro não tem dono. Toda a flor, por mais bonita, há-de morrer quando chega o seu Outono!

Temos hoje p'ra viver toda uma vida Amanhã — que longe vem! — A saudade está escondida Num Destino por medida p'ra nós dois e mais ninguém!

5.

A história é melodrama intenso. Daquelas que mal começa, a gente sabe logo como acaba. O que não sabe é quando acaba. Lá nisso este Destino era (é) mesmo fatídico. Meia hora antes de acabar, já há gente que pensa que está na altura de terminar (gente pouco exigente, entendam-se!) Todos pensamos, porém, que o Tony de Matos, depois de ter sido Paulo Falcão, e sendo já Miguel de Freitas, vai encontrar a Isabel de Castro (não a Isabel do olho o relógio, que não tem nada a ver com esta — isto por causa das confusões, que nós até gostamos da de Castro, só temos é pena de a ver sempre envergonhada e triste, durante todo o filme), ali chamada Helena. Mas não. Os miúdos fazem das suas. Puxa daqui, enxada acolá e não há meio de fazerem encontrar a mãe mais o pai, que todos estão mesmo a ver que são feitos um para o outro, só eles é que não.

6.

Dois planos de história — uma canção — três planos sem história — uma canção — meio plano cheio de história e vin-



te e quatro planos sem história — uma canção — dois planos — uma canção — uma história sem planos — uma canção — uma canção com história — um plano sem canção — um cantor — um filme (?) — um destino marca a hora — que havemos de fazer?

7.

MAIS VERSOS:

Todos:

Aos domingos o céu é mais azul

Rapazes:

Não há livros p'ra estudar nem professores p'ra ralar!

Todos:

Aos domingos o céu é mais azul

Rapazes:

Mesmo o sol parece querer brincar! Aos domingos o céu é mais azul.

1.

Tony:

Vamos tentar antonicear o carrossel e cavalgar como «cow-boys» um bom corcel!

Há um «rallye» dos automóveis de brincar. Vamos correr os três aqui — Quem será que vai ganhar?!

ESTRIBILHO

Aos domingos... etc.

11

Tony:

Podemos ver um cisne branco a passear 'tê pode ser que vá connosco até ao mar!

E descobrir um novo mundo tentador talvez até nos vá surgir outro novo Adamastor!

ESTRIBILHO

Aos domingos... etc.

8.

O que é o cinema para Henrique Campos, o realizador de O Destino Marca a Hora? Já o disse várias vezes: uma história simples, com um enredo que não preo-

cupa ninguém e seja acessível a todo o povo. Em suma: cinema comercial. Além disso, que fazer se o público do que gosta é do que ele lhe dá?

9.

Glauber Rocha, cineasta brasileiro que não tem nada a ver com este Destino: Dar ao público o que o público quer representará uma forma de conquista ou bem uma forma de exploração comercial do condicionalismo acultural do próprio público?

O cinema é uma indústria que gera cultura. (...) O cinema, inserido no processo cultural, deverá ser, em última análise, a linguagem de uma civilização.

(...) Em minha opinião, trata-se de uma



falta de respeito pelo público, por subdesenvolvido que seja, criar coisas simples para um povo simples. O povo não é simples.

10.

Todos:

Aos domingos... etc.

11.

MAIS VERSINHOS: (à segunda vez)

Não tinhas que me agradeces vês se me esqueces — Tudo tem fim! — Agora que me conheces Foge de mim!

12.

(à parte): Atitude acertada!

LAURO ANTÓNIO

DECLARAÇÕES DE HENRIQUE CAMPOS

- Penso que o realizador tem responsabilidades grandes para com o produtor, em relação ao dinheiro por ele investido na produção. Produzir trabalho que faça render esse dinheiro é função primordial, e cada vez mais, até para apagar a onda de descrédito que paira sobre o cinema nacional, tanto entre o público, como entre os produtores (...)
- Ninguém abre um comércio ou uma indústria para benefício do povo. O povo não se educa gratuitamente. O filme é um negócio e quem esquecer a sua importância comercial está a rebentar com a indústria e com a profissão. É evidente que ninguém arrisca 1000 ou 1500 contos para educar o povo e ter mela dúzia de espectadores sentados na platela (...)

(in «Século Ilustrado» de 5 de Outubro de 1968)

HENRIQUE CAMPOS

«O Destino Marca a Hora» não é o primeiro filme de Henrique Campos. Quem assim pensava estava enganado. Ora veja-se a sua filmografia: Nasceu, como qualquer mortal, em 1909. Como realizador de filmes de fundo fez:

- 1946 — UM HOMEM DO RIBATEJO
- 1949 — RIBATEJO
- CANTIGA DA RUA
- 1952 — DUAS CAUSAS
- 1953 — ROSA DE ALFAMA
- 1954 — QUANDO O MAR GALGOU A TERRA
- 1956 — PERDEU-SE UM MARIDO
- 1958 — O HOMEM DO DIA
- 1959 — A LUZ VEM DO ALTO
- 1963 — PAO, AMOR E... TOTOBOLA
- 1964 — A CANÇÃO DA SAUDADE
- 1968 — A ESTRADA DA VIDA
- 1969 — O LADRÃO DE QUEM SE FALA
- 1970 — O DESTINO MARCA A HORA

Inéditos:

- A MALUQUINHA DE ARROIOS
- OS TOIROS DE MARY FOSTER
- Uma co-produção, em 70 mm, com a AFRICA DO SUL

FICHA TÉCNICA

TONY DE MATOS	PAULO FALCÃO e MIGUEL DE FREITAS
ISABEL DE CASTRO	HELENA
ANABELA	CRISTINA
HENRIQUE VIANA	JORGE
VITOR MENDES	BRITO
ALICE CARLA	EDUARDA
ALBERTO PIMENTA	JOSÉ PAULO
JORGE MANUEL TORRES	VITOR

Participação especial de:

EUGÉNIO SALVADOR	RUI
IVONE SILVA	RITA
NICOLAU BREYNER	HENRIQUE

FICHA ARTÍSTICA

DIRECTOR DE PRODUÇÃO	JORGE GONÇALVES
CHEFE DE PRODUÇÃO	MANUEL MARQUES
OPERADOR	AURÉLIO RODRIGUES
1.º OPERADOR	JOSÉ PEREIRA
FOCOS	FERNANDO NELSON
ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO	CONSTANTE MARQUES
ANOTADORA	CELESTE FERRARI
ANOTADOR ESTAGIÁRIO	JOSÉ MANUEL PAIS
CARACTERIZADORA	ADELAIDE CARVALHO (MONIQUE)
FOTÓGRAFO DE CENA	JOÃO MARTINS
SOM DE REFERÊNCIA	JOSÉ DE CASTRO
MONTAGEM	FERNANDO SANTOS
CENÁRIOS E DECORAÇÃO	BARATA DE CARVALHO
SOM	HELIODORO PIRES e LUIS BARÃO
ESTÚDIOS e LABORATÓRIOS	NACIONAL FILMES
	TÓBIS PORTUGUESA



Exactamente como nós pensávamos...

As entrevistas:

1) O beatle John Lennon, entrevistado pelo «L'Express», declarou que devolvera uma condecoração que lhe fora conferida pela rainha Isabel em 1965, como protesto contra as guerras do Vietnam e da Nigéria e... e... e... para atrair a atenção do público porque o seu disco «Cold Turkey» estava a perder terreno nas listas de popularidade...

«A MOSCA» não comenta porque nunca teve ilusões acerca dos



Obrigam-nos a pensar nele à força...

motivos que levam o beatle John Lennon a actuar desta ou daquela forma.

2) Entrevistado na sua suite do «George V», o mais que célebre e celebrado médico sul-africano dr. Barnard, saiu-se com algumas respostas que merecem ser registadas.

— Acha que precisa desta publicidade toda, professor?

— NÃO FUI EU QUE LHES PEDI PARA ME VIREM ENTREVISTAR, POIS NÃO?

— Acha razoável que um homem da sua envergadura seja associado à Gina Lollobrigida?

— ENTENDE QUE POR EU SER OBJECTO DE TANTA PUBLICIDADE, DEVO PERMANECER MATRIMONIALMENTE INFELIZ TODA A VIDA?

E. U. — «A MOSCA» publicou recentemente um artigo intitulado cujo autor teceu alguns comentários sobre a onda de irracionalismo que alastra nos E. U. e muito especialmente na Califórnia. Segundo o autor deste artigo, a tecnocracia ocidental está criando indivíduos que não estrutura culturalmente e que lança para a vida sem dela lhes facultar uma concepção racional e, portanto, cultural. Estes indivíduos beneficiam, por outro lado, de disponibilidades económicas relativamente elevadas e dispõem de tempo livre, factores a que nem sempre os interessados por estes assuntos têm dado a necessária importância. Peguemos num pequeno-burguês sem a menor estruturação cultural, sujeitmo-lo durante anos à influência dos produtos da indústria cinematográfica de Hollywood, enterremo-lo em montões de literatice pseudo-intelectual, convençamo-lo de que os homens se medem pela sua «personalidade» e de que ser mencionado no jornal, seja a que título for, é um título de glória e esse indivíduo acabará por ter características acabará por se dedicar a um esteticismo vazio ou ao culto do oculto ou, mais simplesmente, ao culto da excentricidade e do vestuário. (A propósito de vestuário: quem é que mete ombros à tarefa de comparar os factores económicos, sociais e psicológicos que provocaram o aparecimento dos *muscadins*, dos *inconcevables*, e dos *incroyables* e das *merveilleuses* da Revolução Francesa aos que provocaram o aparecimento dos actuais «preciosos» com que a pequeno-burguesa Carnaby Street celebrou o Welfare State socialista? O tema é francamente interessante, de forma que «A MOSCA» não resiste a sugerir-lo). Para que os seus leitores possam avaliar a gravidade do problema nos E. U., o «MUNDO-MELGA» informa que um dos livros actualmente mais populares na Califórnia intitula-se «OS ÚLTIMOS DIAS DO ANTIGO E GRANDE ESTADO DA CALIFÓRNIA» e titila milhares de mamãs californianas convencendo-as de que o solo em que vivem está a escorregar lentamente para o Pacífico. Isto não é nada, há mais: o grupo que mais dá que falar em S. Francisco tem a pomposa designação de CLUBE MOTOCICLISTA CRUZ DE FERRO

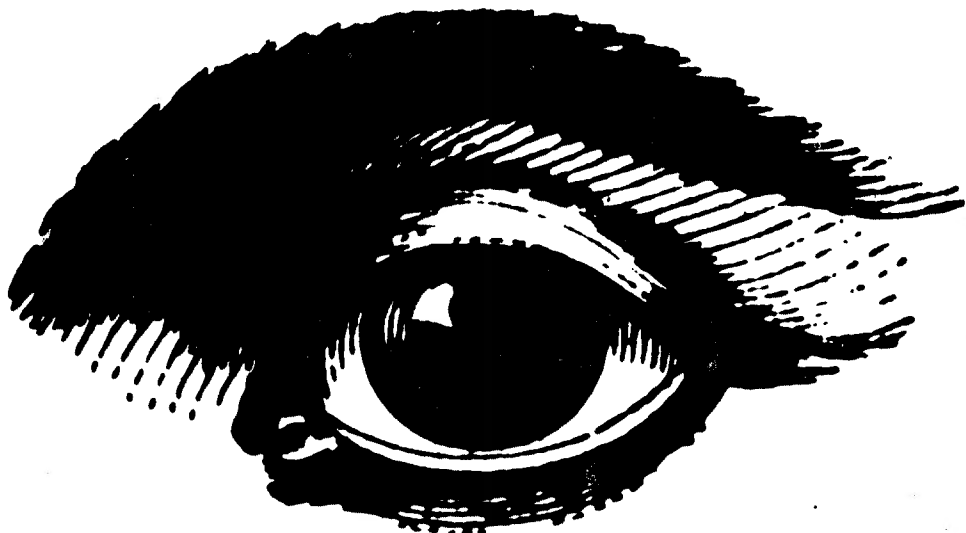
e os seus membros percorrem as ruas agredindo, por vezes quase mortalmente, todos os jovens de cabelo comprido que encontram no seu caminho. Há mais: estão à venda em diversos estabelecimentos de S. Francisco embalagens plásticas, em forma de cruz, cheias de tinta encarnada — pretensamente da cor do sangue — que protegem os que as compram contra os vampiros que pululam, presume-se, em Beverley Hills. Há mais ainda: terminada a dança «Homenagem a Satanás», uma bailarina que se intitula «Princesa Leda Amun Rah» e que é artista principal dum cabaret «especializado» de S. Francisco, retira-se para o seu palacete de Beverley Hills (de Jaguar dourado...) onde preside, na presença dos seus acólitos, a rituais místicos de natureza «diabólica». O mundo desta deusa, note-se, é dum ridículo atroz: o ambiente é francamente comercial, os objectos do culto místico cheiram a papier-maché que tresandam, mas... a bailarina Leda Amun Rah encontrou milhares de adeptos na Califórnia. Inútil será dizer que Leda Amun Rah prega uma doutrina pseudo-intelectual baseada no culto do amor (com pontos de exclamação, como não pode deixar de ser...) no erotismo e na reencarnação. (Os leitores já

tinham, certamente, percebido o jogo...).

Podíamos continuar mas não vale a pena porque a lista dos bons exemplos da Califórnia não caberia na «MOSCA». Vale a pena, porém, transcrever uma carta citada por Craig Karpel num artigo recente. Trata-se duma carta que não deixa dúvidas acerca do que acontece quando o homem se deixa seduzir pelo irracional e que transcrevemos com erros de ortografia mais ou menos correspondentes aos do original: **Gosto de matar homens porque é melhor do que matar animais selvagens na floresta porque o homem é o animal mais prigoso que há de matar e é sempre uma experiência muito excitante... e o melhor é que quando eu morrer renasço no paraíso e todos os que eu tiver morto vão ser meus escravos e eu não acino porque vocês faziam tudo para eu não continuar a colecção de escravos para a outra vida. O Sinal do Sodíaco».**

Alguns leitores dirão que esta carta foi escrita por um doido e «A MOSCA» pergunta: por um doido mais doido do que os inocentes acólitos da deusa Leda Amun Rah? Por um doido mais doido do que os compradores das tais cruzes de tinta encarnada? Onde é que começa a loucura?

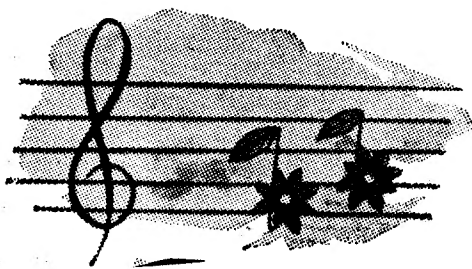
O MUNDO MELGA



Velha vaga



Nova vaga (importada...)

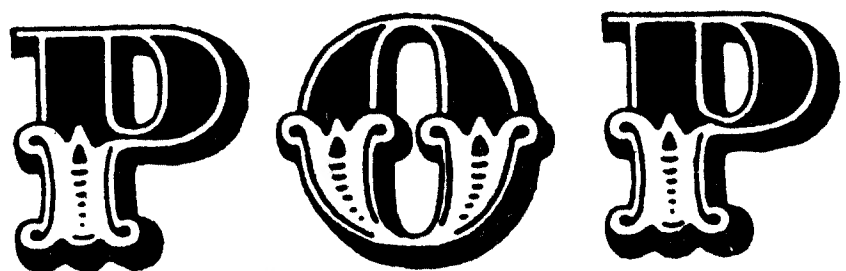


Um júri constituído pelo músico Manuel Jorge Velloso, o crítico José Duarte, o jornalista Neves de Sousa, e secretariado pelo jornalista Adelino Cardoso, atribuiu no passado dia 21 os Prémios da Imprensa de Música Ligeira a José Afonso, José Carlos Ary dos Santos, Manuel Freire e Fernando Tordo.

meira descoberta do Curto Circuito (os outros, o Letria e o Cintra, foram descobertos pelo «Zip-Zip»). Descoberta talvez não seja o termo correcto: Paco Bandeira gravava já, nos estúdios do Movimento Nacional Feminino, uma bobina com algumas das suas escolhidas canções. Paco Bandeira foi, isso sim, o primeiro «lançamento» da «rampa» de Cape Agostinho.

Possuidor de uma voz aveludada, Paco Bandeira divide-se, pelo estilo e pelo repertório, entre Portugal e Espanha. Se quando, «sale-roso», canta em castelhano lhe vislumbramos influências do monumental Raphael quando canta em português ele está, se não próximo, pelo menos a caminho de vir a ser um novo António Calvário.

Em Paco Bandeira o mais significativo é porém o repertório. Autor dos temas que interpreta, ele deu-nos em espanhol uma sofredora



L A R U C H O

Se nos lembrarmos que no ano passado os mesmos prémios foram atribuídos a Lenita Gentil, Tony de Matos e C., concluiremos que se andou depressa neste ano.

Posto o que vamos à prosa e ao estilo de cada semana.

1. PACO A PACO

A juventude é, mais que um estado ou uma fase, uma qualidade. Pode ser-se jovem com qualquer idade cronológica; velhos são os que têm cabelos brancos dentro da cabeça.

Nisto da música há, aqui e agora, novos e novos, isto é, novos mesmo e tipos que nasceram há relativamente pouco tempo. Novos como o José Jorge Letria ou o Deniz Cintra, e novos como Paco Bandeira, o «espajol».

Paco Bandeira foi a pri-

meira descoberta do Curto Circuito (os outros, o Letria e o Cintra, foram descobertos pelo «Zip-Zip»). Descoberta talvez não seja o termo correcto: Paco Bandeira gravava já, nos estúdios do Movimento Nacional Feminino, uma bobina com algumas das suas escolhidas canções. Paco Bandeira foi, isso sim, o primeiro «lançamento» da «rampa» de Cape Agostinho.



5 PONTOS

Há uma tribo asiática que etnólogos e antropólogos quase desconhecem mas que, nestes anos tumultuosos e conturbados merece uma atenção e até um estudo cuidadoso. Trata-se da tribo dos «sinks», que vive alguns nos contrafortes do Himalaia, em território indiano, talvez, ou talvez em território do Nepal ou até do Paquistão. Melhor ainda: a tribo é nómada, anda sempre da casa de Anás para a casa de Caifás, radica-se, segundo as estações do ano e de acordo com as necessidades, em cada destes países e para ela não existem fronteiras políticas rígidas. A sua pátria é a da transumância.

Ora esta tribo é dotada de uma estrutura sociopolítica que nada tem de especial: os mais velhos governam a mini-sociedade e o mais velho de todos é o responsável pela execução dos actos políticos decididos pelo conselho dos gerontes. Simplesmente, simplesmente, e aqui reside a peculiaridade dos «sinks», não há na tribo ninguém mais novo. Evidentemente que nasce gente e morre gente, evidentemente que há os que têm 2 anos, os que têm 20 e os que têm 200: mas são todos velhos, nascem todos física e mentalmente, envelhecidos, debilitados. No momento em que a mãe (velha) os lança ao mundo, os «sinks» têm um metro e cinquenta de altura e cerca de 50 quilos de peso e assim se conservam até que a morte os vem buscar. Durante os primeiros meses de vida, são transportados nuns pequenos carrinhos que recordam macabramente os dos nossos ocidentais bebés e até usam uma espécie de cueiros. Mas depressa estão aptos a andar, a viver e a procurar comida por sua conta e risco. E até a reproduzir-se.

Psicologicamente, o «sink» de 2 de 20 ou de 200 anos é um velho: o seu comportamento, a sua ideologia, as suas idiosincrasias entram no domínio científico da gerontologia. Talvez por isso mesmo, a tribo estabelece por vezes acordos colectivos de trabalho com governos e empresas paquistanesas, indianas ou nepalesas. Em zonas subdesenvolvidas e onde imperam modos de produção arcaicos, os «sinks» são considerados especialmente aptos à vigilância e ao enquadramento do trabalho das gentes normais e saudáveis.

É então vê-los, velhos, reihos e trôpegos, correndo atrás de trabalhadores agrícolas e de pastores tal como, durante séculos e séculos, correram atrás das cabeças de gado ao longo das cordilheiras do Himalaia. São profundamente conservadores e, portanto, fiéis aos que os empregam; não são exigentes, nem têm o hábito de reivindicação; não se sentem solidários dos outros assalariados, nunca aderiram a paralisações de trabalho, antes pelo contrário as reprimiram severamente in nomine domine. São parcós, não têm as necessidades materiais que caracterizam qualquer mortal e estão sempre aptos — de corpo e de espírito — ao dever, ao serviço, ao sacrifício.

Frequentemente odiados pelas populações — e até perseguidos — os «sinks» têm sido obrigados através dos séculos da sua História sem história, à transumância eterna. É por isso que, prudentemente, conservam sempre os seus rebanhos e as suas habilitações desmontáveis, prontos para a partida e para a fuga. Acontece, aliás, que durante anos e décadas, deixam de ser vistos e permanecem nas montanhas vivendo apenas da pastorícia. Mas mesmo aí se conservam fiéis aos que os empregam; os deuses, os costumes, os interesses dos «sinks» são os dos patrões, ou melhor, os dos últimos patrões para quem trabalharam e é em função de ocasionais senhores que vivem e servem. Os observadores mais argutos afirmam que a procura de «sinks» para funções de enquadramento e vigilância de trabalhadores tem vindo a decrescer nestes últimos anos: a modernização do poder do capital exige formas mais sofisticadas de repressão.

